

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA – PROACAD  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**ANGELICA NEUMAIER**

**AS MEMÓRIAS EM IMAGENS E RELATOS: EXPERIÊNCIAS  
ESCOLARES NO ENSINO DE ARTES**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Linguagem e Memória.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Giani Rabelo

**CRICIÚMA-SC  
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

N488m Neumaier, Angelica.

As memórias em imagens e relatos : experiências  
escolares no ensino de artes / Angelica Neumaier – 2018.  
127 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul  
Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação,  
Criciúma, 2018.

Orientação: Giani Rabelo.

1. Ensino da Arte. 2. Gravura. 3. Experiência artística.  
4. Memória na arte. 5. Professores de arte – Formação. I.  
Título.

CDD. 22. ed.  
372.5

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla – CRB 14/1101  
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC





ANGELICA NEUMAIER

**“AS MEMÓRIAS EM IMAGENS E RELATOS: EXPERIÊNCIAS  
ESCOLARES NO ENSINO DE ARTES”**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Criciúma, 13 de dezembro de 2018.

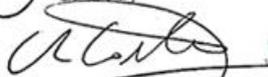
**BANCA EXAMINADORA**

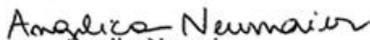
  
Profa. Dra. Giani Rabelo  
(Orientadora - UNESC)

  
Profa. Dra. Juliana Cristina Pereira  
(Membro - UDESC)

  
Profa. Dra. Aurélia Regina de  
Souza Honorato (Membro -  
UNESC)

Profa. Dra. Marli de Oliveira Costa  
(Suplente – UNESC)

  
Prof. Dr. Carlos Renato Carola  
Coordenador do PPGE-UNESC

  
Angelica Neumaier  
Mestranda



Aprendi que o artista não vê apenas. Ele tem visões. A visão vem acompanhada de loucuras, de coisinhas à toa, de fantasias, de peraltagens. Eu vejo pouco. Uso mais ter visões. Nas visões vêm as imagens, todas as transfigurações. O poeta humaniza as coisas, o tempo, o vento. As coisas, como estão no mundo, de tanto vê-las nos dão tédio. Temos que arrumar novos comportamentos para as coisas. E a visão nos socorre desse mesmal.

Manuel de Barros

Também a experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à educação. Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que este ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa além do que vimos sendo.

Jorge Larrosa



Figura 1 – As imagens têm memória - Jardim de margaridas da minha avó materna Elly Borggreve Klaue em Santa Maria no Rio Grande do Sul, com irmãos, irmão e vizinhos da pesquisadora.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

*“Recordo que o jardim de margaridas da minha avó foi a minha primeira sala de aula como professora nas minhas brincadeiras de infância.”*



*[Sobre a paciência]*

*(...) E eu gostaria de lhe pedir da melhor maneira que posso,  
meu caro, para ter paciência em relação a tudo  
que não está resolvido em seu coração.*

*Peço-lhe que tente ter amor pelas próprias perguntas,  
como quartos fechados e como livros escritos em uma língua  
estrangeira.*

*Não investigue agora as respostas que não lhe podem ser dadas,  
porque não poderia vivê-las.*

*E é disto que se trata, de viver tudo.*

*Viva agora as perguntas. Talvez passe, gradativamente, em um belo dia,  
sem perceber, a viver as respostas.*

*Rilke, Rainer Maria. Cartas a um Jovem Poeta.*

Dedico este trabalho aos meus pais Herbert Francisco Neumaier (*in memoriam*) e Berenice Klaue Neumaier (*in memoriam*) que sempre valorizaram a educação e a arte e não mediram esforços para proporcionar uma formação para todos os seus filhos.



## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me proporcionar força e coragem para concluir mais essa jornada.

Agradeço a Deus por poder conviver, mesmo que por pouco tempo, com minha mãe que me ensinou o valor da educação e o amor pela arte.

Aos meus irmãos, que mesmo distantes me acompanharam nesta caminhada.

Ao Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina (Uniedu), pela disponibilidade de recursos para custear uma parte desta Pós-Graduação.

A todos os professores/as do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc, em especial a minha orientadora, a Prof.<sup>a</sup> Dra. Giani Rabelo, que com paciência e incentivo constantes me acompanhou e me ajudou na construção desta pesquisa, uma pessoa especial e uma artista em potencial.

À banca de qualificação nas Prof.<sup>a</sup> Aurélia Regina de Souza Honorato e Juliana Cristina Pereira, pelas importantes contribuições para esta pesquisa.

À professora Fernanda Cizeski, pelas traduções, muito obrigada!

A todos/as os/as colegas do Mestrado em Educação, em especial a Rosani Hobold Duarte e Daniela Maçaneiro Alves, pelas parcerias, amizade que se leva para a vida.

Aos/às professores/as do curso de Artes Visuais da Unesc, pelas palavras de incentivo e pelo companheirismo.

Ao curso de Artes Visuais da Unesc, local que leciono há 22 anos, onde exerço a profissão de artista e docente, nas pessoas dos Prof. Marcelo Feldhaus e da Prof.<sup>a</sup> Aurélia de Souza Honorato, pelo incentivo constante.

Ao Colégio Unesc, que neste ano de 2018 me proporcionou a convivência com as crianças e adolescentes do ensino fundamental I e II, permitindo que eu pudesse desenvolver também a linguagem da gravura na educação básica, questão central desta pesquisa.

A todos aqueles que de alguma forma puderam contribuir para a conclusão desta pesquisa.

Obrigada!



## RESUMO

Este estudo traz uma análise da experiência realizada com os acadêmicos/as do curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc) nos anos de 2013 a 2016, nas disciplinas de Gravura e Pesquisa e Serigrafia e Pesquisa. O objetivo deste estudo é identificar o que os discentes trazem em suas memórias sobre suas experiências escolares relacionadas à disciplina de Artes na educação básica, na forma de relatos e imagens, com o intuito de perceber qual é o lugar da disciplina de Artes e qual tem sido o lugar da gravura no tocante às linguagens artísticas, a fim de compreender o processo de formação para a prática docente no ensino de artes. Na metodologia, o estudo em questão foi desenvolvido dentro de uma abordagem qualitativa e artográfica a partir das produções visuais e das memórias/narrativas dos/as acadêmicos/as. A coleta de dados ocorreu mediante a aplicação de um questionário. Para trazer os conceitos de gravura e o lugar da gravura na história da arte os principais autores são: Catafal e Oliva (2003), Ivins (1970), Pagatini (2012), Costella (2003 e 2006) e Beltran (1990). A arte e o ensino da arte, a partir dos autores Huyghe (1986), Coli (1985), Dewey (2010); sobre memória os principais autores foram: Bosi (2001) e Otto (2012). Para discutir a experiência, os autores abordados foram: Larrosa (2002) e Dewey (2010), Nascimento (2011), Barbosa (2011), Martins; Picosque e Guerra (1998), Fernandez (2013), Fusari e Ferraz (1993), Rosito (2010). Sobre a experiência artística nas disciplinas de Gravura e Pesquisa e Serigrafia e Pesquisa dialogo com os autores Toldo (2010), Martins (2006) e Souza (2017). Para a formação docente, os autores destacados foram Nóvoa (1995) e Contreras (2010). Com base na análise dos dados, observou-se que a gravura é pouco citada como linguagem artística desenvolvida na escola, sendo enfatizado mais o desenho e a pintura. Conclui-se que as linguagens artísticas, incluindo a poética da gravura, necessitam ser mais desenvolvidas nas salas de aula e que cada vez mais o ensino de arte precisa ser valorizado com espaços adequados, como fonte de sensibilidade, empatia e formação na educação básica.

**Palavras-chave:** memória, experiência, gravura, ensino de arte, formação docente.



## ABSTRACT

This study analyses the experience of undergraduate students of the Artes Visuais (Visual Arts) course at Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc) from 2013 to 2016, during the classes of these two fields: "Printmaking and Research" and "Screen Printing and Research". The objective of this study is to identify, through reports and images, the students' memories about their experiences related to the arts subject in basic education. Thus, this study perceives both the place of arts subject and printmaking in relation to the artistic languages to a better understanding of the practice formation process in arts teaching. The study's methodology was developed within a qualitative and artographic approach based on the undergraduate students' memories/narratives and visual productions. To collect the data, a questionnaire was applied. The main authors to bring forth the concepts of printmaking and the place of printmaking in the history of art are: Catafal and Oliva (2003), Ivins (1970), Pagatini (2012), Costella (2003 and 2006) and Beltran (1990). The arts and teaching of arts are based Huyghe (1986), Coli (1985), Dewey (2010); about memory, the main authors were Bosi (2001) and Otto (2012). To discuss the experience, the authors used were Larrosa (2002) and Dewey (2010), Nascimento (2011), Barbosa (2011), Martins; Picosque and Guerra (1998), Fernandez (2013), Fusari and Ferraz (1993), Rosito (2010). On the artistic experience in the subjects of "Printmaking and Research" and "Screen Printing and Research", the authors were Toldo (2010), Martins (2006) and Souza (2017). On the teaching formation, the authors were Nóvoa (1995) and Contreras (2010). Based on data analysis, it was observed that printmaking is little referred to as an artistic language in school, while drawing and painting are more emphasized. Thus it was possible to conclude that artistic languages, including the poetics of printmaking, need more development in classrooms, and art teaching must be improved with adequate spaces as a source of sensitivity and empathy in basic education.

**Keywords:** memory, experience, printmaking, art teaching, teacher training.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – As imagens têm memória - Jardim de margaridas da minha avó materna Elly Borggreve Klaue em Santa Maria no Rio Grande do Sul, com irmãs, irmão e vizinhos da pesquisadora.....	33
Figura 2 – Divulgação do curso de Gravura no Museu de Arte de São Paulo, MASP (1950).....	28
Figura 3 - Cartão-postal de uma pintura de Vincent Van Gogh - Der Bauer (O Agricultor).....	29
Figura 4 – Desenho com lápis de cor (13/09/1972) .....	32
Figura 5 - O Inferno de Dante - Gustave Doré - A Divina Comédia - Nu Masculino - Xilografura (1860).....	45
Figura 6 – Hypnerotomachia Poliphili (1499 – Itália) Impressor: Aldo Manuzio – Xilógrafo: desconhecido .....	47
Figura 7 – S. Miguel em luta contra o dragão (1498 - Alemanha) (do “Apocalipse”) Albrecht Dürer.....	49
Figura 8 – Carimbos indígenas.....	51
Figura 9 – Cartas de baralho .....	53
Figura 10 – Perfil Gráfico das Disciplinas do Curso de Artes Visuais da UNESCO (2016).....	69
Figura 11 – Resultado de uma experiência artística em serigrafia realizada através de uma matriz serigráfica produzida em uma caixa de sapato. Disciplina de Serigrafia e Pesquisa (2º semestre de 2016).....	74
Figura 12 – Resultado de uma experiência artística em serigrafia realizada através de uma matriz serigráfica produzida em uma caixa de sapato. Disciplina de Serigrafia e Pesquisa (2º semestre de 2016).....	75
Figura 13 – Fotografia colorida do Edifício da Escola de Educação Básica Nossa Senhora de Fátima (Rio Fortuna - SC) .....	82
Figura 14 – Imagem em preto e branco do Edifício da Escola de Educação Básica Nossa Senhora de Fátima (Rio Fortuna - SC).....	83
Figura 15 – Imagem com filtro do Edifício da Escola de Educação Básica Nossa Senhora de Fátima (Rio Fortuna - SC) .....	84
Figura 16 – Representação em serigrafia e colagem com barbantes coloridos do Edifício da Escola Municipal de Ensino Fundamental Hercílio Amante (Criciúma - SC) .....	85
Figura 17 – Representação em serigrafia e aquarela do Edifício da Escola de Educação Básica Nossa Senhora de Fátima (Rio Fortuna - SC) .....	85
Figura 18 – Representação em serigrafia e pintura do Edifício do Centro de Educação Profissional “Abílio Paulo” - CEDUP (Criciúma - SC)...	86
Figura 19 – Representação em serigrafia e aquarela do Edifício do Colégio São Bento (Criciúma - SC).....	86

Figura 20 – Educação do Amazonas (Manaus - AM).....	87
Figura 21 – Representação em serigrafia e aquarela do Edifício da Escola de Educação Básica de Meleiro (Meleiro – SC) .....	88
Figura 22 – Representação em serigrafia e aquarela do Edifício da Escola de Educação Básica Pascoal Meller (Criciúma - SC) .....	88
Figura 23 – Representação em serigrafia e aquarela da Escola Estadual de Ensino Médio Dom Pedro de Alcântara (Dom Pedro de Alcântara - RS) .....	89
Figura 24 – Matriz de cologravura realizada com a colagem de diversos materiais como barbante, papelão corrugado, plástico, etc.....	90
Figura 25 – Um Livro – Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola.....	91
Figura 26 – A Bandeira – Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola.....	92
Figura 27 – Boi de Mamão – Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola (Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental José Contim Portella – Criciúma/SC) .....	93
Figura 28 – Comemoração – Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola. ....	94
Figura 29 – Carimbos realizados em borracha escolar – óculos, livros e peça de jogo de xadrez .....	95
Figura 30 – Livros – Representação em carimbo a partir das memórias da escola (Escola de Educação Básica Professora Salete Scotti dos Santos – Içara - SC).....	96
Figura 31 – Óculos – Representação em carimbo a partir das memórias da escola (Escola de Educação Básica Jacinto Machado - Jacinto Machado – SC) .....	97
Figura 32 – Teatro – Representação em carimbo a partir das memórias da escola (Escola Municipal de Ensino Fundamental Paulo Rizzieri no Bairro Boa Vista - Içara - SC).....	98
Figura 33 – Jogo de xadrez – Representação em carimbo a partir das memórias da escola (Colégio Estadual La Salle - Pato Branco - PR)...	98
Figura 34 – Representação em serigrafia e pintura Instituto de Educação Estadual Rubén Darío (Sapucaia do Sul – RS) .....	100
Figura 35 – Representação em serigrafia e aquarela do Edifício da Escola de Educação Básica Nossa Senhora de Fátima (Rio Fortuna - SC) ....	100
Figura 36 – Representação em serigrafia e pintura do Edifício do Centro de Educação Profissional “Abílio Paulo” - CEDUP (Criciúma-SC) ..	101
Figura 37 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica João Frassetto (Criciúma-SC).....	102

Figura 38 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica Coelho Neto (Criciúma-SC) .....	102
Figura 39 – Representação em serigrafia e pintura da Escola Municipal de Educação Básica Arizona (Jacinto Machado – SC).....	103
Figura 40 – Representação em serigrafia e pintura da Escola Ensino Fundamental Cônego João Reitz (Santa Rosa do Sul – SC) .....	103
Figura 41 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica Antônio Colonetti (Içara – SC).....	104
Figura 42 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Ensino Fundamental Prof. <sup>a</sup> Lígia Chaves Cabral (Lauro Muller – SC) .....	104
Figura 43 – Representação em serigrafia e colagem da Escola de Educação Básica Prof. <sup>a</sup> Maria Solange Lopes de Borba (São João do Sul – SC) .....	105
Figura 44 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Ensino Básico Eng. Annes Gualberto (Joinville – SC) .....	106
Figura 45 – Representação em serigrafia e pintura (cera derretida e foil serigráfico) da Escola de Educação Básica Praia da Gaivota (Balneário Gaivota – SC).....	107
Figura 46 – Representação em serigrafia e pintura da Escola Municipal de Ensino Fundamental Jorge da Cunha Carneiro (Criciúma – SC) ...	107
Figura 47 – Representação em serigrafia e giz de cera da Escola Educação Básica Ana Machado Dal Toé (Morro Grande – SC) .....	108
Figura 48 – Representação em serigrafia e pintura da Escola Educação Básica Walter Holthausen (Lauro Müller – SC) .....	108
Figura 49 – Representação em serigrafia e pintura da Escola Educação Básica Professor Pedro da Re (Criciúma – SC) .....	109
Figura 50 – Representação em serigrafia e pintura da Escola Educação Básica São José (São Joaquim – SC) .....	109
Figura 51 – Serigrafia e pintura na imagem de uma escola.....	110
Figura 52 – Serigrafia e pintura na imagem de uma escola.....	110
Figura 53 – Portão da Escola – Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola .....	111
Figura 54 – Árvore – Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola .....	112
Figura 55 – Campo de Futebol - Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola.....	113
Figura 56 – Árvore Colorida – Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola. ....	114
Figura 57 – Menina – Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola. ....	114

Figura 58 – Jardim – Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola.....	115
Figura 59 – Parque – Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola.....	116
Figura 60 – Balanço – Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola.....	116
Figura 61 – A Bicicleta – Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola.....	117
Figura 62 – – Representação em serigrafia e aquarela da Escola Municipal de Ensino Básico Albino Zanatta (Jacinto Machado – SC) .....	118
Figura 63 – Representação em serigrafia e aquarela da Escola Municipal de Ensino Básico Antônio Stuart (Sombrio – SC) .....	118
Figura 64 – Representação em serigrafia e aquarela da Escola de Ensino Básico Castro Alves (Araranguá – SC).....	119
Figura 65 – Representação em serigrafia e pintura do Edifício do Centro de Educação Profissional “Abílio Paulo” - CEDUP (Criciúma-SC) ..	119
Figura 66 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica Dom Joaquim (Braço do Norte – SC) .....	120
Figura 67 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica Humberto Hermes Hoffmann (Nova Veneza – SC).....	120
Figura 68 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica Humberto Hermes Hoffmann (Nova Veneza – SC).....	121
Figura 69 – Representação em serigrafia e pintura do Instituto Federal Catarinense (Campus Sombrio – SC) .....	121
Figura 70 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica João Colodel (Turvo – SC).....	122
Figura 71 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica João dos Santos Areão (Santa Rosa do Sul – SC) .....	122
Figura 72 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Municipal Macário Borba (Sombrio – SC).....	123
Figura 73 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica Manoel Gomes Baltazar (Maracajá – SC).....	123
Figura 74 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica Profª Garcia Pessi (Araranguá – SC).....	124
Figura 75 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica Municipal Nair Alves Bratti (Sombrio – SC).....	124
Figura 76 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica Natálio Vassoler (Forquilha – SC) .....	125
Figura 77 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica (Praia da Gaivota – SC).....	125

Figura 78 – Representação em serigrafia e pintura da Escola Técnica Educacional SATC (Criciúma – SC).....	126
Figura 79 – Representação em serigrafia e pintura da Escola Educação Básica Profª Salete Scotti dos Santos (Içara – SC).....	126
Figura 80 – Representação em serigrafia e pintura da Escola Técnica Educacional SATC (Criciúma – SC).....	127
Figura 81 – Representação em serigrafia e pintura da Escola Educação Básica Waldemar Casagrande (Forquilha – SC).....	127
Figura 82 – Representação em serigrafia e pintura da Escola Educação Básica Lindolfo Collor (Criciúma – SC).....	128
Figura 83 – Telhado - Representação em carimbo das memórias da escola .....	129
Figura 84 – Representação em carimbo das memórias da escola.....	130
Figura 85 – Fachadas – Representação em carimbo das memórias da escola.....	131
Figura 86 – Representação em carimbo das memórias da escola.....	132
Figura 87 – Tempo – Representação em carimbo das memórias da escola .....	133
Figura 88 – Lajotas I – Representação em carimbo das memórias da escola.....	134
Figura 89 – Lajotas II – Representação em carimbo das memórias da escola.....	134
Figura 90 – Lágrimas – Representação em carimbo das memórias da escola.....	135
Figura 91 – Representação em carimbo das memórias da escola.....	136
Figura 92 – Pincéis – Representação em carimbo das memórias da escola .....	137
Figura 93 – Representação em carimbo das memórias da escola.....	137
Figura 94 – Representação em carimbo das memórias da escola.....	138
Figura 95 – Árvores – Representação em carimbo das memórias da escola .....	138
Figura 96 – Brincadeira de Pião – Representação em carimbo das memórias da escola .....	139



## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Estatística de formados/as (até 2017/1) .....	70
Tabela 2 – Síntese da experiência desenvolvida no projeto “Memórias da Escola” (2013-2016) .....	81
Tabela 3 – Síntese da experiência desenvolvida no projeto “Memórias da Escola” sobre as memórias da escola (2013-2016) .....	149
Tabela 4 – Síntese das linguagens citadas pelos/as acadêmicos/as em relação à disciplina de Artes nos tempos de escola.....	151



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	27
<b>1 O LUGAR DA GRAVURA NA HISTÓRIA DA ARTE</b> .....	43
1.1 A GRAVURA NA HISTÓRIA DA ARTE.....	43
<b>2 A ARTE E O ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: HISTÓRIA E MEMÓRIA</b> .....	57
2.1 HISTÓRIA DO ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA.	59
<b>3 O ENSINO DE ARTE NA UNESC E A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA NAS DISCIPLINAS DE GRAVURA E PESQUISA E SERIGRAFIA E PESQUISA</b> .....	67
3.1 A UNESC E O CURSO DE ARTES VISUAIS.....	67
3.2 A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA NAS DISCIPLINAS DE GRAVURA E PESQUISA E SERIGRAFIA E PESQUISA COMO LUGAR DE REFLEXÃO E AÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS .....	71
<b>4 MEMÓRIAS DA ESCOLA: A EXPERIÊNCIA EM IMAGENS E EM NARRATIVAS</b> .....	79
4.1 MEMÓRIAS DA ESCOLA EM IMAGENS .....	80
4.2 MEMÓRIAS DA ESCOLA EM NARRATIVAS .....	140
<b>5 LEMBRANÇAS ESCOLARES SOBRE O LUGAR E O CONTEÚDO DA DISCIPLINA DE ARTES</b> .....	147
5.1 O LUGAR DA DISCIPLINA DE ARTES NA ESCOLA .....	148
5.2 LEMBRANÇAS ESCOLARES: ONDE ESTÁ A GRAVURA NA DISCIPLINA DE ARTES?.....	151
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	159
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	163
<b>ANEXOS</b> .....	169
<b>ANEXO A – MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE ARTES VISUAIS DA UNESC</b> .....	171
<b>ANEXO B – QUESTIONÁRIO</b> .....	173
<b>ANEXO C – DEPOIMENTOS/RELATOS</b> .....	175



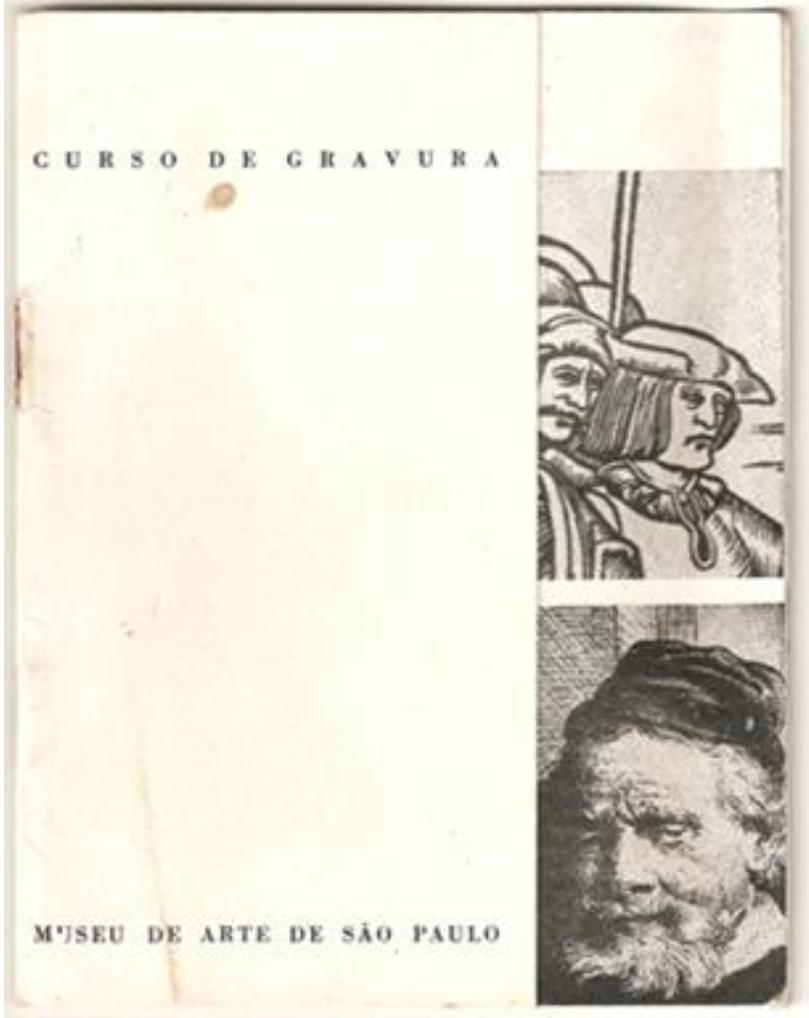
## INTRODUÇÃO

Sou artista visual e professora de arte na Universidade do Extremo Sul Catarinense em Criciúma e proponho em minhas aulas experiências artísticas que transformem/toquem os acadêmicos/as. Essas experiências estéticas acontecem pelo experimentar/conhecer os materiais e as possibilidades do ateliê de Gravura e Serigrafia do curso, nas disciplinas de Gravura e Pesquisa e Serigrafia e Pesquisa na Licenciatura.

Como nasci e cresci em uma família de origem alemã que possuía muitos livros – a maior parte eram livros antigos, livros em alemão, além de fotografias e imagens de terras distantes da Alemanha –, sempre me senti envolvida pela memória de meus ancestrais com seus objetos e seus livros.

Minha mãe sempre foi apaixonada pelos estudos e sua paixão pela arte vem do tempo que morou em São Paulo, sempre acompanhando os recitais de música e as exposições de arte, cursos nesta área etc. A reprodução do folheto (Imagem 2) do curso de Gravura no MASP (da década de 1950) que segue ilustra um pouco essas experiências/vivências.

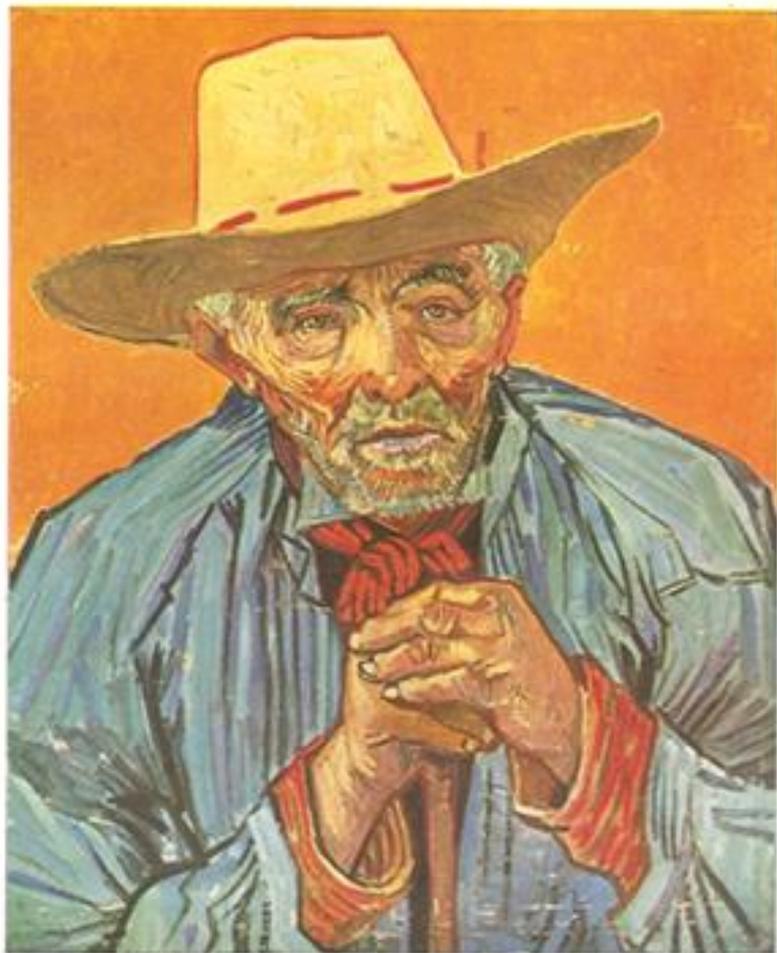
Figura 2 – Divulgação do curso de Gravura no Museu de Arte de São Paulo, MASP (1950)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Em minha infância, adolescência e juventude, convivi com imagens de convites de exposições e cartões-postais de pintores famosos, como Vincent Van Gogh (1853-1890). Minha mãe os guardava em uma caixa de camisas, como verdadeiras relíquias, os quais guardo comigo até hoje. A imagem que segue traz um desses cartões (Imagem 3).

Figura 3 - Cartão-postal de uma pintura de Vincent Van Gogh - Der Bauer (O Agricultor)



von Gogh (1853 - 1890)

Der Bauer .

Fonte: Acervo da pesquisadora.

Tive muitos ensinamentos ouvindo as histórias e experiências que minha mãe contava do tempo que morou em São Paulo, dos teatros que frequentava, das sessões de cinema e das audições de música, pude usufruir deste conhecimento e de todo material trazido e guardado por ela. Esta prática de guardar, de tentar eternizar algumas experiências me faz

pensar sobre o nosso tempo, que para Benjamin (2012) aspira à inexistência de experiências.

Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre eles são ignorantes ou inexperientes. Muitas vezes, podemos afirmar o oposto: eles "devoraram" tudo, a "cultura" e os "homens", e ficaram saciados e exaustos (BENJAMIN, 2012, p. 114).

Voltando às minhas experiências e à minha trajetória, trago um pouco da história da minha família. Sou de origem humilde, assim como minha família, apesar de o meu avô paterno ter vindo da Alemanha para gerenciar as oficinas da Viação Férrea de Santa Maria/RS. Como falava fluentemente o espanhol, era responsável também por inspecionar a montagem das locomotivas aqui no Brasil. Era formado em Engenharia Mecânica, vindo para o Brasil em 1911, já casado com minha avó na cidade de Berlim. Meu avô materno era engenheiro elétrico, também veio da Alemanha, casando-se com minha avó aqui no Brasil, portanto, todos eram fluentes em alemão.

Minha mãe perdeu o pai com dois anos de idade, minha avó então abriu uma pensão de onde retirava o sustento das duas filhas, com muita dificuldade. Mesmo sem ter tido oportunidade de continuar os estudos, sempre valorizou muito a educação, mesmo depois de casada e dona do lar. Acostumou-nos (somos quatro irmãos, três mulheres e um homem) a ouvir muita música clássica e gostar de arte.

Meu pai estudou na Escola de Artes e Ofícios de Santa Maria<sup>1</sup>, fundada em 1922. Era uma escola para os filhos dos ferroviários, com

---

<sup>1</sup>Conforme informações encontradas no Acervo Digital do Arquivo Histórico de Santa Catarina, “em 1917, a Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul comprou um terreno na Avenida Rio Branco, zona central da cidade de Santa Maria/RS, para a construção da Escola de Artes e Ofícios - seção masculina. O prédio ficou pronto em 1922 e em 1925, foram inauguradas as oficinas de carpintaria, eletricidade, fundição, funilaria, mecânica e modelagem. Em 1934, seu nome foi alterado para Ginásio Industrial Hugo Taylor e, em 1943, para Escola Industrial Hugo Taylor, cuja última turma formou-se em 1962. Atualmente, o prédio está ocupado pelo Hipermercado Carrefour.” Disponível em:

ensino gratuito. Ele estudava na oficina de mecânica. Durante sua vida adulta sempre trabalhou em uma empresa de refrigerantes e licores em Santa Maria.

Apesar das dificuldades financeiras vivenciadas por nossa família, fui estudar no Instituto Metodista Centenário<sup>2</sup>. Neste educandário iniciei meus estudos em 1972, com seis anos, ingressando no pré-primário. Lembro bem que o colégio tinha um lema “Educai a mente a pensar, o corpo a agir e o coração a sentir”.

Neste colégio tive minhas primeiras aulas de artes a partir dos seis anos, com atividades em desenho, pintura e expressão corporal, lembro que havia uma grande sala de artes para as atividades. Minha mãe guardou minha pasta de desenhos a partir do ano de 1972, acervo que guardo até hoje. A imagem a seguir traz um exemplar (Imagem 4).

---

<[http://web2.santamaria.rs.gov.br/arquivohistorico/sistema\\_descricao\\_documento/index.php/rsb3w;isad](http://web2.santamaria.rs.gov.br/arquivohistorico/sistema_descricao_documento/index.php/rsb3w;isad)>. Acesso em: 29 abr. 2017.

<sup>2</sup>Criado em 27 de março de 1922, o Colégio Metodista Centenário é fruto do trabalho da Igreja Metodista dos Estados Unidos e iniciou sob a direção de duas missionárias norte-americanas. As educadoras americanas deram início à filosofia da educação metodista que hoje é reconhecida pela comunidade centenarista e de Santa Maria. No ano de sua fundação, o colégio contava com apenas sete alunas que assistiam às aulas em um chalé. Mas, no final do mesmo ano, 50 estudantes já faziam parte da escola. Disponível em: <<http://colegiometodista.g12.br/centenario/sobre-o-colegio/historia>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

Figura 4 – Desenho com lápis de cor (13/09/1972)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Na mesma escola, fiz o 1º e 2º graus (nomenclatura da época que corresponde hoje ao ensino fundamental e médio), finalizando no ano de 1983. Infelizmente, minha mãe faleceu em janeiro de 1983, fato que explica sua ausência em minha formatura, aos 16 anos. Certamente, por sua influência, resolvi ingressar no curso de Desenho e Plástica na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no ano de 1984. Minha motivação para escolher o curso de bacharel em Arte foi resultante de minhas experiências familiares, pois aprendi a amar e respeitar a arte pelo convívio com a minha mãe e pelo respeito que ela tinha pela área. Sendo assim, busquei me aproximar dela dedicando-me ao que aprendi a amar.

O curso de Desenho e Plástica na UFSM tinha duração de quatro anos e, ao ter a oportunidade de escolher entre os ateliês de desenho artístico, escultura e gravura optei pela pintura no Ateliê de Pintura do Prof. Alphonsus Benetti<sup>3</sup>. No entanto, no semestre em que ingressei não

---

<sup>3</sup>Alfonso Benetti é natural de Faxinal do Soturno - RS, mais especificamente nascido em 1953, numa localidade de zona rural denominada Saxônia. Em sua vida acadêmica, formou-se em Licenciatura em Educação Artística, posteriormente Bacharelado em Pintura na Universidade Federal de Santa Maria – RS. Realizou Mestrado em Educação, onde construiu sua dissertação envolvendo a temática Pedagogia da Pintura, trabalho este desenvolvido na abordagem da Etnografia Escolar, utilizando Estudo de Caso que ocorreu no

havia esta oferta, então eu e outras acadêmicas resolvemos trancar o curso por um ano, pleiteando ao colegiado a formação de mais um ateliê de pintura com o referido professor.

Neste período, sem uma grade definida a cumprir, nosso grupo de acadêmicas desenvolveu muitas atividades paralelas, utilizando o ateliê de gravura, fazendo papel artesanal, pintura, trazendo-nos várias experiências artísticas. Ao finalizar o curso de Desenho e Plástica em 1988, optamos por pleitear a reabertura do Polo Têxtil do Centro de Artes e Letras da UFSM, que estava desativado em torno de cinco anos. Por meio de uma comissão de professores/as, o Polo Têxtil foi reaberto, voltando a funcionar com um curso de especialização em Design para Estamparia.

Conclui em 1991 este curso de especialização com a monografia intitulada “Arte Indígena Brasileira - Análise, Síntese e Aplicação em padronagens para estamparia”, sob orientação da artista e professora Berenice Gorini<sup>4</sup>. Esta pesquisa recebeu um fomento financeiro pela

---

atelier que é coordenador. Professor adjunto IV do Departamento de Artes Visuais, ocupa o cargo de Chefe deste departamento e Coordenador do Curso de Desenho e Plástica por mais de uma gestão respectivamente. Ainda continua fazendo parte da gestão do curso citado como vice-coordenador. Coordenador do Atelier de Pintura 1336 do Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Durante sua trajetória profissional, sua produção artística tem sido intensa, tendo realizado exposições individuais em inúmeras cidades brasileiras e também no exterior. Além da pintura, trabalhou também com xilogravura e desenho, porém sua grande paixão sempre foi a obra pictórica. Independente destas atividades possui muitos artigos publicados bem como capítulos de livros, sempre tendo como foco epistemológico a pintura. (BRASIL; CORRÊA, 2010, p. 4-5). Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/2200>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

<sup>4</sup>**Berenice Valéria Gorini**, de renome internacional, natural de Nova Veneza/SC, ficou bastante conhecida no Rio Grande do Sul, onde viveu grande período de sua vida. A artista estudou pintura no Instituto de Artes, UFRGS, Porto Alegre; cursou licenciatura em desenho na Faculdade de Filosofia da PUC; pintura na Academia de Belas Artes, em Roma; Tapeçaria na Universidade Federal de Santa Maria/RS; e escultura na Universidade Estadual do Colorado, nos EUA. A obra da artista resgatou de forma conceitual as técnicas de entrelaçamento, trançados e cestaria brasileiras, com a qual Gorini construiu vestes gigantescas do universo fantástico de fios de fibras vegetais, que, imbuídas da memória têxtil ancestral e nacional, criou ambiente místico pleno de magia de estética até então inédita na arte brasileira e sem nada a dever técnica e conceitualmente às grandes obras internacionais da Arte da Fibra.

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), o que oportunizou minha permanência no desenvolvimento de estamparias têxteis até o ano de 1992. Nesse mesmo ano iniciei como designer têxtil na Santaconstancia Tecelagem em São Paulo, onde permaneci até 1994.

Em 1994, recebi um convite para trabalhar na Esmalglass do Brasil, como designer, no setor de criação, sendo um colorifício cerâmico espanhol (insumos para cerâmica como esmaltes) que estava se instalando em Criciúma/SC e, na sequência, em 1996 recebi um convite para lecionar no curso de Educação Artística, na disciplina de Técnicas de Representação Visual I, na futura Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), mantida pela Fundação Educacional de Criciúma (FUCRI) e transformada em universidade no ano de 1997.

À época, o curso de Artes Visuais denominava-se Educação Artística. Mesmo atuando na docência, trabalhei até 2013 paralelamente no ramo cerâmico e, desde então, dedico-me exclusivamente ao ensino superior e à educação básica.

Minha prática enquanto professora no ensino superior tem se orientado por minha poética artística, em função disso, venho realizando diversas atividades com meus alunos e alunas em relação à memória discente sobre as experiências escolares, nas disciplinas de Gravura e Pesquisa (Bacharelado/Licenciatura) e Serigrafia e Pesquisa (Licenciatura).

A experiência nestas duas disciplinas tem me levado a refletir sobre a ausência de práticas de gravura e suas diferentes técnicas<sup>5</sup> na educação básica. Com o intuito de dirimir algumas dúvidas a este respeito, em 2013 iniciei uma nova proposta na disciplina de Serigrafia e Pesquisa (Licenciatura), a fim de aproximar-me das experiências escolares dos acadêmicos/as em relação ao conteúdo ensinado na disciplina de Artes na educação básica. Denominei este projeto de

---

Estas estruturas têxteis marcaram a carreira de Gorini, e a destacaram como artista proeminente das vanguardas brasileiras. A artista construiu esculturas nas técnicas de cestaria, e de entrelaçamento de fibras rígidas, em arte telúrica que expôs com o sugestivo título *Da Semente e da Terra*, na Galeria Tina Zappoli (Porto Alegre, 1989). (SILVA, 2017, p. 1). Disponível em: <[http://www.memoriatextil.com.br/site/perfil.php?artista=berenice\\_gorini&id=24](http://www.memoriatextil.com.br/site/perfil.php?artista=berenice_gorini&id=24)>. Acesso em: 29 abr. 2017.

<sup>5</sup> Como xilogravura (gravura em madeira), isogravura (gravura realizada em isopor), cologravura (gravura realizada através de uma matriz feita com a colagem de diversos materiais), carimbos e monotípias.

“Memórias da Escola”. No desenvolvimento do projeto, utilizei-me de um questionário que indagava sobre as memórias que eles/as traziam da vida escolar e da disciplina de Artes, principalmente sobre as linguagens artísticas vivenciadas. Solicitei também a produção de uma imagem da escola e neste sentido tenho reunido várias imagens e relatos. Esta experiência se estende até os dias de hoje. Tal atividade foi e continua a ser realizada com o intuito de oportunizar aos estudantes que reflitam sobre os seus processos formativos e possam, conseqüentemente, refletir sobre suas futuras atuações como professores/as de arte.

No ano de 2014, na mesma disciplina na turma de bacharelado, desenvolvi um projeto semelhante, mas com outra denominação: Memórias Pessoais<sup>6</sup>.

A fim de compreender melhor esta experiência vivenciada por meus alunos e alunas durante suas trajetórias escolares problematizo-as por meio de suas memórias e imagens sobre a escola e a disciplina de Artes. As memórias trazidas em imagens e textos nos fazem pensar nas possibilidades das pesquisas que abordam as narrativas autobiográficas na educação.

A partir dessas atividades que trouxeram à tona as memórias escolares, parto do pressuposto que as experiências vivenciadas pelos/as acadêmicos/as na educação básica, na disciplina de Artes, fazem parte do processo de formação como futuros/as profissionais nesta área. Como Catani (2006), compreendo que:

[...] descobre-se que o processo de refazer percursos, relatar experiências, descobrir relações entre as várias etapas formadoras de nossa própria vida - como as relações familiares, a escolarização, leituras, valores assimilados, condição de gênero e outros - torna-se por si só um processo “formador” que gera novas interpretações de nós mesmos e influencia as ações pedagógicas que desenvolvemos. O esforço de compreensão das próprias relações com a escola, com os professores, o conhecido, o desconhecido, a leitura, a escrita e o desejo de aprender despertados pelos relatos sobre si teria, então, um efeito educativo para os professores. Com base nesta constatação fica mais fácil identificar e compreender, a partir da história pessoal, as escolhas de cada um e a construção de

---

<sup>6</sup> Esta experiência não será analisada neste estudo.

seu estilo didático. A formação de alunos não dispensará um ouvido atento às histórias de aprendizagem de cada um (CATANI, 2006, p. 18).

Nos dois projetos citados, *Memórias da Escola* e *Memórias Pessoais*, foi possível acessar as histórias de aprendizagem de cada aluno/a por meio das lembranças, das memórias daquilo que foi vivido. Chauí (2003, p. 138) comenta que a memória é “uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais. É nossa primeira e mais fundamental experiência do tempo [...]”.

Dialogando novamente com Catani (2006, p. 18), posso inferir que “ao problematizar os registros de memórias e narrativas autobiográficas as pessoas retomam os fios condutores de suas experiências para tecerem considerações acerca de si mesmas e dos seus modos de ensinar e aprender”.

As memórias evocadas e registradas pelos/as acadêmicos/as, tanto pessoais como escolares, trazem possibilidades de conhecermos suas histórias de vida e suas trajetórias escolares. Transformar essas memórias em imagens é o desafio que torna a memória perene em forma de objetos artísticos, elementos importantes para aqueles e aquelas que se propõem a ser professor/a ou propositor/a.

O que podemos constatar é que na maioria das vezes a sala de aula é invadida pelo senso comum, nos vemos inseridos nos horários reduzidos de 45 minutos e em uma jornada de trabalho exaustiva. Então, como pensar a formação de educadores nos reinventando a cada dia? Seremos “professores/propositores” ou executores de metodologias pré-estabelecidas?

A partir da convivência diária da pesquisa e da prática artística, profissionais que convivem com a arte contemporânea podem extrair suas ações com propostas criativas, buscando a constante formação cultural, a leitura, a escrita, a participação em grupos de pesquisa, mantendo o olhar pesquisante de um artista.

Educadores que registram em seus diários de bordo as conquistas, os desacertos, as inquietudes diárias e refletem sobre eles, sem descanso. São professores bricoleur de suas próprias práticas, coletores de papéis de jornais, de imagens da cultura visual, que remexem em seus guardados, nos materiais educativos, nos sites, na riqueza e na

penúria de nossa realidade (MARTINS, 2006, p. 230).

A escola pode ser permeada pelo mergulho na experiência estética que potencializa a ação de “artistas/professores/propositores/pesquisadores” movendo a pesquisa, assim como sua própria prática artística. Os artistas indagam de modo qualitativo e, a partir deles, podemos aprender a pesquisar, tendo a arte contemporânea como provocadora para pensar novas experiências na formação de educadores.

O trabalho de pesquisa que realizei nas disciplinas de Gravura e Pesquisa e Serigrafia e Pesquisa, com a produção de imagens e relatos, envolveu mais de 90 acadêmicos/as durante os anos de 2013 a 2016, sendo 82 vinculados/as à licenciatura e 18 ao bacharelado, com 51 impressões de serigrafia, 13 col gravuras e 18 impressões com carimbos. Diante desta experiência, senti a necessidade de debruçar-me sobre estas produções e analisá-las com o seguinte objetivo: reconhecer as experiências escolares vivenciadas por acadêmicos/as do curso de Artes Visuais, a fim de compreender o processo de formação para a prática docente no ensino da arte. Mais especificamente, a intenção foi identificar o que os discentes trazem em suas memórias sobre suas experiências escolares relacionadas à disciplina de Artes na educação básica, na forma de relatos e imagens, com o intuito de perceber qual é o lugar da disciplina de Artes e qual tem sido o lugar da gravura no tocante às linguagens artísticas.

Diante disso, elenco os seguintes objetivos específicos: identificar as representações que os sujeitos trazem sobre as escolas que frequentaram na educação básica; entender como os/as acadêmicos/as perceberam a disciplina de Artes em suas trajetórias escolares; e, por último, identificar quais linguagens artísticas foram mais trabalhadas e qual é o lugar da gravura no conteúdo ensinado. Para este estudo priorizei as produções dos/as acadêmicos/as que cursaram as disciplinas de Gravura e Pesquisa e Serigrafia e Pesquisa da habilitação em Licenciatura (do 1º semestre de 2013 ao 1º semestre de 2016), por entender que, enquanto “professores/propositores”, temos que nos debruçar de forma mais profunda no processo de formação dos estudantes que irão atuar no ensino de Artes na educação básica.

A partir de um breve levantamento junto ao Banco de Teses e Dissertações da Capes e também no Scielo, encontrei poucos trabalhos que associassem o ensino da arte e a disciplina de Artes à memória e ao processo de formação. Ao colocar os descritores *Memória*, *Escola* e

*Ensino de Arte/Disciplina de Artes*, destaco a dissertação *Memórias escolares e formação de professores: um olhar sobre as experiências de arte-educadores de Campinas*<sup>7</sup>, de Van Kampen (2013). Tal estudo teve como objetivo analisar a relação que arte-educadores fazem entre suas experiências formativas e sua atuação profissional. A pesquisa teve como conceito central a experiência. Foram entrevistados quatro professores de Artes da região de Campinas acerca de sua formação inicial, formação continuada, prática docente, experiências formativas e vivências escolares. As narrativas foram analisadas a fim de serem identificadas as semelhanças e diferenças entre as experiências dos sujeitos. Além de uma reflexão acerca das vivências destes professores, também se buscou uma autorreflexão sobre as práticas de cada arte-educador.

Nesta pesquisa, a fim de analisar as produções realizadas pelos/as acadêmicos/as, buscarei nos conceitos de memória, experiência e formação docente a base teórica deste estudo.

Sobre a memória dialogo com Bosi (2001). Para ela:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (BOSI, 2001, p. 55).

Portanto, a produção dos alunos e alunas sobre suas experiências com a disciplina de Artes na educação básica, que são tomadas como lembranças, será tratada como algo que está em movimento e sendo

---

<sup>7</sup> Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de mestre em Artes Visuais, no ano de 2013.

constantemente ressignificada, dependendo do lugar que o sujeito ocupa no presente ao lançar o olhar para o passado.

Dessa forma, a escola é abordada como *um lugar de memória*, tanto quanto sua origem, sua história, seu desenvolvimento bem como as memórias de todos e todas que ali puderam transformar suas vidas e, principalmente, da disciplina de Artes. O termo *lugares de memória* foi cunhado por Nora (1993) e ele o cria com o objetivo de refletir “sobre o processo de aceleração do mundo moderno, das rápidas transformações. E para resolver o problema das vivências que se afastam dos costumes, a ausência de práticas de rememoração, as tradições que caem no esquecimento [...]” (OTTO, 2012, p. 29).

Sobre o conceito de experiência interajo com Larrosa (2002, p. 21), para quem experiência “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. O autor comenta que a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo, além disso, o sujeito se torna incapaz de usufruir da experiência em função do excesso de informações e opiniões. Sobre experiência e sua relação com a memória, busco em Larrosa (2002) outros aspectos:

Tudo o que se passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio. (LARROSA, 2002, p. 22).

Além do conceito de experiência, trago sobre a formação docente que busco em Nóvoa (1995) algumas reflexões que vêm ao encontro do estudo proposto. Para ele, a formação docente, além de ser um processo contínuo que não se resume apenas à obtenção de técnicas e conhecimentos, envolve as dimensões pessoal, social e profissional, compreendendo que estas dimensões mantêm uma relação de reciprocidade e de constante troca com o meio social. Ainda vale ressaltar que o autor concebe que a formação do professor se (re)constrói a todo o momento em sua prática e, além disso, que estes, antes mesmo de serem professores, constroem, no decorrer de suas trajetórias pessoais, como alunos oriundos da educação básica ou mesmo em cursos de formação continuada, representações de escola, de ensino, de educação, do ser um profissional na área da educação.

Pautado nestes três pilares conceituais, memória-experiência-formação docente, este estudo está circunscrito no campo da História da Educação, na perspectiva da Nova História e da História Cultural. Nesse viés, os temas antes considerados pouco nobres para a História da Educação começam a ser investigados intensamente. A Nova História buscou alargar os objetos, as fontes e as abordagens tradicionalmente utilizadas pela história positivista e os sujeitos “esquecidos” passam a ser cada vez mais valorizados (LOPES; GALVÃO, 2001). No caso específico deste estudo, estudantes ganharão visibilidade e as memórias, em forma de relatos escritos e imagens, terão papel preponderante enquanto fontes de pesquisa.

Ainda, do ponto de vista metodológico, o estudo em questão foi desenvolvido dentro de uma abordagem qualitativa e artográfica, a partir das produções visuais e das memórias/narrativas dos/as acadêmicos/as na realização do projeto *Memórias da Escola*. Tal estudo ocorreu “a partir da abordagem a/r/tográfica que inclui métodos de pesquisa qualitativa que fornecem respostas a questões que têm a ver com atitudes, sentimentos, sensações, percepções e construções sociais de sentido” (DIAS, 2013, p. 16). Nesta esteira, “a a/r/tografia é uma forma de representação que privilegia tanto o texto (escrito) quanto a imagem (visual) quando eles se encontram em momentos de mestiçagem ou hibridização. A/R/T é uma metáfora para Artist (artista), Researcher (pesquisador), Teacher (professor) e Graph (grafia: escrita/representação)” (DIAS, 2013, p. 24).

A este respeito Hernández ainda enfatiza:

Um tipo de pesquisa de orientação qualitativa que utiliza procedimentos artísticos (literários, visuais e performativos) para dar conta de práticas de experiência em que tantos os diferentes sujeitos (investigador, leitor, colaborador) como as interpretações sobre suas experiências desvelam aspectos que não se fazem visíveis em outros tipos de pesquisa. (HERNÁNDEZ, 2013, p. 44).

Este estudo enfatiza também a pesquisa (auto)biográfica que surge, então, com os estudos (auto)biográficos,

outro tipo de saber, outros modos de pesquisar, agora mais subjetivo, pessoal e humano, implicado com as histórias individuais, coletivas e sociais dos sujeitos e das instituições com os quais estão

vinculados, especialmente a escola (SOUZA; MEIRELES 2017, p. 128).

O estudo foi realizado no âmbito da Linha de Pesquisa Educação, Linguagem e Memória do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesc e está organizado em seis capítulos.

O primeiro capítulo traz a discussão sobre o lugar da gravura na história da arte a partir dos autores/as Catafal e Oliva (2003), Ivins (1970), Pagatini (2012), Costella (2003 e 2006), Beltran (1990). A Arte e o ensino de arte na educação básica: história e memória a partir dos/as autores/as Huyghe (1986), Coli (1985), Dewey (2010), Nascimento (2011), Barbosa (2011), Martins, Picosque e Guerra (1998), Fernandez (2013), Infoescola (2018), Fusari e Ferraz (1993), Rosito (2010).

O segundo capítulo enfatiza o ensino da Arte na Unesc e a experiência artística nas disciplinas de Gravura e Pesquisa e Serigrafia e Pesquisa em diálogo com os/as autores/as Toldo (2010), Martins (2006), Contreras (2010), Larrosa (2002) e Souza (2017).

O terceiro capítulo problematiza a experiência desenvolvida com os/as alunos/as das disciplinas de Gravura e Pesquisa e Serigrafia e Pesquisa em 2013, 2014, 2015 e 2016 e traz as memórias da escola em imagens e em relatos, tendo como suporte teórico Toldo (2010), Larrosa (2002), Oliveira (2012), Martins (2006), Contreras (2010), Demo (2001), Martins (2012), Lins (2005) e Fritzen e Moreira (2008).

O quarto capítulo abarca as lembranças escolares e o lugar da gravura na disciplina de Artes.

No quinto capítulo, o diálogo acontece com os/as autores/as Irwin (2013), Rosito (2010), Otto (2012) e Fusinato e Kramer (2013) sobre a organização da escola, o ensino brasileiro, o lugar da disciplina de Artes na escola e as lembranças escolares destacando a questão: onde está a gravura na disciplina de Artes?

E por último, no capítulo 6, são apresentadas as conclusões deste estudo.

Ao iniciar este estudo, dediquei-me a trazer para a pesquisa temas importantes para compreender o lugar da gravura na escola buscando nas memórias dos acadêmicos/as do Curso de Artes Visuais da Unesc – Licenciatura as realidades vivenciadas quanto às linguagens artísticas que foram experienciadas no seu tempo de escola.



## 1 O LUGAR DA GRAVURA NA HISTÓRIA DA ARTE

A história da gravura nos mostra as modificações que acompanharam a história do livro, da imprensa e da história da pintura, evidenciando o caminho percorrido pela gravura até a sua valorização como arte. Já a história do ensino da arte nos mostra a história da educação no Brasil e a luta dos/as professores/as pela valorização da arte na escola básica.

### 1.1 A GRAVURA NA HISTÓRIA DA ARTE

Durante minha trajetória docente, nas disciplinas de Gravura e Pesquisa e Serigrafia e Pesquisa, percebi que a gravura, como linguagem artística, vem sendo pouco explorada no ensino de Artes, sendo que as linguagens mais citadas neste campo são o desenho e a pintura.

Encontramos em Catafal e Oliva (2003) um conceito de gravura:

Atendendo à etimologia da palavra gravar, teremos de nos remeter ao termo de origem grega *graphein*, que faz alusão à ação de escrever e desenhar, ou ao latim *cavare*, que se traduzirá por cavar, aprofundar, abrir. Refere-se a desenhar em sulcos, a realizar uma imagem na superfície do material, suscetível de ser alterado por algum procedimento. Quando falamos em gravar, referimo-nos a sulcar, abrir, ferir, riscar, morder, inserir, atacar, etc. (CATAFAL; OLIVA, 2003, p. 10).

Para entender a pouca valorização da gravura, enquanto linguagem artística, na história da arte e sua conseqüente desvalorização no ensino da arte, percebe-se que existe uma relação muito forte com a própria história da gravura. A gravura sempre foi ligada à reprodução de imagens e não à obra única, como a pintura e o desenho, comenta Ivins:

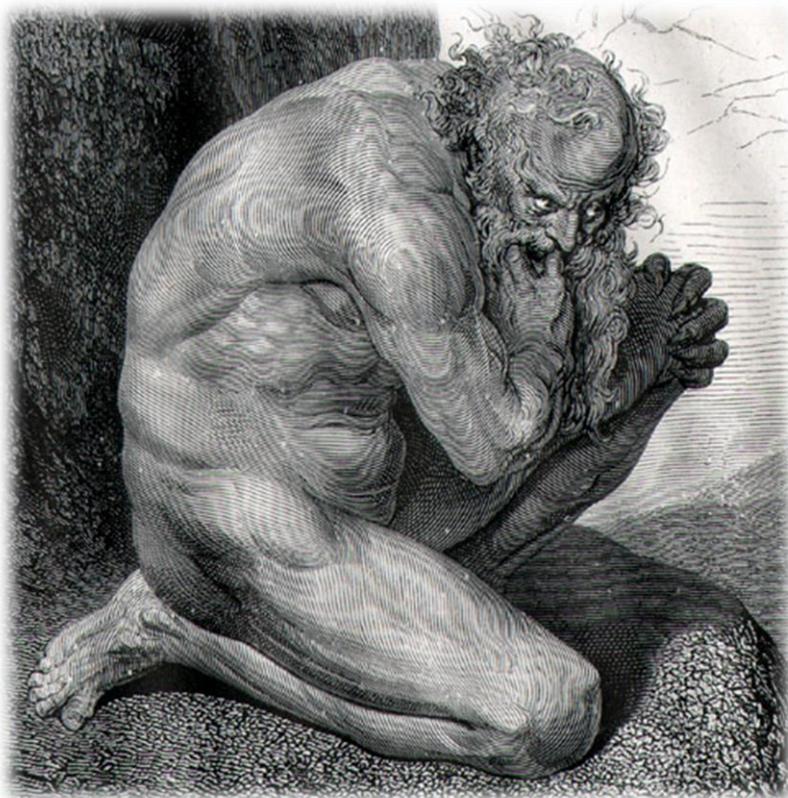
A gravura nasce como uma técnica de reprodução, ficando a serviço da ilustração, da divulgação e da informação, e não aos desígnios da arte. Sua principal utilização se mostrava como arte menor, na reprodução de ilustrações, desenhos e pinturas que eram elaboradas pelo artista, o qual desenhava sobre o bloco de madeira, após, habilidosos

artesãos abriam sulcos na superfície (IVINS, 1970 *apud* PAGATINI, 2012, p. 125).

A gravura tem seu destino como arte reprodutiva e foi considerada uma arte “menor”, destacando os desenhistas e pintores e deixando no esquecimento os artesãos xilógrafos, uma vez que:

Fruto do trabalho coletivo, dividido entre o autor do desenho, os entalhadores e os impressores, a história da xilografia de ilustração em topo – chamada xilografia de reprodução ou xilografia de interpretação – revelou-se ingrata com os xilógrafos. Preferiu destacar mais o nome do autor do desenho, do que o do xilógrafo. Assim, Gustave Doré (1833 - 1883), que desenhava maravilhosamente, mas nunca entalhou um pedaço de madeira, costuma ser lembrado sozinho por conta das magníficas xilogravuras que ilustram livros como a Divina Comédia e Dom Quixote, enquanto lançam-se ao esquecimento os nomes daqueles que lhes entalharam as pranchas, como, por exemplo, Francisco Adolfo Pannemaker, Heliodoro Pisan, Jonnard, Trichon e outros (COSTELLA, 2006, p. 40).

Figura 5 - O Inferno de Dante - Gustave Doré - A Divina Comédia - Nu Masculino - Xilogravura (1860)



Fonte: Galerie Napoleon. Disponível em: <[https://www.gravuras-antigas.com/product\\_info.php?products\\_id=9152](https://www.gravuras-antigas.com/product_info.php?products_id=9152)>. Acesso em: 16 set. 2017.

A xilogravura (Imagem 5), técnica conhecida pelos chineses desde o século IX, mas só difundida na Europa na metade do século XV, é produzida por meio da impressão no papel de uma matriz talhada em bloco de madeira. Em seu processo de confecção escavam-se os brancos do desenho, deixando as linhas em relevo onde, posteriormente, é colocada a tinta. Depois se faz a impressão, que pode ser realizada pressionando-se o papel contra a matriz entintada, com o uso das mãos ou de prensa (BELTRAN, 1990).

A invisibilidade do gravador, neste processo, pode ser encontrada na edição de uma obra-prima, por exemplo. Este é o caso da obra-prima veneziana “*Hypnerotomachia Poliphili*” (“Sonho de Polífilo”),

representada na Imagem 6, que “[...] não se conhece o nome do xilógrafo que entalhou as matrizes, pois na época o gravador era visto como mero artesão, permanecendo em segundo plano” (COSTELLA, 2003, p. 28).

Figura 6 – Hypnerotomachia Poliphili (1499 – Itália) Impressor: Aldo Manuzio  
– Xilógrafo: desconhecido



Hora quale animale che per la dolceſca, lo occulto dolo non perpen-  
 de, poſtponendo el naturale biſogno, retro ad quella inhumana nota ſen-  
 cia mora cum uehementia feſtinante la uia, io andai. Alla quale quando  
 eſſere uenuto ragioneuolmente arbitraua, in altra parte la udiua, Oue &  
 quando a quello loco properante era giunto, altronde appare eſſere affir-  
 mata. Et cuſi como gli lochi mutaua, ſimilmente piu ſuaue & delecteuo-  
 le uoce mutaua cum coeleſti concenti. Dunque per queſta inane fatica,  
 & tanto cum moleſta ſete corſo hauendo, me debilitai tanto, che apena  
 poteua io el laſſo corpo ſuſtentare. Et gli affannati ſpiriti habili non eſſen-  
 do el corpo grauemente affaticato hogi mai ſoſtenire, ſi per el tranſacto pa-  
 uore, ſi per la urgente ſete, quale per el longo peruagabondo indagare,  
 & etiam per le graue anxietate, & per la calda hora, diſeſo, & reſiſto  
 dalle proprie uirtute, altro unquantulo deſiderando ne appetendo, ſe  
 non ad le debilitate membra quieto riſoſo. Mirabondo dell'accidente  
 caſo, ſtupido della melliflua uoce, & molto piu per ritrouarme in regio-  
 ne incognita & inculta, ma aſſai ameno paefe. Oltra de queſto, forte  
 me doleua, che el liquente fonte laborioſamente trouato, & cum tanto  
 ſolerte inquiſito fuſſe ſublato & perduto da gliochii mei. Per lequale tu-  
 te coſe, io ſtetti cum lanimo intricato de ambiguitate, & molto trapen-  
 ſoſo. Finalmente per tanta laſſitudine correpto, tutto el corpo frigeſcen-

Historicamente, a condição de artesão limitava-se somente ao xilógrafo, pois o mesmo reproduzia as linhas do desenho fornecido pelo artista. Para Costella (2003, p. 30), “Albrecht Dürer (1471-1528) é que vem contribuir para revelar a potência da xilogravura. Ele utilizava a gravura para divulgar-se como pintor, mas trouxe para a xilogravura uma resolução plástica tão criativa que acabou criando uma nova linguagem”. Ele acrescenta que “Dürer e a maioria dos pintores de sua época não entalhavam o bloco de madeira. Desenhavam diretamente sobre a madeira ou em um papel para cópia, deixando para os artesãos xilógrafos a tarefa do entalhe” (COSTELLA, 2003, p. 30), a Imagem 7 traz uma noção desse trabalho.

Figura 7 – S. Miguel em luta contra o dragão (1498 - Alemanha) (do “Apocalipse”) Albrecht Dürer



Fonte: Costella (2003, p. 31).

A gravura em metal no cobre originou-se do trabalho do ourives (ourivesaria), sendo um artesão que fabrica joias em ouro e prata. Já a gravura em madeira (xilogravura) na Europa tem sua origem ligada à

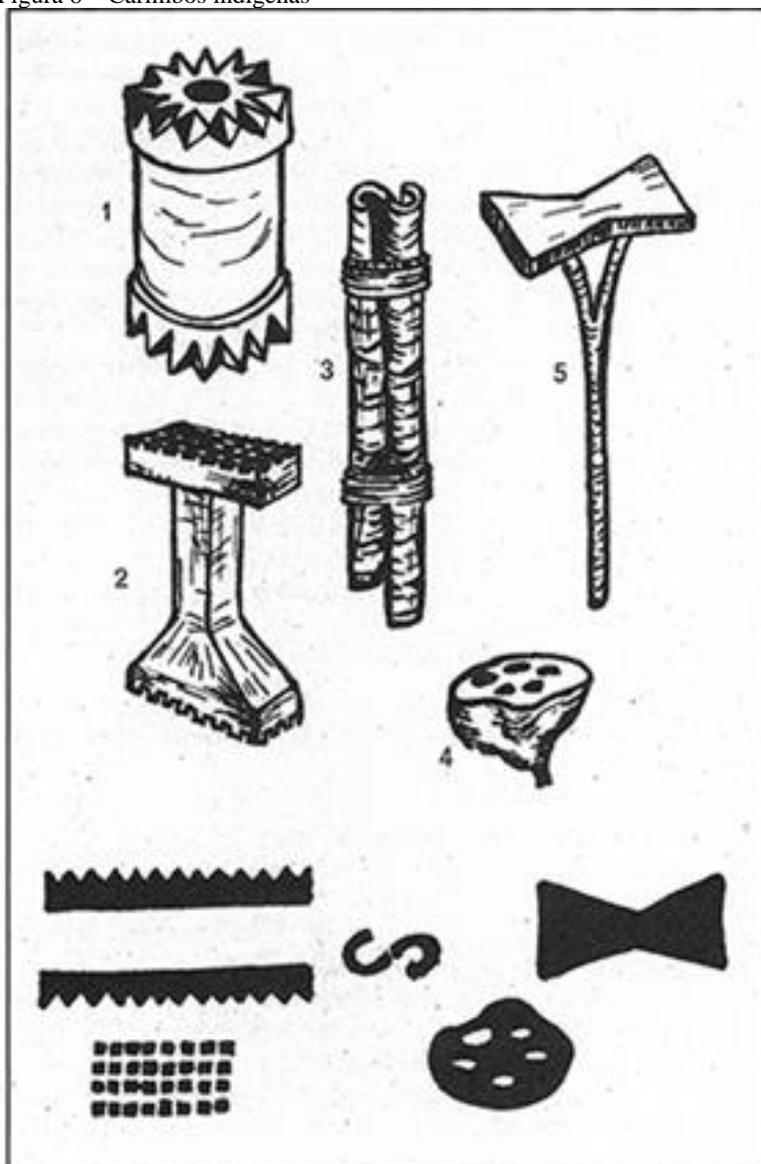
pintura, sendo que o pintor Dürer, que era aprendiz, e seu mestre Wolgemut criaram uma série de xilogravuras com o objetivo de produzir livros ilustrados (BELTRAN, 1990).

Destacando sua função de reprodução de imagens, a gravura, como arte reprodutiva, foi condenada a retratar pinturas. O artista e pintor Peter Paul Rubens (1577-1640), que era comerciante, visualizou as possibilidades de difusão do meio, de seu poder de divulgação nas camadas sociais e dos baixos custos, desenvolvendo um atelier de gravadores (PAGATINI, 2012).

No Brasil, a Arte já se encontrava na pintura corporal dos indígenas e era encontrada bem antes dos portugueses chegarem por aqui. Em relatos dos antigos viajantes, há registros que várias tribos que empregavam carimbos naturais para imprimir na pele e na indumentária matrizes de madeira, sendo os primeiros gravadores do território brasileiro (COSTELLA, 2003).

Na imagem abaixo (Imagem 8) pode-se visualizar alguns carimbos naturais, feitos do fruto do babaçu e da taquara, utilizados na pintura corporal.

Figura 8 – Carimbos indígenas



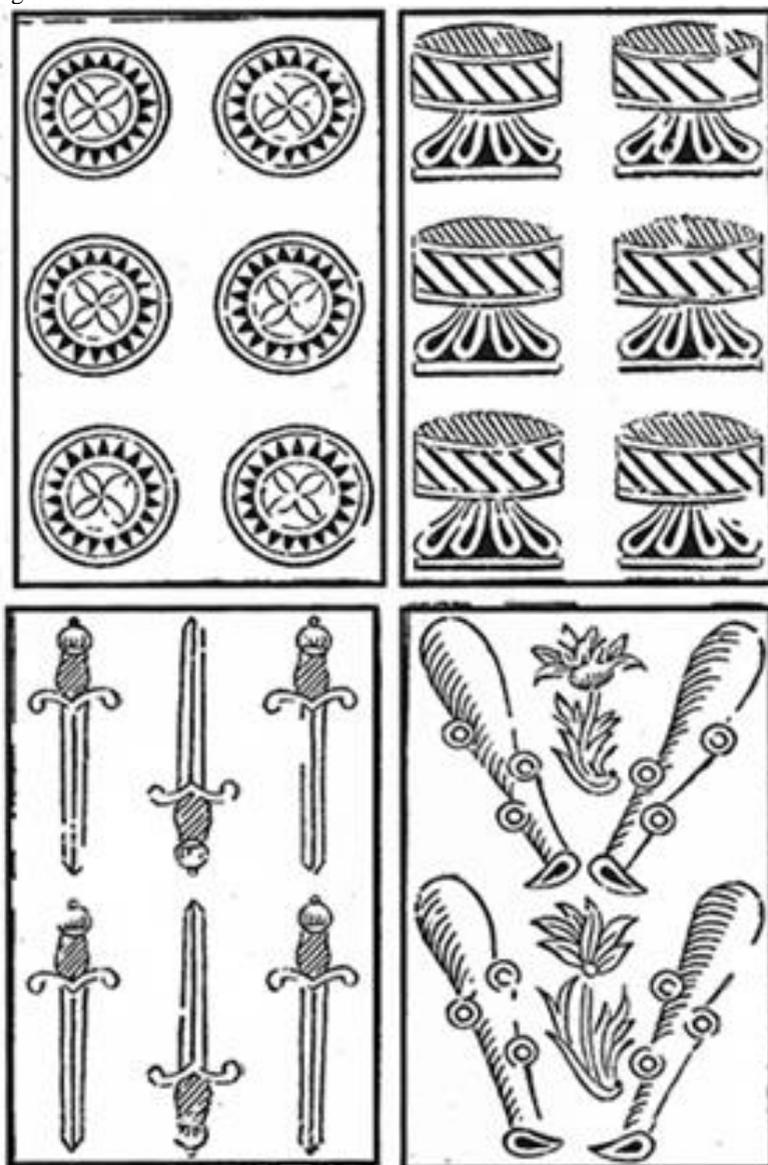
\*Tipos de carimbos segundo classificação de Herbert Baldus: 1. Rolo; 2. Plano-largo; 3. Vareta; 4. Fruto do babaçu cortado; 5. Cabaça; (Embaixo) Estampas obtidas através dos carimbos.

Fonte: Costella (2003, p. 51).

A história da gravura no Brasil foi também calcada na busca de afirmação desta linguagem, já que o governo português proibiu, no período colonial, a instalação de oficinas tipográficas e a atividade xilográfica torna-se inviável. (COSTELLA, 2003, p. 52).

A instalação em território brasileiro da Imprensa Régia (uma tipografia oficial) deve-se à mudança da Família Real portuguesa para o Brasil em 1808. Na Imagem 9 encontra-se um exemplo de cartas de baralho.

Figura 9 – Cartas de baralho



\* Produzidas em xilogravura pela Imprensa Régia (6 de ouros, 6 de copas, 6 de espadas e 4 de paus).

Entre 1811 e 1818 – Rio de Janeiro.

Fonte: Costella (2003, p. 53).

No Rio de Janeiro, em 1872, foi proposta uma disciplina de xilogravura no Liceu de Artes e Ofícios; e, dez anos depois, na Academia de Belas Artes. A cadeira da Academia extinguiu-se sem nunca ter sido realizada, mesmo porque já existia um preconceito contra a gravação em madeira nos meios artísticos mais elitistas (COSTELLA, 2003).

Assim como ocorrera na Europa, a xilografia, que também no Brasil atravessou o século dezenove gravando ilustrações para periódicos e livros, veio a ser suplantada, por causa das vantagens de preço e rapidez, pelo clichê metálico (COSTELLA, 2003, p. 58).

Com a invenção da fotografia e dos métodos fotomecânicos auxiliares, uma revolução aconteceu nos processos de imagens impressas exatamente repetíveis. Uma nova visualidade irrompe, substituindo processos tradicionais de produção de estampas, de acordo com Pagatini (2012).

No século vinte, a xilografia de reprodução veio a sofrer um colapso, porque se revelou desvantajosa em relação ao inovador clichê metálico, então largamente difundido, fruto da técnica fotográfica aliada à corrosão química de metais. Perdendo sua função utilitária a gravura em madeira conheceu, entretanto, uma magnífica ressurreição, mas especificamente no campo artístico (COSTELLA, 2006, p. 40).

A gravura inicia sua trajetória como arte reprodutiva, assumindo o papel de cópia de “outro” na historiografia da arte, segundo Pagatini (2012, p. 129-130), “mantendo-se a serviço da pintura, como reprodução de pinturas nos ateliês dos grandes mestres, sendo ligada à reprodução de imagens e não à obra única”.

Somente a partir do século XX a gravura liberta-se de sua condição de reprodução de imagens e possibilita aos artistas seu uso como criação de estampas artísticas.

Enquanto linguagem deveria ocupar seu espaço no ensino, no entanto, como já anunciado anteriormente, durante minha trajetória docente percebi que a gravura como linguagem artística vem sendo pouco explorada na disciplina de Artes, pois o que vemos mais como linguagem artística na escola são a pintura e o desenho, ficando a gravura em

segundo plano. Podemos pensar que alguns fatores atrapalham o ensino de gravura na escola, como:

- Na maioria das escolas não há um espaço e um lugar adequado para a disciplina de Artes, com mesas grandes e tanques;
- As aulas geralmente acontecem com tempo limitado para desenvolver a atividade que demanda um tempo expandido;
- São necessários materiais específicos que não estão disponíveis na escola;
- Como não há um espaço específico para a aula de Artes, o professor precisa prever o tempo de aula para fazer a limpeza da sala, o que acarreta um desgaste maior.

Como docente do ensino superior no Curso de Artes Visuais da Unesc procuro trazer experiências práticas na linguagem da gravura que podem ser desenvolvidas na escola, de uma forma mais coerente com a realidade que os acadêmicos/as vão encontrar em suas futuras atuações como professores/as.

No próximo item será analisado o ensino da prática da gravura na educação básica, suas perdas e conquistas, por meio do conhecimento da história e da memória do ensino da arte no Brasil.



## 2 A ARTE E O ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: HISTÓRIA E MEMÓRIA

Para compreendermos a concepção de arte temos o conceito de Huyghe (1986, p. 11):

[...] a arte é uma função essencial do homem, indispensável ao indivíduo e às sociedades e que se lhes impôs como uma necessidade desde as origens pré-históricas. A arte e o homem são indissociáveis. Não há arte sem homem, mas talvez igualmente não haja homem sem arte. Por ela, o homem exprime-se mais completamente, portanto, compreende-se e realiza-se melhor. Por ela, o mundo torna-se mais inteligível e acessível, mais familiar. É o meio de um perpétuo intercâmbio com aquilo que nos rodeia, uma espécie de respiração da alma bastante parecida com a física, de que o nosso corpo não pode prescindir. O ser isolado ou a civilização que não têm acesso à arte estão ameaçados por uma imperceptível asfixia espiritual, por uma perturbação moral.

A arte é uma construção. É um fazer. A arte é uma produção. Como o jogo, a obra de arte conhece um momento de invenção que libera as potências da memória, da percepção, da fantasia. Lévi-Strauss comparou o pensamento artístico ao pensamento selvagem: um e outro utilizam da técnica de *bricolage*, arranjo de materiais disponíveis em função de um novo significado. A noção de *bricolage* vem propor uma concepção de arte como jogo e recombinação dos dados perceptivos (BOSI, 1989).

Segundo Coli (1985, p. 111),

A arte constrói, com elementos extraídos do mundo sensível, um outro mundo, fecundo em ambiguidades. Na obra há uma organização astuciosa de um conjunto complexo de relações, um mundo único feito a partir do nosso, capaz de atingir e enriquecer nossa sensibilidade. Ela nos ensina muito sobre nosso próprio universo, de um modo específico, que não passa pelo discurso pedagógico, mas por um contato contínuo, por uma frequentação que refina nosso espírito.

E a educação e a experiência estética?

Para Dewey, o conceito de Educação é definido pelo processo de reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual se atribui sentido e que habita as escolhas futuras (DEWEY, 2010).

E o ensino de arte?

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), a educação em arte ou o ensino de arte na escola permite o desenvolvimento artístico do estudante, que desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, ao mesmo tempo em que realiza objetos artísticos e aprende formas de apreciar e conhecer produções de seus colegas, da natureza e de diversas culturas (BRASIL, 1997, p. 19).

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida (BRASIL, 1997).

Ainda nos Parâmetros Curriculares Nacionais consta que:

No início da década de 70 autores responsáveis pela mudança de rumo do ensino de Arte nos Estados Unidos afirmavam que o desenvolvimento artístico é resultado de formas complexas de aprendizagem e, portanto, não ocorre automaticamente à medida que a criança cresce; é tarefa do professor propiciar essa aprendizagem por meio da instrução. Segundo esses autores, as habilidades artísticas se desenvolvem por meio de questões que se apresentam à criança no decorrer de suas experiências de buscar meios para transformar ideias, sentimentos e imagens num objeto material. Tal experiência pode ser orientada pelo professor e nisso consiste sua contribuição para a educação da criança no campo da arte. (BRASIL, 1997, p. 21).

Em síntese, o conhecimento da arte envolve a experiência de fazer formas artísticas e tudo que entra em jogo nessa ação criadora: recursos pessoais, desenvolvimentos, investigação de materiais e técnicas, a relação entre entender, idealizar e executar um trabalho de arte; o conhecimento de desfrutar formas artísticas, utilizando informações e características perceptivas e imaginações para estabelecer um contato, uma conversa em que as formas denotem coisas diferentes para cada pessoa; a experiência de refletir sobre a arte como objeto de conhecimento, que envolve dados

sobre a cultura em que o trabalho artístico foi realizado, a história da arte e os elementos e princípios formais que constituem a produção artística, tanto de artistas quanto dos próprios alunos (BRASIL, 1997).

## 2.1 HISTÓRIA DO ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

A educação formal iniciou no Brasil com os jesuítas a partir de 1500, e alguns fundamentos desta educação nos influenciam até hoje. De acordo com Nascimento (2011):

Dentre as suposições jesuíticas, no presente, realço – pelas implicações desencadeadas, principalmente, na autoestima profissional – a alegação de que a arte é dispensável ao currículo escolar, devendo, justamente por isso, ocupar uma posição subalterna em relação aos outros saberes, inclusive aos considerados artísticos. Os jesuítas consideravam as “artes literárias” como matriz de um raciocínio reto. O estudo da língua materna e do latim era mais importante (NASCIMENTO, 2011, p. 28).

Essa hierarquização passou a fazer parte da “construção mental brasileira”, muitos ainda defendem que a língua portuguesa e a literatura são indispensáveis no currículo escolar enquanto a arte na educação é facilmente descartada (NASCIMENTO, 2011).

A denominação Artes e Ofícios e o jesuitismo são devidas a algumas considerações históricas. “Na colônia brasileira, o modelo de educação catequética e sua denominação estavam atrelados à análise de semelhança ou similitude, transfigurando outra ordenação do saber regida por cosmogonias e rituais mitológicos” (NASCIMENTO, 2011, p. 29).

Tratava-se de um conjunto de saberes que estabelecia um outro tipo de relação, distinta da europeia, envolvendo a realidade cultural e a fantasia, ancorada nos mitos e nos saberes transmitidos pelos antepassados. Enalteciam a narrativa mítica e rejeitavam qualquer motivação que não tivesse nexos com a tradição dos antepassados. Eram difundidos pela oralidade, evocando uma relação muito forte com a natureza, os mortos, os antepassados, os inimigos, os

espíritos, os quais legitimavam uma ordenação social, explicando a origem do mundo e os diversos fenômenos, fatos, atitudes e ações valorizadas pela tradição (NASCIMENTO, 2011, p. 29).

O jesuitismo contribuiu para fundar um processo de pedagogização dos conhecimentos, ou seja, “a partir da definição de um estatuto da infância foi se produzindo um afastamento cada vez maior entre o mundo dos adultos e o das crianças, desencadeando formas características de educação” (NASCIMENTO, 2011, p. 29).

A filosofia escolástica ibérica classificava os saberes em artes liberais, filosofia e teologia. As artes liberais - entre as quais estavam a pintura, a escultura, a arquitetura e a engenharia - eram propriedade do “homem livre”, distintas dos ofícios mecânicos (exercidos por artesãos), peculiares às atividades “servis” (NASCIMENTO, 2011).

Nas infâncias dos príncipes e dos nobres existiam instituições, mestres e programas especiais. O objetivo era ensinar a governar, de modo a evitar conflitos e ampliar o território, as finanças e a vida cultural do reino. Aprendiam os deveres cristãos associados ao latim, à gramática e às obras clássicas, os rudimentos do desenho e a distinguir bons pintores.

Para o Marquês de Itanhaém, tutor da formação de D. Pedro II em 1838, destacavam-se as normas da formação artística, sendo seus deveres avançar na indústria, na agricultura, no comércio e nas artes (NASCIMENTO, 2011).

“Refiro-me à ênfase à arte como um saber imprescindível na formação da elite, considerando-a, em contraposição, opcional ou desnecessária na educação da população, sobretudo à pobre e miserável, resultando no modelo aristocrático que moldou a sociedade brasileira”, como afirmou Nascimento (2011).

O guia educativo *Ratio Studiorum*, estabelecido como um conjunto de normas e saberes - de cunho literário - extensivo a todos os colégios, inaugurando a prática de editar guias pedagógicos para disciplinar a educação, foi uma resposta mundial às escolas humanistas clássicas difundidas nos estados germânicos protestantes.

Para disciplinar as crianças brancas, de “boas famílias”, concebeu-se um guia educativo, denominado *Ratio Studiorum*, promulgado entre 1548 e 1599. Sua implantação e adoção significavam que “o homem renascentista, com seu

desejo de conhecer e entender, dava lugar ao jesuíta desejoso de modificar e corrigir”.

O *Ratio Studiorum* colaborou para disseminar, entre a classe média, a suposição de que a arte é dispensável no currículo, sendo um adendo, uma atividade complementar que serve, apenas, para colaborar com as disciplinas mais importantes (NASCIMENTO, 2011, p. 37-38).

Em 1559, Marquês de Pombal expulsa os jesuítas do Brasil, o sistema educacional fica um bom tempo desorganizado até a chegada da família real em 1808.

Já o ensino de arte no Brasil teve seu início e desenvolvimento a partir do século XIX, decorrente de um acontecimento importante no Rio de Janeiro, que foi a chegada da famosa Missão Artística Francesa em 1816, realizada por Dom João VI, quando a Academia Imperial de Belas-Artes passou a ser chamada Escola Nacional de Belas-Artes, sendo o ponto forte da escola o desenho, com a valorização da cópia fiel e a utilização de modelos europeus. Assim, a história do ensino de arte inicia com a ênfase no desenho, a partir de uma concepção de ensino autoritária. O ensino era centrado na cópia de modelos visando à preparação para a vida profissional, sendo na maioria desenhos técnicos ou geométricos (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998).

O prejulgamento contra a arte na educação vem na sua origem no preconceito com o trabalho manual, e que vem de uma longa tradição europeia. Os artistas das classes submetidas aos colonizadores eram considerados artesãos. Aqueles que pertenciam às classes abastadas e dominantes eram considerados artistas. Com a chegada da República no Brasil, as artes continuaram sendo desprezadas como uma inutilidade, somente as artes aplicadas à indústria começaram a ser valorizadas para um fim econômico (BARBOSA, 2006 *apud* FERNÁNDEZ, 2013, p. 213).

O século XX é marcado pela pedagogia tradicional, para a qual os conteúdos de ensino acumulam-se ao longo do tempo e são transmitidos como verdades absolutas, sem possibilidade de questionamentos. Não existe a consideração sobre os conhecimentos trazidos pelos alunos. A metodologia de ensino é a exposição verbal por parte do professor. O principal é a resolução dos exercícios e a memorização de fórmulas e

conceitos. A relação professor-aluno é marcada pelo autoritarismo, o professor é o que possui o conhecimento para ensinar, ao aluno é reservado o papel de receber as informações e permanecer em silêncio (INFOESCOLA, 2018, p. 01).

O modernismo no ensino da arte desenvolveu-se na Escola Nova (1927-1934), com a influência de John Dewey.

Suas ideias muitas vezes erroneamente interpretadas ao longo do tempo nos chegaram, contudo, filosoficamente bem informadas através do educador brasileiro Anísio Teixeira, seu aluno no Teachers College da Columbia University. Anísio foi o grande modernizador da educação no Brasil e principal personagem do movimento Escola Nova. De Dewey, a Escola Nova tomou principalmente a ideia de arte como experiência consumatória. Identificou este conceito com a ideia de experiência final, erro cometido não só no Brasil, mas também nos Estados Unidos, nas Progressive Schools. A experiência consumatória para Dewey é pervasiva (que tende a se espalhar), ilumina toda a experiência, não é apenas seu estágio final (BARBOSA, 2011, p. 1).

A prática de colocar arte (desenho, colagem, modelagem etc.) no final de uma experiência, ligando-se a ela por meio de conteúdo está baseada na ideia de que a arte pode ajudar na compreensão dos conceitos, porque há elementos afetivos na cognição que são por ela mobilizados (BARBOSA, 2011).

A partir do final da década de 1920 e início de 1930 surgem as primeiras escolas especializadas em arte para crianças e adolescentes, como a Escola Brasileira de Arte em São Paulo. A artista Anita Malfatti mantinha cursos para crianças e jovens em seu ateliê e na Escola Mackenzie. Na Biblioteca Infantil Municipal, havia um curso para crianças quando Mário de Andrade era seu diretor, de 1936 a 1938 (BARBOSA, 2011).

Com o Estado Novo implantado de 1937 a 1945, foi fechada a Universidade do Distrito Federal, onde houve o primeiro curso de formação de professores de desenho, organizado por Anísio Teixeira.

A partir de 1947 começaram a aparecer ateliês para crianças em várias cidades do Brasil. Assim, em 1948, Augusto Rodrigues cria a Escolinha de Arte do Brasil no Rio de Janeiro, recebendo a aprovação e

o incentivo de educadores envolvidos na redemocratização da educação (BARBOSA, 2011).

A ditadura de 1964 perseguiu professores e escolas experimentais foram fechadas. A partir daí, a prática de arte nas escolas públicas primárias foi dominada, em geral, pela sugestão de tema e por desenhos alusivos a comemorações cívicas, religiosas e outras festas (BARBOSA, 2011).

No nível universitário, foi destruída a experiência renovadora da Universidade de Brasília (UNB), onde se criava uma Escolinha de Arte baseada em pesquisa e em ideias estudadas na Bauhaus.

Porém, por volta de 1969, a arte fazia parte do currículo de todas as escolas particulares de prestígio, seguindo a linha metodológica de variação de técnicas. Eram raras as escolas públicas que desenvolviam um trabalho de arte (BARBOSA, 2011).

A partir de 1971, a educação artística se tornou disciplina obrigatória nos currículos de 1º e 2º graus e na universidade nos cursos de Educação Artística e licenciatura em Artes Plásticas, criados em 1973.

Em 1971, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 5692/71, a arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, mas é considerada “atividade educativa” e não disciplina, de acordo com o que consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997). Sendo um período de muita censura e repressão, pois o país estava passando por uma ditadura e por fortes influências da cultura americana, o ensino de arte irá acompanhar essas influências trazendo um caráter meramente tecnicista.

A introdução da Educação Artística no currículo escolar foi um avanço, principalmente se se considerar que houve um entendimento em relação à arte na formação dos indivíduos, seguindo os ditames de um pensamento renovador. No entanto, o resultado dessa proposição foi contraditório e paradoxal. Muitos professores não estavam habilitados e, menos ainda, preparados para o domínio de várias linguagens, que deveriam ser incluídas no conjunto das atividades artísticas (Artes Plásticas, Educação Musical e Artes Cênicas). (BRASIL, 1997, p. 24).

A consequência foi a perda da qualidade dos saberes específicos das diversas formas de arte, dando lugar a uma aprendizagem reprodutiva.

Hoje pode parecer estranho que uma ditadura tenha tornado obrigatório o ensino da arte nas escolas públicas. Mas tratava-se de um mascaramento humanístico para uma lei extremamente tecnicista, a 5692, que pretendia profissionalizar os jovens na Escola Média. Como as escolas continuavam pobres, sem laboratórios que se assemelhassem aos que eram operados nas indústrias, os resultados para aumentar a empregabilidade dos jovens foram nulos. No que diz respeito ao ensino da arte, cursos universitários de dois anos foram criados para preparar professores aligeirados, que ensinassem todas as artes ao mesmo tempo, tornando a arte na escola uma ineficiência a mais no currículo (BARBOSA, 2011, p. 10).

O aluno não reprovava em tal componente curricular mesmo ele fazendo parte do currículo da Educação Básica, pois a Educação Artística, segundo o parecer nº 540/77, “[...] não é matéria, mas uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao sabor das tendências e dos interesses” (FUSARI; FERRAZ, 1993).

Ainda de acordo com Fusari e Ferraz (1993), quando a Educação Artística foi incluída no currículo escolar, pela Lei n. 5692/71, buscou-se a tentativa de melhoria do ensino de arte na educação escolar, incorporando atividades artísticas com ênfase no processo expressivo e criativo dos alunos.

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n. 9.394 promulgada em 1996, o ensino de arte passa a ser considerado obrigatório na educação básica: o ensino de arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos, enquanto uma disciplina (BRASIL, 1996).

De acordo com os PCN (BRASIL, 1997), o lugar da arte na hierarquia das disciplinas escolares corresponde a um desconhecimento do poder da imagem, do som, do movimento e da percepção estética como fontes de conhecimento.

Os PCN de Arte (BRASIL, 1997) preveem que, por meio do convívio com o universo da arte, os alunos conheçam:

- ✓ O fazer artístico como experiência poética (a técnica e o fazer como articulação de significados e experimentação de materiais e suportes variados);

- ✓ O fazer artístico como desenvolvimento de potencialidades: percepção, reflexão, sensibilidade, imaginação, intuição, curiosidade e flexibilidade;
- ✓ O objeto artístico como forma (sua estrutura ou leis internas de formatividade);
- ✓ O objeto artístico como produção cultural (documento do imaginário humano, sua historicidade e sua diversidade).

Com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017, temos no Ensino Fundamental<sup>8</sup>:

[...] o componente curricular Arte está centrado nas seguintes linguagens: as Artes visuais, a Dança, a Música e o Teatro. Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte.

O componente curricular contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas.

Nesse sentido, as manifestações artísticas não podem ser reduzidas às produções legitimadas pelas instituições culturais e veiculadas pela mídia, tampouco a prática artística pode ser vista como mera aquisição de códigos e técnicas. A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores.

A prática artística possibilita o compartilhamento de saberes e de produções entre os alunos por meio de exposições, saraus, espetáculos, *performances*,

---

<sup>8</sup> Disponível em:

<<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/arte>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

concertos, recitais, intervenções e outras apresentações e eventos artísticos e culturais, na escola ou em outros locais. Os processos de criação precisam ser compreendidos como tão relevantes quanto os eventuais produtos. Além disso, o compartilhamento das ações artísticas produzidas pelos alunos, em diálogo com seus professores, pode acontecer não apenas em eventos específicos, mas ao longo do ano, sendo parte de um trabalho em processo.

A partir disso o ensino de arte deve contemplar as diferentes linguagens e não privilegiar algumas, sendo que na educação básica deve ocorrer o mesmo, é que problematizo as experiências trazidas por meio das memórias dos/as acadêmicos/as do seu tempo de escola.

As memórias trazidas em imagens e relatos nos fazem pensar nas possibilidades das pesquisas que abordam as narrativas autobiográficas na educação.

Narrar histórias sobre nós mesmos é uma possibilidade de produzir imagens sobre a nossa trajetória. Desvela-se, neste processo criativo, a autoria oculta presente-esquecida, no adulto, que precisa de atenção. Assim, é essencial que o pesquisador e o professor reconheçam e cuidem desta autoria que neles habita (ROSITO, 2010, p. 31).

Para iniciar a atividade, solicito que os/as acadêmicos/as tragam imagens para ilustrar as memórias de seu tempo de escola a ser transformada em uma gravura, podendo ser em xilogravura (gravura em madeira), cologravura, carimbos e serigrafias, nas disciplinas de Gravura e Pesquisa e Serigrafia e Pesquisa no curso de Artes Visuais da Unesc.

Durante a pesquisa, foram coletadas várias imagens em forma de gravuras (serigrafias, cologravuras e carimbos) que nasceram a partir das memórias dos estudantes.

Com a finalidade de situar estas experiências vivenciadas no referido curso, o capítulo que segue traz alguns elementos deste cenário.

### **3 O ENSINO DE ARTE NA UNESC E A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA NAS DISCIPLINAS DE GRAVURA E PESQUISA E SERIGRAFIA E PESQUISA**

O curso de Desenho e Plástica, hoje denominado Artes Visuais, foi um dos primeiros cursos criados na então Fundação Educacional de Criciúma (FUCRI), hoje Unesc. O currículo do curso já passou por várias modificações ao longo de sua existência, ou seja, desde 1970, ano de sua criação. Atualmente, o curso de Artes Visuais possui habilitação em Licenciatura e Bacharelado.

#### **3.1 A UNESC E O CURSO DE ARTES VISUAIS**

A FUCRI (atual mantenedora da Unesc) foi criada pela Lei n. 697 de 22 de junho de 1968, com cursos voltados para o Magistério, e, com o tempo, de acordo com a necessidade da região, foram criados outros cursos, visando a satisfazer principalmente a demanda empresarial.

No dia 17 de junho de 1997, o Conselho Estadual de Educação aprovou a transformação da União das Faculdades de Criciúma (UNIFACRI) em Unesc, tornando-se uma universidade comunitária, sem fins lucrativos. Até este ano, 2018, ela conta com 42 cursos de graduação e com, aproximadamente, 12.000 estudantes matriculados nos cursos de graduação, pós-graduação e educação básica.

A abrangência e a importância da Unesc se estende a uma grande área de municípios vizinhos, tendo importância fundamental na oferta da educação superior na região Sul de Santa Catarina e no estado vizinho do Rio Grande do Sul, como a cidade de Torres.

A região sul de Santa Catarina ocupa uma área de 9.417 km<sup>2</sup>, equivalente a 9,8% do território do Estado. Compreende 43 municípios e abriga uma população estimada em 895 mil habitantes, dos quais aproximadamente 730 mil moram nas áreas urbanas. Está dividida em três microrregiões, assim designada: Associação dos Municípios da Região de Laguna (AMUREL), Associação dos Municípios da Região Carbonífera (AMREC) e Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense (AMESC). Criciúma, pelas suas características socioeconômicas é, atualmente, o

município polo da região da AMREC (FUCRI/UNESC, 2016, p. 23).

O Curso de Artes Visuais da Unesc, criado no ano de 1970, foi um dos primeiros cursos da instituição, com a denominação de Desenho e Plástica, o que exigiu a vinda de vários artistas para fazerem parte do corpo docente, como a artista ceramista Jussara Guimarães e o artista Gilberto Pegoraro, ambos oriundos da cidade de Porto Alegre (RS) e já falecidos.

O curso de Desenho e Plástica teve suas instalações inicialmente no colégio Madre Tereza Michel e posteriormente (1971 a 1973) funcionou nas dependências da SATC9, até que em 1974 teve suas instalações transferidas para suas próprias dependências, na FUCRI, atual Campus Universitário, localizado no bairro Universitário em Criciúma, sul de Santa Catarina (TOLDO, 2010, p. 14).

Quando criada a Faculdade de Ciências da Educação de Criciúma (FACIECRI), a preocupação com as artes já se tornou uma evidência. Além da criação dos cursos de Ciências Biológicas, Matemática e Pedagogia, foi criado também o curso de Desenho e Plástica, que teve início em março de 1970, voltando-se para a formação de profissionais para atuar na indústria cerâmica, setor promissor que se destacou após a indústria extrativa do carvão (TOLDO, 2010).

No ano de 1975, a grade curricular foi alterada incluindo-se disciplinas de licenciatura e, no ano de 1980, o curso de Desenho e Plástica foi transformado no curso de Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas, visando à formação polivalente nas várias linguagens como música, teatro e artes plásticas.

No final de 1999, o curso de Artes Visuais foi dividido nas habilitações de bacharelado e licenciatura, com duração mínima de quatro anos. Nos três primeiros anos, as disciplinas eram comuns aos dois cursos e no último ano o estudante deveria fazer a escolha por uma das habilitações (TOLDO, 2010). No final do ano de 2004, o/a acadêmico/a já poderia optar por uma das duas habilitações – licenciatura ou bacharelado – desde o início do curso.

---

<sup>9</sup> Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão.

Portanto, o referido curso, desde sua criação, passou por várias mudanças em sua matriz curricular. De acordo com o Projeto Pedagógico do curso, ele “inicia como Curso de Desenho e Plástica, depois Curso de Educação Artística e atualmente Curso de Artes Visuais, com habilitação em Licenciatura e Bacharelado” (FUCRI/UNESC, 2016, p. 22).

O Curso de Artes Visuais (Licenciatura/Bacharelado) é um curso de extrema relevância para a região, pois é responsável pela formação da maioria dos professores e artistas da região, sendo o único na modalidade presencial no município de Criciúma e no extremo sul catarinense.

A atual Matriz Curricular do curso de Artes Visuais da Unesc (ANEXO A) conta com os seguintes componentes curriculares: “Disciplinas Curriculares; Estágio Supervisionado; Trabalho de Conclusão de Curso - TCC; Atividades Acadêmico-Científico-Culturais – AACC”, conduzindo “à formação multi-interdisciplinar, permitindo a apropriação de conhecimentos que integram os diferentes campos do saber” (FUCRI/UNESC, 2016, p. 51).

O perfil gráfico das disciplinas está organizado de acordo com a imagem que segue (Imagem 10).

Figura 10 – Perfil Gráfico das Disciplinas do Curso de Artes Visuais da UNESC (2016)



Fonte: FUCRI/UNESC (2016, p. 50).

Tal organização vem ao encontro do que se propõe o curso de Artes Visuais da Unesc, conforme o que está problematizado em seu Projeto Pedagógico:

Anteriormente, o papel das Licenciaturas em Artes Visuais era formar o profissional para atender apenas a demanda no ensino formal. Demanda esta que foi ampliando-se na contemporaneidade. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96, a Arte passou a se constituir em componente curricular obrigatório em todos os níveis da Educação Básica. Além do ensino formal na rede pública e privada, hoje, os professores de Artes Visuais passam a atuar cada vez mais em contextos de ensino não formais. Seja como mediadores de exposições em museus, galerias de arte, produtores culturais em ateliês, organizando eventos e projetos sociais, em oficinas de arte ou como professores de artes em Organizações não governamentais. O mercado de trabalho (agora mais amplo) exige dos professores de Artes Visuais um repertório de novas competências, que vão desde o domínio das feitura e processos artísticos, até o aprofundamento de conceitos relacionados à formação de valores, como a ética, a solidariedade e a educação para a transformação social. As novas possibilidades de inserção do licenciado em Artes Visuais no mercado de trabalho são consideradas no período de formação de nossos alunos (FUCRI/UNESC, 2016, p. 29-30).

Durante 48 anos (1970-2018), muitos licenciados e bacharéis foram diplomados pelo curso de Artes Visuais da Unesc, até o ano de 2017 formaram-se 1.257 acadêmicos/as. O quadro que segue traz com maior detalhamento estes números:

Tabela 1 – Estatística de formados/as (até 2017/1)

<b>Curso</b>	<b>Total formandos/as</b>
Educação Artística	483
Desenho e Plástica	133
Artes Visuais - Bacharelado - (Noturno)	268
Artes Visuais - Licenciatura - (Noturno)	373

Fonte: Secretaria Acadêmica da Unesc – dados de 10 jul. 2018.

O curso de Artes Visuais da Unesc possui vários ateliês para práticas e experiências artísticas, como o Ateliê de Pintura Prof.<sup>a</sup> Maria Milaneze Just, Ateliê de Escultura e Cerâmica Prof.<sup>a</sup> Jussara Miranda Guimarães e Ateliê de Gravura e Serigrafia Prof. Gilberto Pegoraro. Como professora das disciplinas de Serigrafia e Pesquisa e Gravura e Pesquisa, utilizo este último ateliê como espaço de trabalho e no item que segue procuro apresentar alguns aspectos desta experiência.

### 3.2 A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA NAS DISCIPLINAS DE GRAVURA E PESQUISA E SERIGRAFIA E PESQUISA COMO LUGAR DE REFLEXÃO E AÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS

Entre o rol de disciplinas curriculares oferecidas no curso de Artes Visuais (Licenciatura – matriz 4) constam as disciplinas de Gravura e Pesquisa e Serigrafia e Pesquisa, ambas com quatro créditos, o que corresponde a 72h/a cada uma. A disciplina de Gravura e Pesquisa tem o seguinte ementário: Estudo dos elementos da linguagem da gravura; Poética da gravura; Pesquisa e procedimentos da gravura em seus aspectos históricos, conceituais e expressivos. Já a disciplina de Serigrafia e Pesquisa transcorre a partir do seguinte conteúdo: Estudo dos elementos da linguagem da serigrafia; Pesquisa e procedimentos da serigrafia em seus aspectos históricos, conceituais e expressivos.

Como professora do curso de Artes Visuais da Unesc atuo como artista e docente desde 1996 e atualmente no Ateliê de Gravura e Serigrafia, sala 08, no Bloco Z. A partir de 1996, ministrei diversas disciplinas como Técnicas de Expressão e Comunicação Visual I e II no curso de Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas. No curso de Artes Visuais – Bacharelado: as disciplinas de Pintura I, Gravura (Serigrafia), Serigrafia e Estamparia Têxtil, Design Cerâmico, Design de Superfície, Ateliê de Gravura I. No curso de Licenciatura: as disciplinas de Serigrafia e Processos Alternativos, Composição, Desenho Contemporâneo, Gravura e Pesquisa, Serigrafia e Pesquisa, Laboratório de Criação com Leitura de Portfólio.

A minha primeira experiência com arte (gravura) foi aos 14 anos, éramos vizinhos de uma professora universitária de língua estrangeira (francês) e sua filha mais velha era muito engajada politicamente, lembro que fomos à Universidade (Universidade Federal de Santa Maria - RS) no ateliê de serigrafia do Centro de Artes e Letras realizar cópias de panfletos políticos.

Hoje, como professora universitária na área de Artes, mais especificamente na área de gravura, penso que esta experiência permaneceu na minha memória, marcando-me profundamente. Tal acontecimento remete para o que Larrosa (2002, p. 25) comenta: “podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo”. Muito tempo depois percebi esta experiência como algo transformador para a minha prática como artista e *professora-propositora*<sup>10</sup>.

Por meio desta experiência em minha formação como artista e *professora-propositora* coloco a experiência estética através da gravura como prioridade no semestre letivo, permito assim que os/as acadêmicos/as tenham, primeiramente, a experiência da gravura (xilografura e serigrafia) sentindo o material, a fim de entenderem o processo, pois acredito que isso ficará marcado como uma experiência única, facilitando a compreensão da teoria posteriormente.

Em Heidegger, encontramos uma definição de experiência que ressoa muito bem essa exposição, essa receptividade, essa abertura:

Fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo (HEIDEGGER, 1987, p. 143 *apud* LARROSA, 2002, p. 25)

Como Larrosa (2002, p. 19), desejo “pensar a educação a partir do par experiência/sentido e acreditar na força das palavras”. Ou seja, em suas palavras, experiência é ‘o que nos passa’, é ‘o que nos acontece’. Neste viés, acredito também que experiência é o que também nos

---

<sup>10</sup> Termo utilizado por Miriam Celeste Martins no artigo intitulado Entrevistas: a inquietude de professores-propositores (2006).

transforma, pois acredito que a arte nos transforma através do que nos passa, do que nos transpassa e do que nos inquieta. Para ele:

A educação pode subverter as regras, os métodos, inventando novas formas de fazer distanciando-se de prescrições e da previsibilidade. Na atualidade, espera-se que a educação seja multifuncional. “A educação tem que ser crítica, sim. E sustentável, sim. E também sensível às perspectivas do gênero. E inclusivas [...], as boas intenções não devem ser declaradas, porque acabam por se transformar em mercadorias” (LARROSA, 2013 *apud* SOUSA, 2017, p. 25).

Oliveira (2012) também nos traz elementos para uma profunda reflexão sobre o tema experiência, quando busca no pensamento filosófico da antiguidade este conceito. No pensamento aristotélico, “[...] a experiência é um saber [...] a experiência (*empeiria*) encontra-se numa linha progressiva que parte das sensações e das recordações, passa pela experiência, e chega até a técnica (aí incluída a arte) e a ciência. O saber vai se tornando cada vez mais saber nesse processo” (OLIVEIRA, 2012, p. 39). O autor acrescenta que “A experiência seria um saber invadido pelo não saber, um saber que não se sabe, num tempo como o nosso, que vive a tirania do saber” (OLIVEIRA, 2012, p. 41-42).

Na linha da proposta de Martins (2006) sobre a ideia de *professor-propositor*, a experiência ocupa um lugar central no trabalho pedagógico no ensino de Artes, uma vez que “o mergulho na experiência” intensifica sua ação e neste processo acontece a pesquisa que “[...] move para problematizações constantes, na multiplicidade rizomática de trajetórias que nascem de desejos, que se contaminam pelo afetar-se no envolvimento e nas perturbações frente às desaprendizagens necessárias” (MARTINS, 2006, p. 237).

Neste sentido, Contreras (2010, p. 241) nos faz pensar que “toda experiência é formativa por conduzir uma transformação de si, então se a experiência artística nos transforma ela é um espaço de formação de professores”.

Além disso, para Stenhouse

A dimensão estética da experiência educativa e da pesquisa tem como suporte a experiência estética. O artista apreende o sentido das qualidades com as quais trabalha e sabe tirar proveito delas.

Educadores e aprendizes-educadores também podem perceber como a flexibilidade, a sutileza e tolerância pela ambiguidade são necessárias, ampliando conceitos, valorizando as subjetividades, as singularidades, a ludicidade e o humor, para lidar com o caos, com a insegurança com a tensão que também faz criar. Os artistas investigam de maneira qualitativa e é deles que como pesquisadores poderemos aprender a pesquisar, a dar forma ao que buscamos (STENHOUSE *apud* MARTINS, 2006, p. 235).

Diante destas reflexões sobre o tema experiência e a sua relação com o trabalho que desenvolvo, acredito que, quando o estudante se encontra em um ateliê de arte, ele percebe o valor da experiência como aprendizado na sua formação, nas imagens 11 e 12 visualizamos experiências artísticas, em que uma acadêmica experimenta a linguagem da serigrafia de uma forma simples e barata, onde o bastidor de madeira é substituído por uma caixa de sapato e o desenho é feito com giz de cera e transferido para o papel.

Figura 11 – Resultado de uma experiência artística em serigrafia realizada através de uma matriz serigráfica produzida em uma caixa de sapato. Disciplina de Serigrafia e Pesquisa (2º semestre de 2016)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Figura 12 – Resultado de uma experiência artística em serigrafia realizada através de uma matriz serigráfica produzida em uma caixa de sapato. Disciplina de Serigrafia e Pesquisa (2º semestre de 2016)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Acontecem muitas coisas na nossa sociedade, mas muito pouco nos sensibiliza, por isso a experiência é cada vez mais rara e para Larrosa (2002) isso nos acontece pelas seguintes razões: pelo excesso de informações, como se o aprender não fosse outra coisa que adquirir e processar informações; pelo excesso de opinião. Nós estamos submetidos a um mecanismo no qual é preciso se informar e depois emitir uma opinião, tornando impossível a experiência; por falta de tempo a experiência é cada vez mais rara; e, por último, por excesso de trabalho, o sujeito está sempre em atividade, permanentemente agitado. Tudo se passa demasiado depressa, em que os estímulos são fugidios e imediatos, sendo sucessivamente trocados por outros estímulos. Preocupado com a raridade da experiência nos sujeitos modernos, Larrosa procura enxergar os malefícios desse processo na formação de professores.

Cada vez estamos mais tempo na escola (e a Universidade e os cursos de formação do professorado formam parte da escola), mas cada vez temos menos tempo. Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o

tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo porque não pode ser que fique desfasado em alguma coisa, não pode ser que não possa seguir o passo veloz do que passa, não pode ser que fique para trás, e por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, já não tem tempo (LARROSA, 2004 *apud* SOUSA, 2017, p. 31).

Neste estudo propus compreender o “lugar da experiência” no trabalho que realizo com meus alunos e alunas entendendo-os como “sujeitos da experiência”, que “é, sobretudo, um espaço onde tem lugar os acontecimentos” (LARROSA, 2002, p. 21), ou seja, “Esse sujeito que não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer”. E neste sentido, “Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (LARROSA, 2002, p. 25).

A pesquisa em arte propõe essa abertura, esse vivenciar constante que se espera na formação de professores/as em Artes Visuais, para que este sujeito se torne um propositor, um pesquisador, um perguntador, um questionador e esta experiência passa pela sua formação na universidade e nos ateliês de arte, uma vez “que a atividade primeira da universidade é pesquisar, em sentido produtivo e construtivo, decidindo-se aí a origem básica do conceito de professor” (DEMO, 2001, p. 15). Nesta esteira,

[...] o educador é um *bricoleur* que utiliza resíduos e fragmentos de acontecimentos, o que tem à mão, o que guarda em seu “estoque” e com eles cria novas situações de aprendizagem, reutilizando textos e situações materiais, acrescentando elementos de sua experiência e de seu repertório cultural. Como um *bricoleur* inventa com o que tem, problematiza a partir de seu acervo e pesquisa para complementá-lo. Nem sempre nos damos conta dos acervos que possuímos, das imagens que estão em nossos livros e bagagens (PERRENOUD *apud* MARTINS; PICOSQUE, 2012, p. 69).

O desafio é criar, gerar atividades pedagógicas para proporcionar experiências artísticas, pelo viés da pesquisa, que compreende, segundo Demo (2001, p. 16), “[...] não só a busca de conhecimento, mas igualmente uma *atitude política*”, a partir de “[...] sua *cotidianização*, no

espaço político de instrumento de acesso ao poder, a níveis críticos da consciência social e natural, a cultura própria”. No dia a dia da escola, “[...] a pesquisa não é ato isolado, intermitente, especial, mas *atitude* processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem” (DEMO, 2001). Portanto, a arte sempre está vinculada à pesquisa e à consequente criação de novos objetos e conceitos, aí reside sua atitude emancipatória na formação de professores, seu compromisso com a inovação, com a criação própria, com uma atitude de mudança.

As experiências artísticas e estéticas realizadas no Ateliê de Gravura e Serigrafia Prof. Gilberto Pegoraro do curso de Artes Visuais da Unesc buscam este ambiente de transformação pelo fazer, pelo experimentar primeiramente os materiais, conhecer o processo buscando o deslumbramento pelo resultado alcançado, pensando na experiência como transformação, como acontecimento.

Para Deleuze e Guattari, as crianças são acontecimentos. Devir, acontecimento, as crianças são dissidentes de um decalque traçado para elas, muitas vezes exterior aos seus desejos, o que as motiva a resistir a modelos pedagógicos. Ao contrário, no contexto de uma pedagogia dos sentidos, pedagogia rizomática, nômade, os saberes tornam-se sabores porque permitem as inteligências, às crianças, aceder a um universo outro: ser bruxo com os bruxos, compartilhar da compreensão dos mistérios do nascimento, do amor, da vida, da morte, sem drama, sem histeria, sem dúvida, mas com fantasia criativa acoplada à reflexão e não à indução (LINS, 2005, p. 1230).

Nas disciplinas que atuo como “*artista-professora-propositora-pesquisadora*” tomo como desafios criar e gerar atividades pedagógicas para proporcionar experiências artísticas aos meus alunos e alunas para que percebam, pelo viés da pesquisa, quais linguagens artísticas devem ser desenvolvidas no ensino de arte.

Pensar uma “metodologia” do acontecimento é optar por uma gestão do tempo pedagógico, para além da cronologia e da lei, ou daquilo que é suposto ser a lei, sem, todavia, negar a importância dos limites compartilhados e não impostos (LINS, 2005, p. 1239).

A lógica linear cede lugar ao acontecimento (LINS, 2005).

O professor de arte precisa estar aberto à pesquisa e à consequente criação de novos objetos e conceitos, aí reside sua atitude emancipatória na formação de professores/as, seu compromisso com a pesquisa, com a criação própria, com uma atitude de mudança. Ao concordar com Fritzen e Moreira (2008, p. 8), partilho da ideia de que “O desafio da educação contemporânea é inserir em seu meio linguagens múltiplas como mediações para a criação, para a formação de autores, de críticos, de sujeitos”.

Nesta mesma perspectiva, Martins (2006) completa:

A linguagem da arte parece instigar o educador, de qualquer área, a se tornar mais sensível às leituras de mundo expressas não só pelas obras de arte, pelas manifestações culturais, mas pelos seus aprendizes, com mais sensibilidade, com mais sutileza e crítica e a pensar também não só através da linguagem verbal tratada apenas pelo seu modo mais objetivo e frio e não ampliada pelo poético que também está nela presente (MARTINS, 2006, p. 237).

Compreendo que o curso de Artes Visuais precisa contemplar as diferentes linguagens e não privilegiar algumas e que na aula de Artes na educação básica os/as alunos/as necessitam ter acesso a todas estas linguagens. Como já afirmei anteriormente, durante minha atuação como artista e *professora-propositora-pesquisadora* pude perceber que a gravura como linguagem artística vem sendo pouco explorada na aula de Artes na educação básica e as linguagens mais citadas pelos/as estudantes são o desenho e a pintura, quando questionados/as sobre seu tempo de escola.

Nos próximos capítulos irei problematizar as experiências “colhidas” entre os anos de 2013 a 2016.

#### **4 MEMÓRIAS DA ESCOLA: A EXPERIÊNCIA EM IMAGENS E EM NARRATIVAS**

Durante a criação das várias gravuras (serigrafias, cologravuras, carimbos) e narrativas que emergiram a partir das memórias dos/as acadêmicos/as quanto ao tempo de escola e ao ensino de Artes, utilizei a a/r/tografia, que é “uma forma de investigação que abrange as práticas do artista (músico, poeta, dançarino etc.), do educador (professor/aluno) e do pesquisador (investigador)” (IRWIN, 2013, p. 28).

Nas disciplinas Gravura e Pesquisa e Serigrafia e Pesquisa, como já foi mencionado, solicito que os estudantes tragam imagens para ilustrar as memórias de seu tempo de escola e esta deve ser transformada em uma gravura, podendo ser em xilogravura (gravura em madeira), cologravura, carimbos e serigrafias. Também é aplicado um questionário (ANEXO B).

Em 2013, na disciplina de Serigrafia e Pesquisa, ofertada na 4ª fase, foram aplicados 23 questionários e, posteriormente, foram impressas as serigrafias. A partir de fotografias das fachadas das escolas foram gravadas telas serigráficas e a imagem foi impressa em papel, sendo, posteriormente, colorida por meio de várias técnicas como: aquarela, caneta hidrocor, lápis de cor, vela derretida, colagem com papel e colagem com barbantes coloridos. Foram realizadas 24 serigrafias.

No ano de 2014, na disciplina de Gravura e Pesquisa, na 3ª fase, foram aplicados mais 14 questionários e criadas cologravuras (a matriz é criada a partir da colagem de diversos materiais, colagem com barbantes, texturas variadas em um suporte), totalizando 13 cologravuras pelos/as alunos/as.

No ano de 2015, na disciplina Serigrafia e Pesquisa, foram recolhidos 13 questionários e realizadas as serigrafias a partir da imagem da fachada da escola, em seguida foram gravadas as telas serigráficas e foram impressas em papel. O resultado das impressões foi colorido com aquarela. Ao todo, foram realizadas 27 serigrafias com acadêmicos/as da 4ª fase de licenciatura.

Na turma de licenciatura, desenvolvi o projeto “Memórias da Escola”, resultando em 28 questionários e 28 serigrafias; já na turma de bacharelado, desenvolvi um novo projeto denominado ‘Memórias Pessoais’<sup>11</sup>, nos mesmos moldes do anterior. Neste projeto, os/as acadêmicos/as realizaram pequenos formatos no suporte de uma marmitex, utilizando a linguagem da serigrafia com a ideia de alimento, com o título “O que alimenta sua memória? - lugares-corpo x lugares-

---

<sup>11</sup> Esta experiência não será analisada neste estudo.

memória”. Este, por sua vez, foi desenvolvido como uma atividade interdisciplinar com a disciplina de Escultura e Pesquisa, também do curso de Artes Visuais. Como resultado da experiência desenvolvida no projeto ‘Memórias Pessoais’ foi realizada uma exposição na reabertura da nova Biblioteca da Unesc, entre os dias 30 de junho a 6 de julho de 2015, no hall da universidade.

No ano de 2016, no primeiro semestre, na disciplina Gravura e Pesquisa, novamente foi desenvolvido o projeto “Memórias da Escola”, quando os/as acadêmicos/as de licenciatura criaram em borrachas escolares um carimbo (gravura entalhada na borracha sobre algo que remetesse ao tempo de escola). Ao todo foram respondidos 15 questionários e produzidos 18 carimbos.

Também no ano de 2016 foi realizada a exposição “Lugares de Memória”, na sala Edi Balod, espaço de exposições e laboratório de Artes Visuais na Unesc, em paralelo ao IV Colóquio de História da Educação: Patrimônio Cultural, Lugares, Memórias e Identidades, onde foram apresentadas todas as produções em gravura do acervo do Ateliê de Gravura e Serigrafia Prof. Gilberto Pegoraro que compõem esta pesquisa – de 2013 ao 1º semestre de 2016.

A partir de todo o material produzido que está sob a guarda do referido ateliê é que se desdobram as discussões que serão apresentadas nos itens 4.1 e 4.2 deste capítulo.

#### 4.1 MEMÓRIAS DA ESCOLA EM IMAGENS

Ao todo foram produzidas, no decorrer do segundo semestre de 2013 até o primeiro semestre de 2016, 82 gravuras nas disciplinas de Gravura e Pesquisa e Serigrafia e Pesquisa (Licenciatura). O quadro abaixo sintetiza esta experiência, objeto deste estudo.

Tabela 2 – Síntese da experiência desenvolvida no projeto “Memórias da Escola” (2013-2016)

ANO/ DISCIPLIN A	SERIGRAFIA E PESQUISA (2ª Fase)		GRAVURA E PESQUISA (3ª Fase)	
	Nº/ Técnic a	Nº/ Questioná rios	Nº/ Técnic a	Nº/ Questioná rios
<b>2013</b> (2º semestre)	23 Serigrafia s	23	-	-
<b>2014</b> (1º semestre)	-	-	13 Cologravura s	14
<b>2015</b> (2º semestre)	28 Serigrafia s	13	-	-
<b>2016</b> (1º semestre)	-	-	18 Carimbos	15

Fonte: Dados da pesquisadora.

O processo artístico das serigrafias se dá primeiramente pela escolha da imagem da escola a partir de uma fotografia, no caso a fachada, pode ser uma imagem feita pelo/a acadêmico/a ou proveniente de uma pesquisa na internet, com uma boa resolução/qualidade da imagem. (Imagem 13)

Figura 13 – Fotografia colorida do Edifício da Escola de Educação Básica Nossa Senhora de Fátima (Rio Fortuna - SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

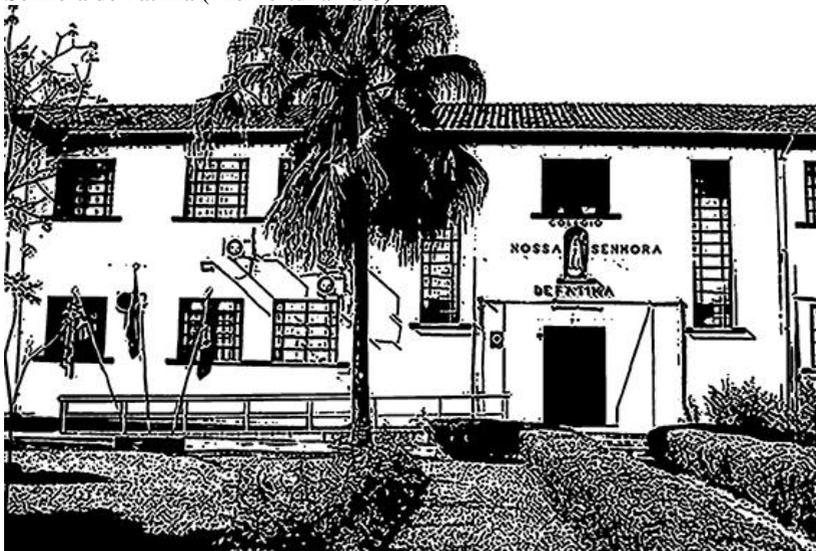
A fotografia é transformada em tons de cinza por meio de um programa gráfico e logo após utiliza-se um filtro para que a imagem fique somente com os traços em preto (Imagens 14 e 15).

Figura 14 – Imagem em preto e branco do Edifício da Escola de Educação Básica Nossa Senhora de Fátima (Rio Fortuna - SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 15 – Imagem com filtro do Edifício da Escola de Educação Básica Nossa Senhora de Fátima (Rio Fortuna - SC)

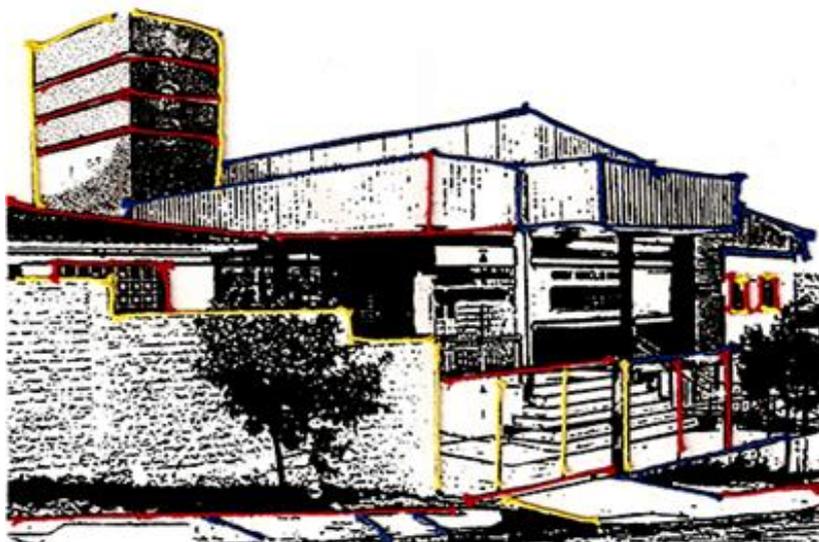


Fonte: Acervo da pesquisadora.

A partir da imagem somente com os traços pretos (Imagem 15), faz-se a impressão em uma folha de papel poliéster e, posteriormente, é feita a gravação da tela serigráfica.

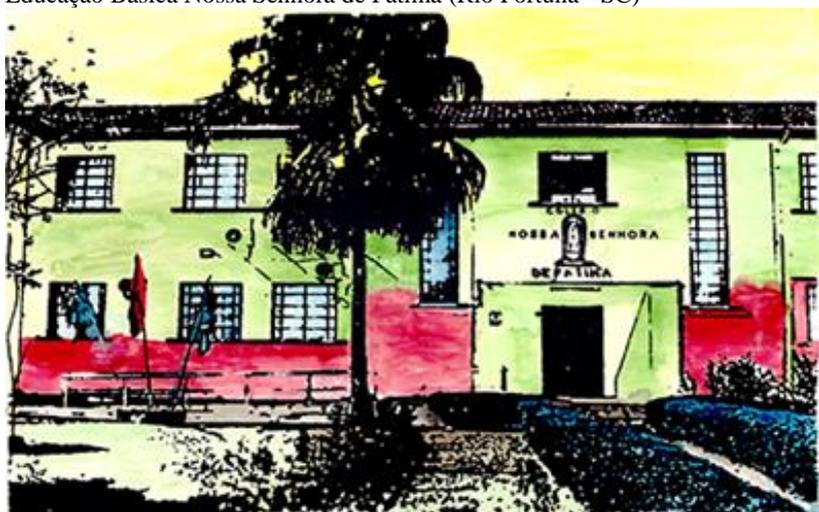
As serigrafias foram realizadas no ano de 2013, das 23 serigrafias produzidas pelos/as acadêmicos/as que representam os edifícios escolares, selecionei quatro por considerá-las variadas, enquanto técnica utilizada, localização e rede de ensino. As imagens 16, 17, 18 e 19, que seguem, expressam esta diversidade.

Figura 16 – Representação em serigrafia e colagem com barbantes coloridos do Edifício da Escola Municipal de Ensino Fundamental Hercílio Amante (Criciúma - SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 17 – Representação em serigrafia e aquarela do Edifício da Escola de Educação Básica Nossa Senhora de Fátima (Rio Fortuna - SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 18 – Representação em serigrafia e pintura do Edifício do Centro de Educação Profissional “Abílio Paulo” - CEDUP (Criciúma - SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 19 – Representação em serigrafia e aquarela do Edifício do Colégio São Bento (Criciúma - SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Também no ano de 2015 foram realizados questionários e serigrafias a partir da imagem da fachada da escola, após foram gravadas as telas serigráficas e impressas em papel, o resultado das impressões foi colorido com aquarela. Ao todo foram realizadas 28 serigrafias, no formato de papel A4 (14,5 X 21 cm). (Imagens 20, 21, 22 e 23).

Figura 20 – Educação do Amazonas (Manaus - AM)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 21 – Representação em serigrafia e aquarela do Edifício da Escola de Educação Básica de Meleiro (Meleiro – SC)



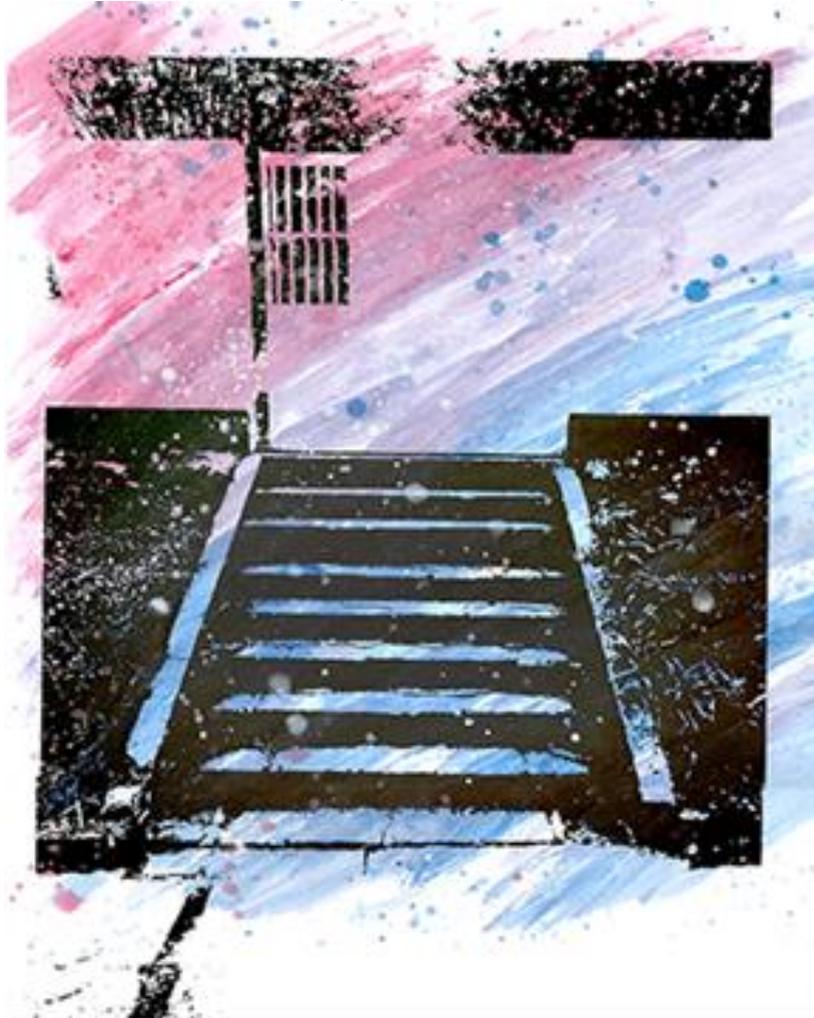
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 22 – Representação em serigrafia e aquarela do Edifício da Escola de Educação Básica Pascoal Meller (Criciúma - SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 23 – Representação em serigrafia e aquarela da Escola Estadual de Ensino Médio Dom Pedro de Alcântara (Dom Pedro de Alcântara - RS)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Já as cologravuras (a matriz é criada a partir da colagem de diversos materiais: colagem com barbantes, texturas variadas como arroz, tecidos em um suporte como MDF ou papelão) foram realizadas no ano de 2014, sendo colhidos 14 depoimentos na disciplina de Gravura e Pesquisa e criadas no total 13 cologravuras. (Imagens 24, 25, 26, 27 e 28).

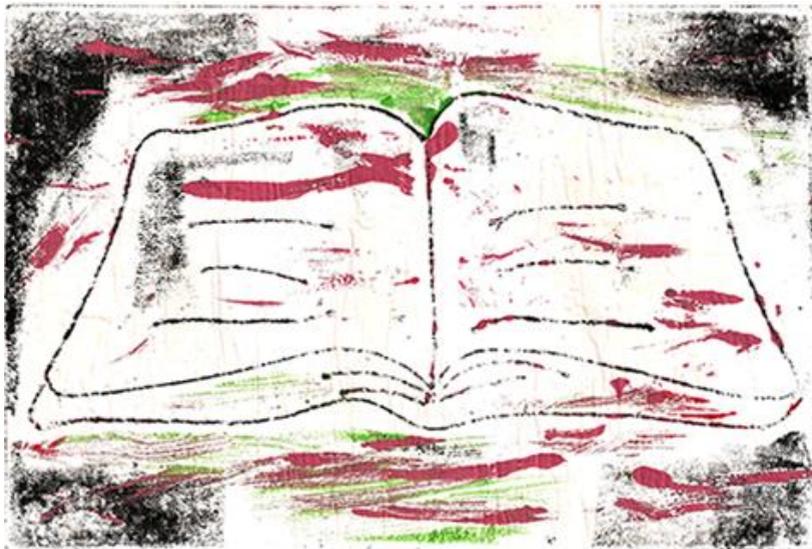
Figura 24 – Matriz de cologravura realizada com a colagem de diversos materiais como barbante, papelão corrugado, plástico, etc.



Fonte: acervo da pesquisadora.

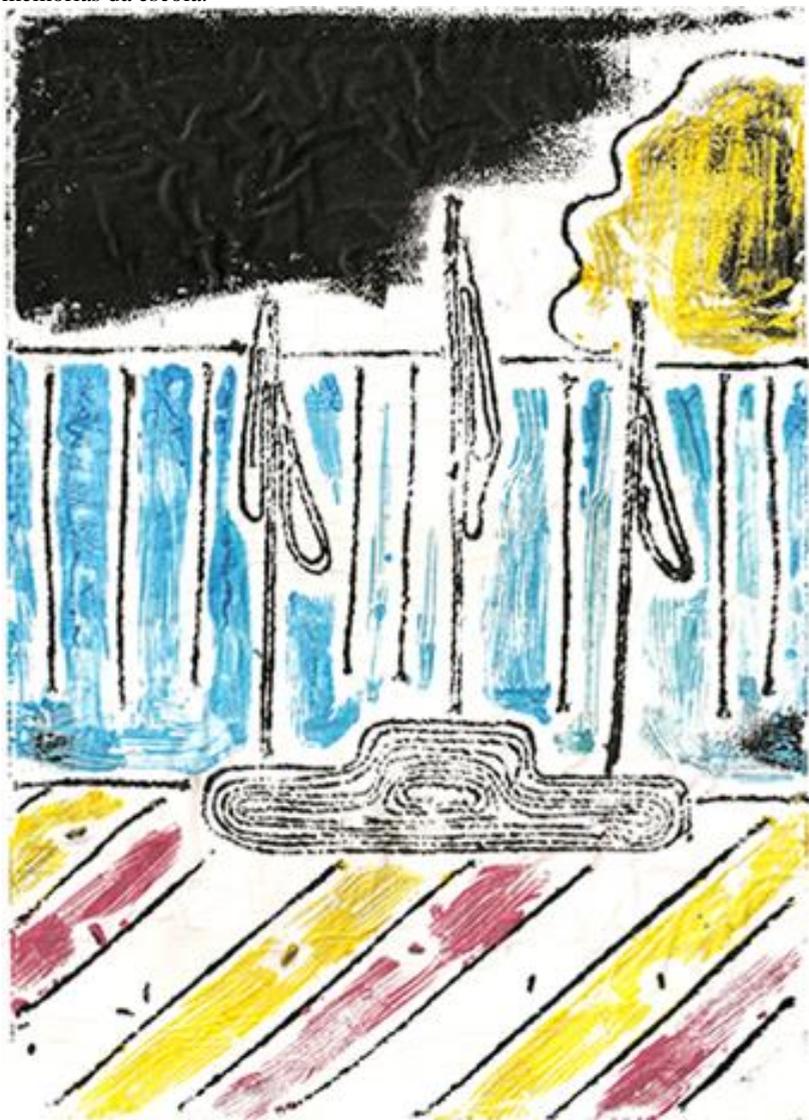
As cologravuras visualizadas neste estudo foram escolhidas pelos objetos encontrados e valorizados na escola, sendo imagens de comemorações como o Dia do Folclore com o Boi de Mamão, o Dia da Independência do Brasil e suas datas comemorativas através das imagens das bandeiras, festividades muitas vezes abarcadas pela disciplina de Artes na escola.

Figura 25 – Um Livro – Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 26 – A Bandeira – Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 27 – Boi de Mamão – Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola (Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental José Contim Portella – Criciúma/SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 28 – Comemoração – Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Em relação às gravuras em carimbo produzidas pelos/as acadêmicos/as a respeito de suas memórias da escola e sobre os objetos

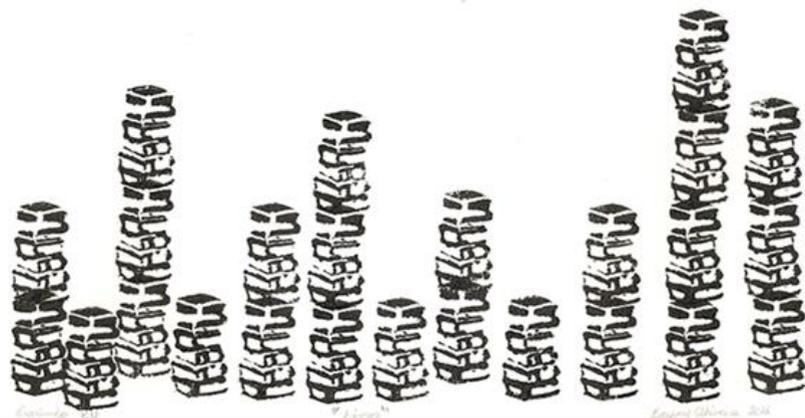
escolares, selecionei também outras quatro gravuras, que privilegiaram alguns objetos, como livros, óculos, jogos e a linguagem do teatro, todos feitos em carimbo de borracha, realizadas no primeiro semestre de 2016, na disciplina de Gravura e Pesquisa, com a turma da 3ª fase de licenciatura em que os/as acadêmicos/as produziram uma gravura a partir de uma memória do seu tempo de escola. Ao todo foram 18 produções e algumas seguem representadas nas Imagens 29, 30, 31, 32 e 33.

Figura 29 – Carimbos realizados em borracha escolar – óculos, livros e peça de jogo de xadrez



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 30 – Livros – Representação em carimbo a partir das memórias da escola (Escola de Educação Básica Professora Salete Scotti dos Santos – Içara - SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 31 – Óculos – Representação em carimbo a partir das memórias da escola  
(Escola de Educação Básica Jacinto Machado - Jacinto Machado – SC)



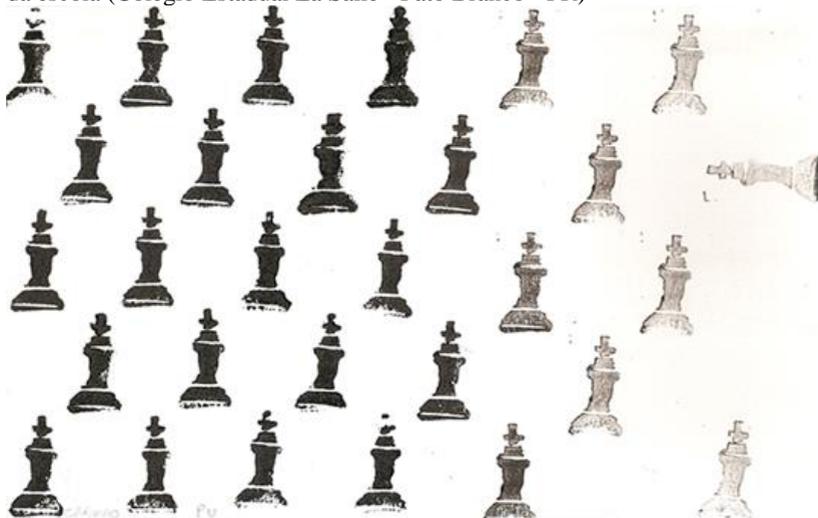
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 32 – Teatro – Representação em carimbo a partir das memórias da escola (Escola Municipal de Ensino Fundamental Paulo Rizzieri no Bairro Boa Vista - Içara - SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 33 – Jogo de xadrez – Representação em carimbo a partir das memórias da escola (Colégio Estadual La Salle - Pato Branco - PR)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Como reevocação, representação ou imaginação, a imagem tem esse caráter enigmático e crítico que condensa extremos – o distante e o próximo, o real e o imaginado, o presente e o passado – que podem unir elementos empíricos e simbólicos. As imagens instauram memórias possíveis, organizam o tempo em um trânsito em que as lembranças ganham mobilidade e deixam de ser um passado estático, criando um fluxo entre presente, passado e futuro (MARTINS, 2013, p. 85).

As imagens representam diferentes aspectos da vida escolar. Desde os edifícios até os objetos que fazem parte das memórias guardadas pelos/as acadêmicos/as sobre seu tempo de escola.

Trabalhar com imagens é articular idas e vindas no tempo, inventando mundos e narrando histórias. É escolher e organizar fluxos imagéticos que se espalham no tempo, realidades múltiplas que se constroem, ficções que se tornam realidades. Ao pensar com imagens, buscamos possibilidades de promover outros espaços e ideias, extraindo dos fluxos do tempo oportunidades de ensinar, aprender, socializar, politizar, educar e criticar nos contrapondo a homogeneidades históricas, artísticas e educacionais. Graças às temporalidades, construímos, recuperamos, revisamos, disputamos, atualizamos e renovamos sentidos e significados. As temporalidades da imagem nos permitem frequentar espaços inventados, mundos imaginados, rememorar experiências, associar, encadear, organizar e criar narrativas. As imagens proporcionam uma experiência de tempo que não sugere apenas a duração, mas possibilita a imersão em uma temporalização de mundos (MARTINS, 2013, p. 85).

Trago a seguir todas as produções em gravura realizadas pelos/as acadêmicos/as do curso de Artes Visuais – Licenciatura como um ato de valorização de todas as criações.

**Acervo de imagens sobre as Memórias da Escola - Disciplina de Serigrafia e Pesquisa – Licenciatura (2013)**

Figura 34 – Representação em serigrafia e pintura Instituto de Educação Estadual Rubén Darío (Sapucaia do Sul – RS)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 35 – Representação em serigrafia e aquarela do Edifício da Escola de Educação Básica Nossa Senhora de Fátima (Rio Fortuna - SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 36 – Representação em serigrafia e pintura do Edifício do Centro de Educação Profissional “Abílio Paulo” - CEDUP (Criciúma-SC)



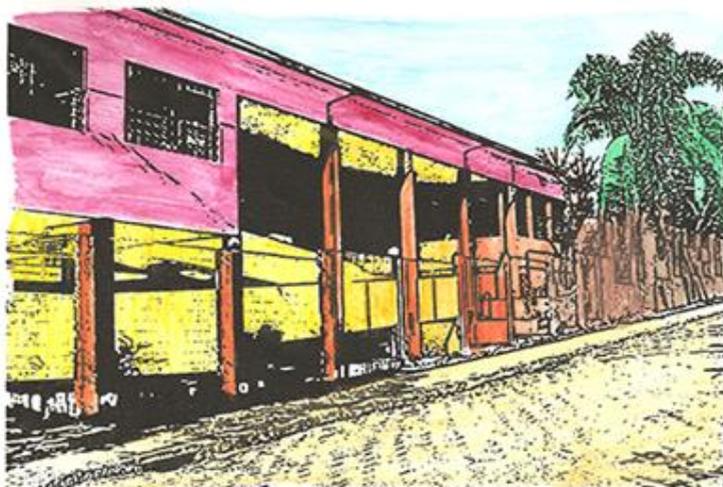
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 37 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica João Frassetto (Criciúma-SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 38 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica Coelho Neto (Criciúma-SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 39 – Representação em serigrafia e pintura da Escola Municipal de Educação Básica Arizona (Jacinto Machado – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 40 – Representação em serigrafia e pintura da Escola Ensino Fundamental Cônego João Reitz (Santa Rosa do Sul – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 41 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica Antônio Colonetti (Içara – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 42 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Ensino Fundamental Prof.<sup>a</sup> Lígia Chaves Cabral (Lauro Muller – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 43 – Representação em serigrafia e colagem da Escola de Educação Básica Prof.<sup>a</sup> Maria Solange Lopes de Borba (São João do Sul – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 44 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Ensino Básico Eng. Annes Gualberto (Joinville – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 45 – Representação em serigrafia e pintura (cera derretida e foil serigráfico) da Escola de Educação Básica Praia da Gaivota (Balneário Gaivota – SC)



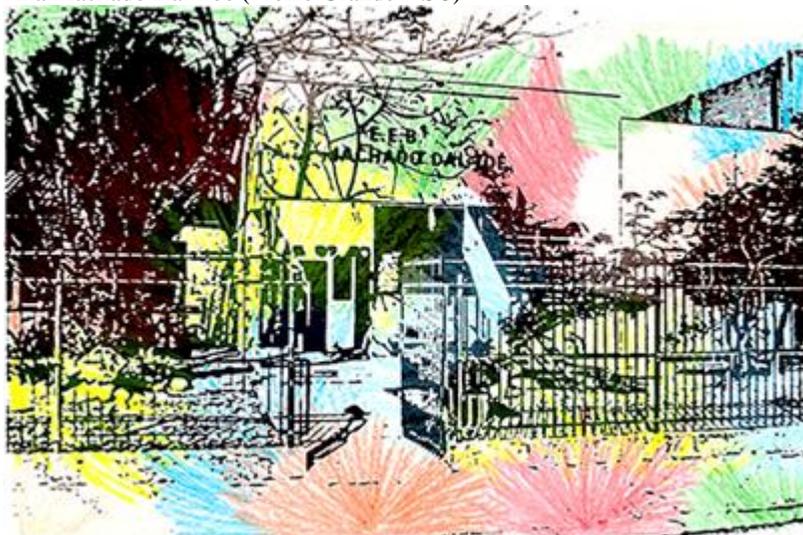
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 46 – Representação em serigrafia e pintura da Escola Municipal de Ensino Fundamental Jorge da Cunha Carneiro (Criciúma – SC)



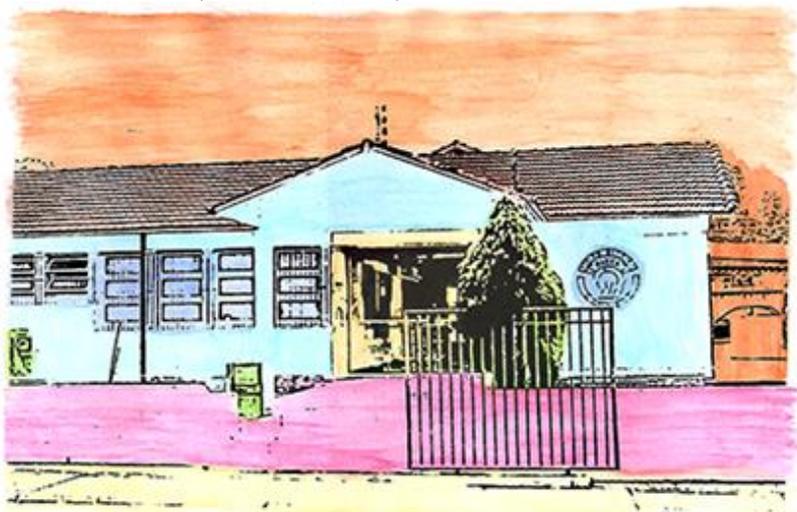
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 47 – Representação em serigrafia e giz de cera da Escola Educação Básica Ana Machado Dal Toé (Morro Grande – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 48 – Representação em serigrafia e pintura da Escola Educação Básica Walter Holthausen (Lauro Müller – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 49 – Representação em serigrafia e pintura da Escola Educação Básica Professor Pedro da Re (Criciúma – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 50 – Representação em serigrafia e pintura da Escola Educação Básica São José (São Joaquim – SC)



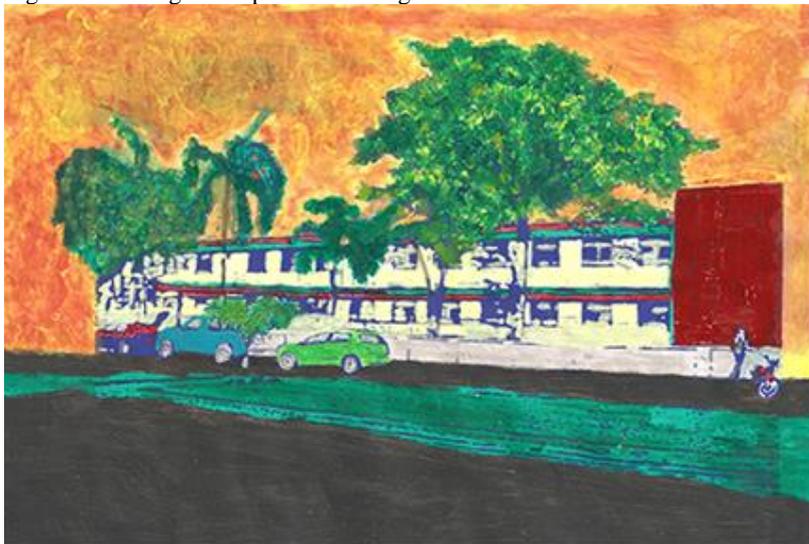
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 51 – Serigrafia e pintura na imagem de uma escola.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 52 – Serigrafia e pintura na imagem de uma escola.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Cada acadêmico/a escolheu uma imagem de sua escola que poderia ser do ensino fundamental ou médio, geralmente foram escolhidas imagens retiradas da internet. Todas as imagens passaram por tratamento gráfico para que resultem somente as linhas em preto da imagem escolhida. O resultado gerou imagens quase fotográficas devido à aproximação com a fotografia, somente depois que as imagens foram serigrafadas em papel elas foram pintadas com aquarela, tinta guache, etc. Muitos resultados ficaram diferentes da fachada original da escola, mas a pesquisa não focou em sua autenticidade como imagem, mas sim nas memórias evocadas e suas relações com o ensino da arte.

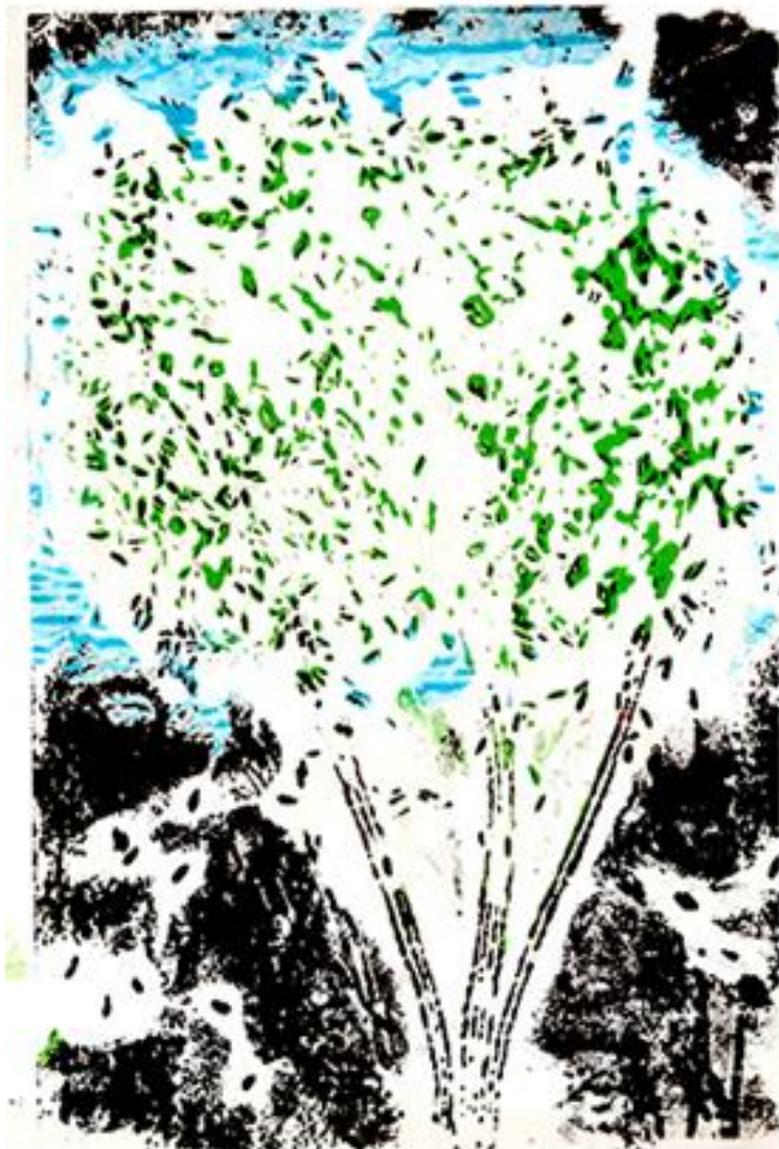
### **Acervo de imagens sobre as Memórias da Escola – Disciplina de Gravura e Pesquisa – Licenciatura (2014) – Cologravuras**

Figura 53 – Portão da Escola – Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 54 – Árvore – Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 55 – Campo de Futebol - Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 56 – Árvore Colorida – Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 57 – Menina – Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 58 – Jardim – Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola



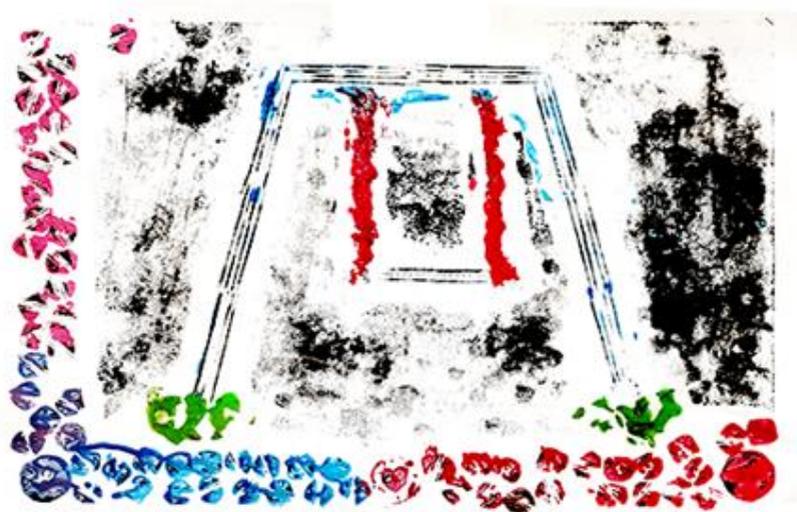
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 59 – Parque – Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 60 – Balanço – Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 61 – A Bicicleta – Representação em cologravura e pintura a partir das memórias da escola



Fonte: Acervo da pesquisadora.

As imagens criadas pelas cologravuras resultaram mais criativas e mais distantes de um resultado fotográfico, pois os materiais utilizados para realizar uma imagem são barbantes, arroz, massas, botões, o que resulta uma memória vivenciada na escola menos realista como imagem e mais criativa como ideia, então temos imagens de portões da escola, do boi de mamão, árvores, jogos de futebol, bicicletas, balanços, parques e jardins.

**Acervo de imagens sobre as Memórias da Escola - Disciplina de Serigrafia e Pesquisa – Licenciatura (2015) – Serigrafias**

Figura 62 – Representação em serigrafia e aquarela da Escola Municipal de Ensino Básico Albino Zanatta (Jacinto Machado – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 63 – Representação em serigrafia e aquarela da Escola Municipal de Ensino Básico Antônio Stuart (Sombrio – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 64 – Representação em serigrafia e aquarela da Escola de Ensino Básico Castro Alves (Araranguá – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 65 – Representação em serigrafia e pintura do Edifício do Centro de Educação Profissional “Abílio Paulo” - CEDUP (Criciúma-SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 66 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica Dom Joaquim (Braço do Norte – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 67 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica Humberto Hermes Hoffmann (Nova Veneza – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 68 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica Humberto Hermes Hoffmann (Nova Veneza – SC)



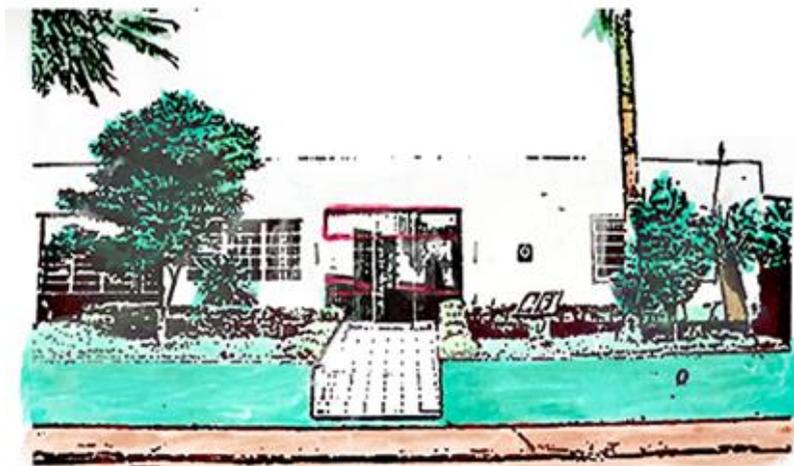
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 69 – Representação em serigrafia e pintura do Instituto Federal Catarinense (Campus Sombrio – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 70 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica João Colodel (Turvo – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 71 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica João dos Santos Areão (Santa Rosa do Sul – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 72 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Municipal Macário Borba (Sombrio – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 73 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica Manoel Gomes Baltazar (Maracajá – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 74 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica Profª Garcia Pessi (Araranguá – SC)



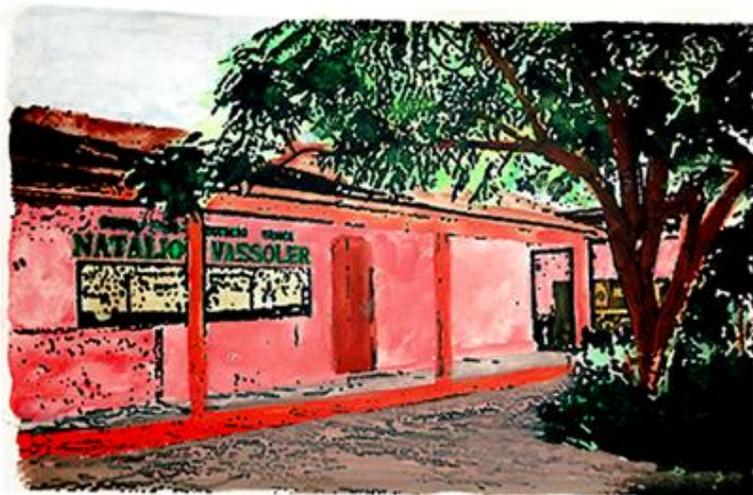
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 75 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica Municipal Nair Alves Bratti (Sombrio – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 76 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica Natálio Vassoler (Forquilha – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 77 – Representação em serigrafia e pintura da Escola de Educação Básica (Praia da Gaivota – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 78 – Representação em serigrafia e pintura da Escola Técnica Educacional SATC (Criciúma – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 79 – Representação em serigrafia e pintura da Escola Educação Básica Profª Salete Scotti dos Santos (Içara – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 80 – Representação em serigrafia e pintura da Escola Técnica Educacional SATC (Criciúma – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 81 – Representação em serigrafia e pintura da Escola Educação Básica Waldemar Casagrande (Forquilha – SC)



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 82 – Representação em serigrafia e pintura da Escola Educação Básica Lindolfo Collor (Criciúma – SC)

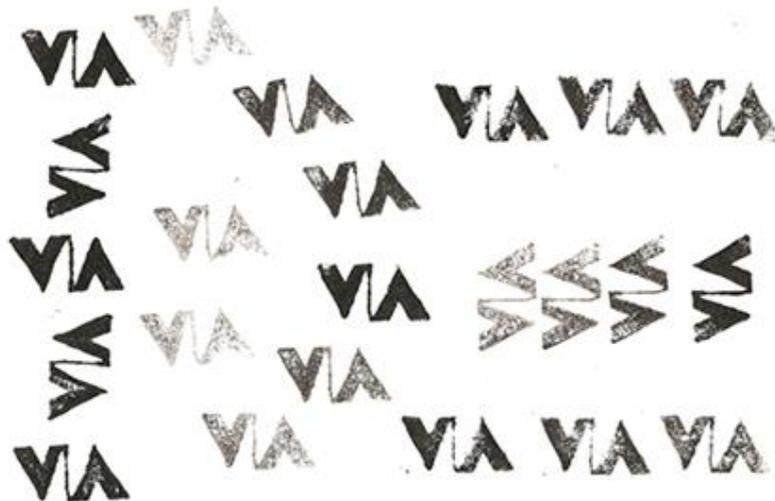


Fonte: Acervo da pesquisadora.

Em 2015, novamente foram realizadas serigrafias com as imagens das fachadas das escolas, agora no formato A4 (21 x 29,7 cm), algumas escolas foram repetidas, mas com imagens diferentes, de outro ângulo, e receberam pintura com aquarela e tinta guache, não houve preocupação com a autenticidade da cor da escola, prevalecendo a criação.

**Acervo de Imagens sobre as Memórias da Escola - Disciplina de Gravura e Pesquisa – Licenciatura (2016) – Carimbos**

Figura 83 – Telhado - Representação em carimbo das memórias da escola



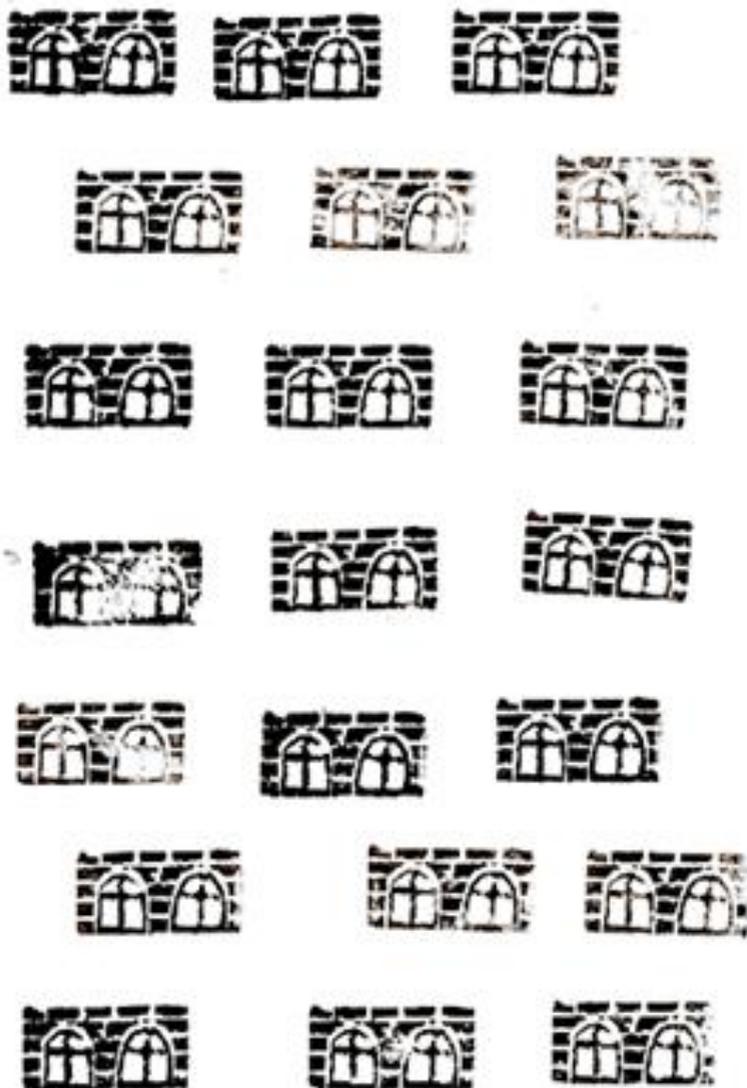
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 84 – Representação em carimbo das memórias da escola



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 85 – Fachadas – Representação em carimbo das memórias da escola



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 86 – Representação em carimbo das memórias da escola



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 87 – Tempo – Representação em carimbo das memórias da escola



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 88 – Lajotas I – Representação em carimbo das memórias da escola



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 89 – Lajotas II – Representação em carimbo das memórias da escola



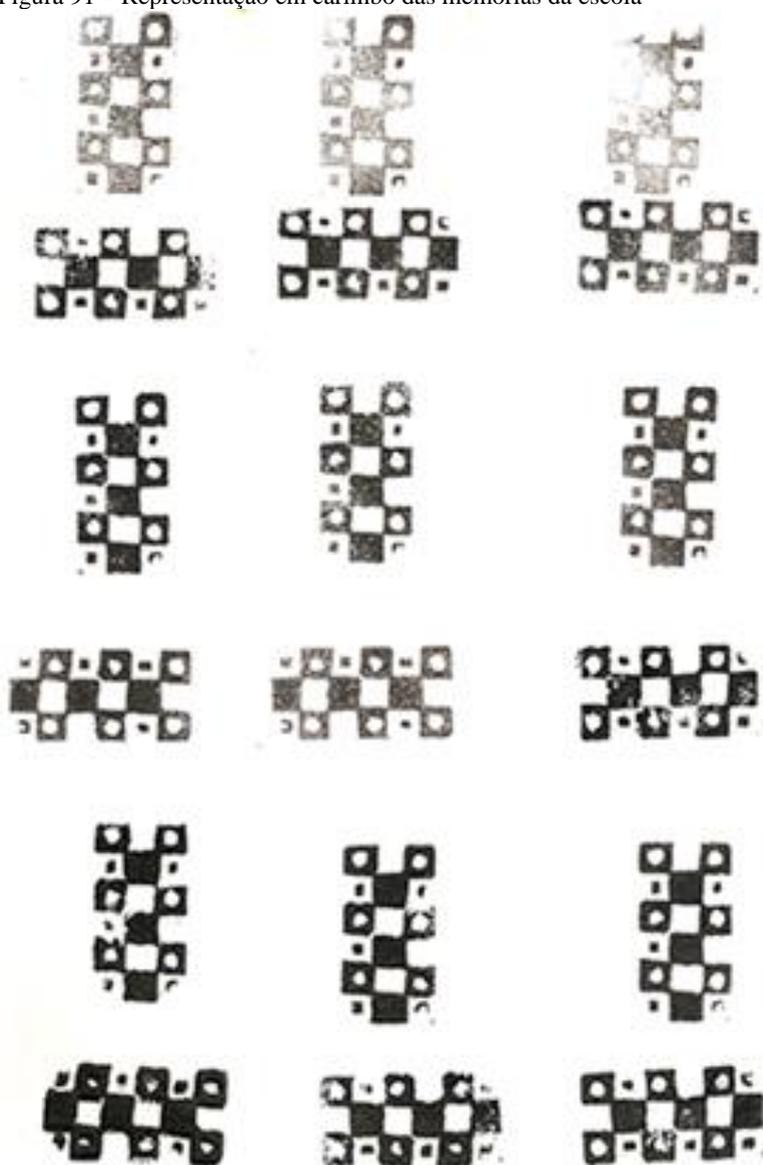
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 90 – Lágrimas – Representação em carimbo das memórias da escola



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 91 – Representação em carimbo das memórias da escola



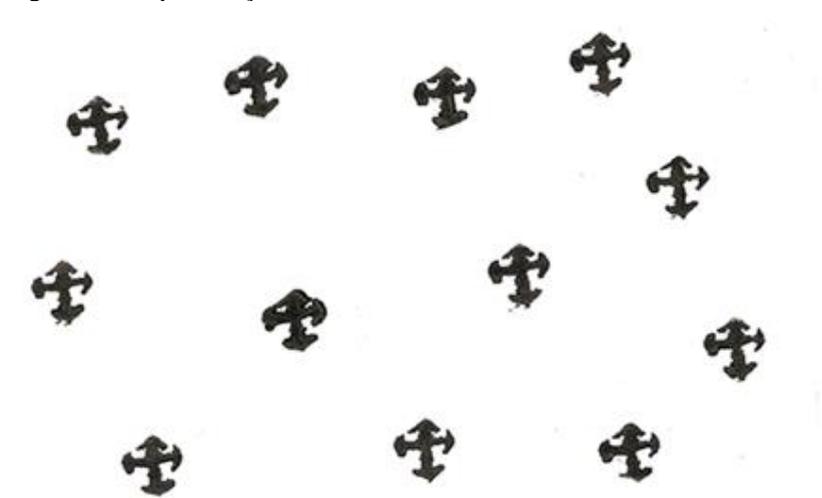
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 92 – Pincéis – Representação em carimbo das memórias da escola



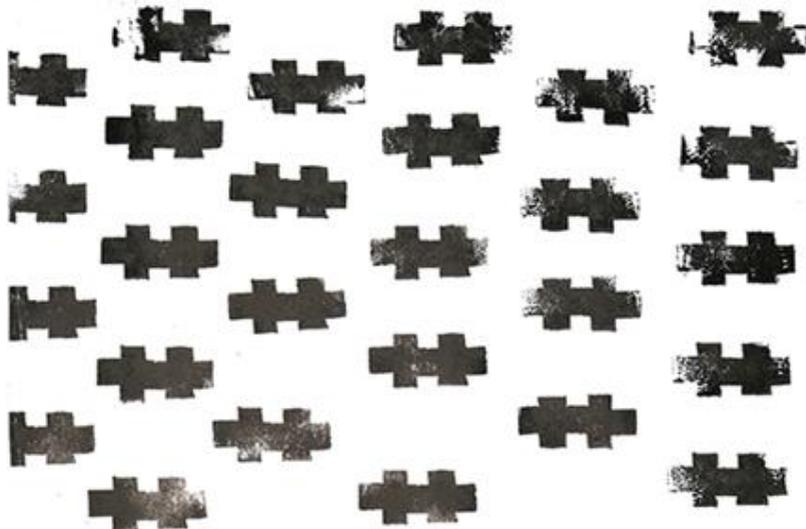
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 93 – Representação em carimbo das memórias da escola



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 94 – Representação em carimbo das memórias da escola



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 95 – Árvores – Representação em carimbo das memórias da escola



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 96 – Brincadeira de Pião – Representação em carimbo das memórias da escola



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Na criação dos carimbos de borracha prevaleceu a síntese na criação das imagens devido às especificidades da técnica e as limitações do material, resultando em imagens mais simples e sem traços fotográficos. Nas memórias trazidas pelos/as acadêmicos/as prevaleceram as brincadeiras, os detalhes arquitetônicos da escola, os lugares mais lembrados como lugares e objetos afetivos como a biblioteca e os livros.

#### 4.2 MEMÓRIAS DA ESCOLA EM NARRATIVAS

As memórias dos estudantes sobre o ensino de Artes apresentam-se também em forma de narrativas. Para Rosito (2010),

Narrar histórias sobre nós mesmos é uma possibilidade de produzir imagens sobre a nossa trajetória. Desvela-se, neste processo criativo, a autoria oculta presente-esquecida, no adulto, que precisa de atenção. Assim, é essencial que o pesquisador e o professor reconheçam e cuidem desta autoria que neles habita (ROSITO, 2010, p. 31).

São muitas as lembranças que os acadêmicos trazem sobre suas trajetórias escolares (ANEXO C). Cada um vivenciou esta experiência de forma singular e única, pois são sujeitos com distintas histórias de vida e diferentes formas de conceber a vida e o mundo.

Alguns depoimentos foram selecionados para exemplificar estas singularidades.

Quando penso nas lembranças que tenho da escola, me lembro primeiramente da recepção da direção quando lá chegamos, nos acolhendo, e como essa primeira impressão foi motivadora para os meus estudos. Um dos meus lugares preferidos na escola era a biblioteca, que, devido à atenção e amizade do professor responsável, se tornou um ponto de encontro entre meus amigos nos horários que não tinham aula. A escola era florida, com muitas árvores, e cada prédio tinha um nome inspirado na mitologia grega. O “auditório” onde aconteciam as atividades acadêmicas e recreativas era um DTG (Departamento de Tradições Gaúchas), e como tal,

era um galpão feito de madeira, onde acontecia também reuniões do centro tradicionalista nos fins de semana. Entre os professores, tive dois que me marcaram bastante. A primeira lecionava Português, e foi uma pessoa muito importante, que nos fazia gostar da disciplina e principalmente entendê-la. O outro era professor de Química, e sua aula era marcante não pela sua matéria, mas porque ele sempre trazia assuntos totalmente diferentes e nos fazia pensar além do que víamos, despertando nossa curiosidade. Uma característica que destacava essa escola das demais nessa época em que estudei era o Grêmio Estudantil, que era muito atuante, e servia de referência para a região. Outra lembrança alegre eram os intervalos do recreio, que sempre tinham música, que os próprios alunos levavam todos os dias para tocar, e era comum ver gente cantando junto com o rádio. Foi um período muito importante, onde tive muitas experiências enriquecedoras e marcantes, que me motivaram a querer ir além nas minhas escolhas (Estudante 1, 2013 – Disciplina de Serigrafia e Pesquisa – Licenciatura).

Estudei durante muito tempo nessa escola e, dentro desse período, tive os melhores anos da minha vida. Guardo muitas lembranças boas de lá. O que eu mais gostava da escola era a simplicidade das coisas, os professores amigos (a maioria, pelo menos) e as amizades que fiz – essas amizades não sobreviveram muito tempo após a formatura, mas tiveram seu valor em seu tempo (Estudante 9, 2013 – Disciplina de Serigrafia e Pesquisa – Licenciatura).

Nessas três escolas que cursei tenho muitas memórias, como amigos, professores, ensinamentos, etc., no geral foi bom, turbulências sempre ocorrem em nossas vidas e na infância e juventude não é diferente, então teve muitos momentos que não gostava de ir à escola, e outros que achava o máximo ter que ir até lá. Sempre gostei de aprender coisas novas então procurava manter o foco nos estudos, muitas vezes sem sucesso por vários fatores, mas na maior parte

consegui adquirir conhecimentos que uso até hoje. A escola é uma vida, vive-se mais lá do que talvez na própria casa, então procurava sempre o melhor, aprender e repassar esse conhecimento para frente. A que me recordo mais é as últimas séries pelo fato de estar mais perto dos dias de hoje e a memória ser melhor, então lembro muito bem que foram anos de bastante estudo, as duas últimas eram muito boas na questão de ensinar, professores bons e o aprendizado em si era valorizado, não o suficiente, mas acredito que na maior parte foi alcançado os objetivos propostos. Falando em arte, era a disciplina mais carente talvez em conteúdo e na forma de passar isso para nós alunos, vendo hoje por esse lado muitas coisas poderiam ter sido exploradas e não foram, mas isso foi no passado e tenho certeza que essas mesmas escolas já se aprimoraram e se prepararam melhor para atender essa falha de ensino (Estudante 14, 2013 – Disciplina de Serigrafia e Pesquisa – Licenciatura).

Tenho lembranças boas e ruins deste período, entre uma turma era tratada com igualdade por todos sem preconceito por ser uma menina. Mas pelas outras meninas eu sofria muito, fui muito discriminada por elas na escola. Sofria por ser negra e ser de família humilde, naquele tempo a palavra *bullying* não existia no nosso meio, mas hoje percebo que o que acontecia comigo era *bullying*. Apesar destes fatos tristes, foi uma fase importante para o meu amadurecimento, pois aprendi a não me deixar afetar por pessoas negativas (Estudante 12, 2014 – Disciplina de Gravura e Pesquisa – Licenciatura).

Lembro-me também de sempre cantar o hino nacional antes de entrar na aula, e de sempre marchar no dia sete de setembro, sofri muito *bullying* na escola por isso não gosto muito de lembrar deste tempo. (Estudante 14, 2014 – Disciplina de Gravura e Pesquisa – Licenciatura)

Eu possuo somente memórias boas das escolas onde estudei, não consigo me lembrar de nenhum acontecimento que tenha me deixado triste. Sempre fui muito tímida, quietinha e me apeguei a duas

amigas, a Bia e a Ângela, formávamos um trio perfeito que começou ainda no pré e durou até entrarmos no ensino médio. Tudo nós fazíamos juntas, piquenique no recreio, trabalhos da escola, apresentações nas datas comemorativas, íamos e voltávamos de mãos dadas para a escola. Como morávamos perto uma da outra, na parte da tarde brincávamos na rua, nos reuníamos para fazer as tarefas escolares, fazíamos aula de dança, participávamos do coral. Na adolescência treinamos voleibol e criamos um time e uma quadra de areia no bairro, fundamos um grupo de jovens que é referência até hoje na cidade. Enfim, não tem como não falar das minhas memórias da escola sem falar da relação de amizade que nós três tínhamos e ainda temos (Estudante 11, 2015 – Disciplina de Serigrafia e Pesquisa – Licenciatura).

Sempre gostei muito da minha escola, os professores sempre foram muito bons, sempre gostei de participar de algumas coisas que a escola promovia, por exemplo, campeonatos de xadrez, danças em festas comemorativas e coisas do tipo. Outros locais que eu gostava e passava a maior parte do tempo eram a biblioteca e o laboratório de informática (Estudante 12, 2015 – Disciplina de Serigrafia e Pesquisa – Licenciatura).

Mesmo a escola sendo mal falada por muitos, até pelos moradores do bairro, eu gostava muito de estudar lá, é uma etapa de minha vida que guardarei sempre com muito carinho, pois lá fiz muitas amizades, tive grandes professores, e o mais importante, foi lá que nasceu em mim a vontade de ser professora. Ao longo de minha trajetória escolar, fui cultivando essa vontade e continuo nesse caminho, porém hoje estou na reta final para conclusão deste projeto e daqui a algum tempo vou colher meus frutos cultivados durante tanto tempo, e foi lá naquela escola humilde que foram plantados (Estudante 13, 2015 – Disciplina de Serigrafia e Pesquisa – Licenciatura).

Sempre fui uma estudante de nota regular, mas lembro-me que na oitava série, após oficialmente

eu me adentrar na literatura, eu percebi que havia muitas possibilidades, foi a partir daí que eu não seguia mais o ritmo dos meus outros colegas, eu “vivia fora do ar”, não de um modo negativo, isso me ajudou bastante, pois era assim que eu permitia que o conteúdo apreendido em classe fosse além das quatro paredes e a nota de avaliação. Adorava as aulas de história e geografia. A biblioteca tornou-se meu lugar favorito da escola, foi nesse tempo também que comecei a usar óculos, porque segundo todo mundo, eu lia demais. Essa mudança estética/visual fez com que eu fosse taxada de cdf/nerd, não me fazia sentir mal, eu só questionava que eu não era tão esperta assim. No último ano de escola, que foi mais decisivo para mim e para a maioria dos meus colegas, eu tinha a certeza do que faria, contudo as aulas e professores foram fundamentais para minha escolha de curso (Estudante 1, 2016 – Disciplina de Gravura e Pesquisa – Licenciatura; 2015 – Disciplina de Serigrafia e Pesquisa – Licenciatura).

Ao entrar em contato com estes depoimentos em diálogo com Otto (2012, p. 25), parto do entendimento que “o ser humano individualmente, ou no grupo social, não é somente portador de memórias, também as significa. Os sentidos atribuídos à memória decorrem de suas experiências interconectadas ao tempo e ao espaço, tanto do presente quanto do passado”. Ao definir este conceito, a autora busca na história sua ressignificação:

Na mitologia grega, *Mnemosyne* (Memória) era uma deusa, mãe das divindades e das musas, responsável pela inspiração dos poetas no sentido de dar a eles o poder de lembrar as coisas passadas. *Mnemosyne* tinha como responsabilidade dar aos poetas (*aedos*) inspiração, criatividade, imaginação. Nessa sociedade ancorada na dimensão mítico-poética, as musas e os poetas eram os enunciadores de verdades, os responsáveis por trazer ao grupo a importância da memória, que era sacralizada e estava dentro de um tempo também mítico (do deus Cronos). [...] Essa forma de pensamento teve vigência no século V a.C., período anterior à instauração do pensamento

racional para a busca do conhecimento. A partir do século V a.C., foi ocorrendo um processo de transição no modo de compreender e de explicar os fenômenos a ponto de a memória deixar de ser campo exclusivo dos poetas (OTTO, 2012, p. 26).

A autora acrescenta ainda que, a partir das experiências de vida de cada pessoa, o ato de rememorar não se torna único, mesmo que seja de uma mesma época, de um mesmo passado vivido por todos (OTTO, 2012).

A trajetória de vida de uma pessoa não pode ser compreendida como um conjunto coerente de acontecimentos, ordenados de forma linear. As memórias sobre a vida são reelaboradas a cada momento e, assim, podem apresentar lacunas, desvios e deslocamentos em relação aos seus contextos.

Desenvolver processos de escolarização a partir da memória é criar possibilidades para entender que nos rastros da memória está a história. Tratando de priorizar uma história-memória e compreendê-la como relativa e provisória (OTTO, 2012, p. 104).

Nos depoimentos expostos acima encontramos diversas formas de lembrar o tempo de escola, como: a existência de lugares de acolhimento como a biblioteca, professores que se diferenciavam dos demais, os intervalos do recreio, a disciplina de Artes que aparece como desprovida de conteúdo e na forma de transmitir conhecimento.

Também encontramos relatos de bullying, o que hoje já é mais discutido e denunciado que antigamente, relações de amizade que perduram até hoje, a vontade de ser professora no futuro e a descoberta da literatura incentivada pela escola.



## 5 LEMBRANÇAS ESCOLARES SOBRE O LUGAR E O CONTEÚDO DA DISCIPLINA DE ARTES

O procedimento de escolarização apresenta-se por táticas de aprendizagem, métodos de ensino, avaliação do rendimento escolar, notas, frequências, provas, fragmentação do tempo em horas-aulas, imobilidade em carteiras, sem poder conversar, trocar experiências etc. (FUSINATO; KRAEMER, 2013).

A escola é uma organização já institucionalizada na sociedade contemporânea, todos os discursos defendem seu papel social, suas competências intelectuais e profissionais. É a instituição responsável pela formação moral e intelectual do ser humano, mas nestes discursos parece faltar uma postura mais crítica acerca dos processos de sujeição e rotinização das relações e formação de conhecimento.

Com a redemocratização do país após a Ditadura Militar, educadores e políticos debatem pela luta de um projeto de lei que renovasse a educação. Após oito anos de tramitação, em dezembro de 1996, foi aprovada a Lei n. 9.394, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, sendo suas principais contribuições: critérios mais flexíveis na avaliação do aproveitamento escolar; instrumentos para combater a repetência e a defasagem escolar; aumento da carga horária; descentralização e maior autonomia pedagógica; determinação para a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN); e organização do ensino de educação básica – composta pela educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. No ano seguinte ficam aprovados os Parâmetros Curriculares Nacionais em Arte que aponta para uma compreensão do significado da arte na educação. Neste sentido, o documento aponta que:

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e

luzes que buscam o sentido da vida (BRASIL, 1997, p. 19).

Nesta linha de raciocínio, compreendo que no ensino de Artes na educação básica as diferentes linguagens precisam ser contempladas sem privilegiar algumas em detrimento de outras. Com o intuito de compreender qual é o lugar que o ensino de Artes ocupa no currículo escolar e o que foi vivenciado nesta disciplina é que trago as discussões nos itens 5.1 e 5.2.

### 5.1 O LUGAR DA DISCIPLINA DE ARTES NA ESCOLA

No quadro abaixo (Quadro 3) trago um panorama geral sobre o número de depoimentos que fazem pensar sobre as experiências vivenciadas na disciplina de Artes no currículo escolar no conjunto das lembranças sobre os tempos de escola.

Ao todo foram colhidos 65 depoimentos entres os anos de 2013 e 2016 nas disciplinas de Serigrafia e Pesquisa e Gravura e Pesquisa (Licenciatura). Estas lembranças foram trazidas a partir de uma questão do questionário, na qual os/as acadêmicos/as foram indagados/as sobre as memórias que guardam da escola e da disciplina de Artes.

Tabela 3 – Síntese da experiência desenvolvida no projeto “Memórias da Escola” sobre as memórias da escola (2013-2016)

ANO/ DISCIPLINA	SERIGRAFIA E PESQUISA (2ª Fase)		GRAVURA E PESQUISA (3ª Fase)	
	Nº DEPOIMENTOS GERAIS	Nº DEPOIMENTOS SELECIONADOS SOBRE A DISCIPLINA DE ARTES VISUAIS	Nº DEPOIMENTOS GERAIS	Nº DEPOIMENTOS SELECIONADOS SOBRE A DISCIPLINA DE ARTES VISUAIS
2013 (2º semestre)	23	6		
2014 (1º semestre)			14	4
2015 (2º semestre)	13	1		
2016 (1º semestre)			15	4

Fonte: Dados da pesquisadora.

Seguem alguns depoimentos:

A maior parte das atividades feitas nas aulas de arte era de cunho visual – desenhos, colagens, pinturas. Porém, algumas vezes, lembro-me de participar de peças teatrais e grupos de dança, sendo que esse tipo de atividade não era dado somente nas aulas de arte (Estudante 9, 2013 - Disciplina Serigrafia e Pesquisa – Licenciatura).

Logo nas séries iniciais, do 1º ano até o 4º ano, tive aulas de artes com professores não formados na área, então não tive muitas atividades diferentes de pintar desenhos sobre datas comemorativas e criar desenhos cegos. Do 5º ano até o 3º ano do Ensino Médio, tive aulas com uma professora formada na Unesc, dentro da área de artes, então a partir desse momento, passei a conhecer artistas, desenvolver meu lado criativo, com desenhos, teatro, música, dança, fotografia, até chegamos a fazer gravura em

madeira, mas a serigrafia só tive conhecimento mesmo na graduação (Estudante 10, 2013 – Disciplina de Serigrafia e Pesquisa – Licenciatura).

Quando estava no ensino fundamental I, nós tínhamos a matéria de Educação Artística, não tenho lembranças de produções artísticas onde envolvesse a criação do aluno, apenas de desenhos mais direcionados e alguns estereotipados. Já nos últimos anos de colégio nós não tínhamos a matéria de arte, mas a Arte se fazia presente em outras matérias, como por exemplo, em literatura, onde eram estudados os movimentos e as escolas literárias. Em algumas matérias com história e Espanhol também me lembro de ter estudado alguns artistas que se relacionavam com o conteúdo principal. O colégio também realizava saraus, onde os alunos apresentavam atividades relacionadas com literatura, teatro e música (Estudante 15, 2013 – Disciplina de Serigrafia e Pesquisa – Licenciatura).

Lembro-me muito bem das aulas de artes, onde a professora formada na disciplina trazia todas as novidades, onde poderíamos destacar nossas habilidades em desenhos, pinturas, teatro, música. Onde despertou em mim o gosto de desenhar, pintar. Quando tinha trabalho em grupo que tinha que desenhar, eu era escolhida para fazer o trabalho. As aulas de artes eram divertidas; tanto os alunos e a professora tornavam a aula divertida com as atividades (Estudante 20, 2013 – Disciplina de Serigrafia e Pesquisa – Licenciatura).

Para mim arte não tinha muito valor, nem importância. Arte para mim era desenhar, pintar, enfeitar a escola em comemorações, etc. A professora sempre dava as mesmas atividades, era só pegar o portfólio de uns anos e mostrar no outro, pois nunca tinha novos assuntos. Mudei de opinião sobre arte no meu último ano do ensino médio, onde entrou uma professora que em pouco tempo mostrou muitas coisas para nós. Coisas que nem imaginava ser arte. Foi ela que me incentivou e é

minha inspiração (Estudante 8, 2015 – Disciplina de Serigrafia e Pesquisa – Licenciatura).

A partir dos depoimentos/relatos, podemos averiguar que o ensino de Artes na escola básica torna-se mais atraente quando são trabalhados não somente a linguagem visual, mas também a música, a dança e o teatro; constatamos nos relatos que a linguagem da gravura aparece timidamente, em relação às linguagens do desenho e da pintura.

## 5.2 LEMBRANÇAS ESCOLARES: ONDE ESTÁ A GRAVURA NA DISCIPLINA DE ARTES?

No Quadro 4 são apresentadas as linguagens que foram trabalhadas na disciplina de Artes, a partir das lembranças trazidas pelos/as acadêmicos/as.

Tabela 4 – Síntese das linguagens citadas pelos/as acadêmicos/as em relação à disciplina de Artes nos tempos de escola

<b>Conteúdo Técnicas Incidência</b>	<b>2013 (2º semestre)</b>	<b>2014 (1º semestre)</b>	<b>2015 (2º semestre)</b>	<b>2016 (1º semestre)</b>	<b>TOTAL</b>
Desenho/ Pintura	12	13	12	7	44
Teatro	5	3	2	3	13
Música	1	1	1	1	4
Serigrafia	-	-	1	1	2
Gravura Xilogravura	2	1 (Carimbo)	1	-	4
Total/ Ano	20	18	17	12	67

Fonte: Dados da pesquisadora.

Segundo Martins (1998, p. 21), “a arte desempenha um papel extremamente vital na educação das crianças. Quando a criança desenha, faz uma escultura ou dramatiza uma situação, transmite com isso uma parte de si mesma: nos mostra como sente, como pensa e como vê”. Já a realidade nos mostra que a aula de Artes ainda é encarada como uma disciplina sem importância.

Martins (1998, p. 29) comenta que “infelizmente a maioria de nossas escolas mantém ainda um ensino tradicional responsável pela limitação da criatividade do aluno”.

Nos depoimentos colhidos junto aos alunos da disciplina de Serigrafia e Pesquisa – Licenciatura ministrada em 2013 é perceptível que a disciplina de Artes se apresenta na experiência dos estudantes com fortes traços de uma concepção tradicional do ensino, havendo predominância das linguagens como o desenho e a pintura. Isso fica evidente nos depoimentos que seguem:

Com relação ao ensino da arte não tenho muitas memórias, várias vezes trocávamos de professora e nenhuma delas apresentava muito conteúdo. Poucas delas eram realmente formadas em arte, havia apenas uma, que, na grande maioria das vezes, encaminhava-nos desenhos, livre, cego, com alguns temas, mas sempre em folha A4 (Estudante 13, 2013 – Disciplina de Serigrafia e Pesquisa – Licenciatura).

No período que estudei nesta escola eu era nova, tinha apenas 7 anos, mas ainda consigo lembrar um pouco, porque era nesta época que eu gostava muito de desenhar, lembro que a professora que o nome não me recorde passava linguagens visuais como o desenho que se reconstrói a partir do ponto e das linhas, como formas e cores. Lembro que pratiquei o pontilhismo e também desenho com linhas neste ano (Estudante 3, 2013 – Disciplina de Serigrafia e Pesquisa – Licenciatura).

Na realidade lembro-me pouco sobre as aulas de artes, faz algum tempo que estudei lá e nesta época as aulas de artes ainda eram chamadas “Educação Artística”. A recordação que mais lembro em relação às aulas de artes é que esperávamos eu e meus colegas ansiosos pelos dias comemorativos para a confecção das lembrancinhas. Onde usávamos muitos materiais decorativos nestes trabalhos, exemplo (lantejolas, missangas, linhas, canutilhos e glitters coloridos, algodão etc.). Também desenhávamos muito e fazíamos dobraduras, não me recorde se eram mencionados nomes de artistas ou movimentos artísticos,

acredito que não, pois não existe nenhum registro meu e nem de alguns colegas que me ajudaram no resgate desta memória (Estudante 21, 2013 – Disciplina de Serigrafia e Pesquisa – Licenciatura).

Para entendermos como a concepção tradicional de educação se manifesta na disciplina de Artes, Fusari e Ferraz (2009, p. 44-45) argumentam que “[...] o que vale sempre é o *produto* a ser alcançado: é mais importante o *resultado* dos trabalhos do que o desenvolvimento dos alunos em arte. Isto ficava evidente pela preocupação com as mostras dos trabalhos em finais de períodos escolares”. Elas ainda exemplificam com o ensino do desenho nas escolas primárias e secundárias, quando “[...] se valorizava o traço, o contorno, a configuração, e era voltado sobretudo para o aprimoramento do conhecimento técnico e estética neoclássica. Sendo valorizado a habilidade de saber copiar as figuras, objetos ou outros desenhos que eram apresentados pelo professor” (FUSARI; FERRAZ, 2009, p. 44-45).

Os/as acadêmicos/as pesquisados/as trazem mais alguns exemplos da concepção tradicional de educação que existia na disciplina de Artes na educação básica. Seguem mais alguns depoimentos de aulas tradicionais lembradas pelos/as acadêmicos/as da disciplina de Gravura e Pesquisa – Licenciatura (2014, 2015 e 2016).

Quanto ao ensino de Arte, não tenho muitas lembranças. A professora sempre dava desenhos já prontos para colorir, mas lembro que quando tínhamos que fazer o desenho eu sempre gostava e me saía muito bem. Sempre gostei de desenhar com bastante detalhes, o que tento fazer até hoje (Estudante 2, 2014 – Disciplina de Gravura e Pesquisa – Licenciatura).

Não tenho memórias boas do ensino de Arte na minha antiga escola. Desenvolvíamos somente a prática do desenho, sem nenhum fundamento. Não aprendemos sobre pintura, nem gravura, escultura, música ou teatro. Somente o desenho livre (Estudante 11, 2014 – Disciplina de Gravura e Pesquisa – Licenciatura).

Não trago muitas lembranças boas, pois a aula de artes era livre, porém existia muita cópia a gente não criava da nossa cabeça, apenas copiava dos

artistas. As linguagens usadas eram apenas de desenho, obras de arte já prontas (Estudante 4, 2016 – Disciplina de Gravura e Pesquisa – Licenciatura).

Aqui o ensino e a aprendizagem de arte concentram-se apenas na “transmissão” de *conteúdos reprodutivistas*, desvinculando-se da realidade social e das diferenças individuais (FUSARI; FERRAZ, 2009). Nesta perspectiva, “o professor é visto como o centro do sistema educacional, um transmissor de conhecimentos, sendo estes apresentados como verdades absolutas e inquestionáveis pelos alunos, considerados seres passivos e submissos ao regime escolar” (WROBLESVSKI, 2009, p. 11014). A metodologia utilizada era basicamente por meio da fixação e memorização, sendo essencialmente notada nas aulas de desenho.

Também em alguns depoimentos nota-se que o ensino de Artes apresentava traços da concepção tradicional, mas com tentativas de um ensino inovador.

Minhas memórias sobre o ensino da arte nesta escola são ótimas, trabalhávamos diversas linguagens como teatro, desenho, pintura, etc. (Estudante 6, 2013 – Disciplina de Serigrafia e Pesquisa – Licenciatura).

Em uma concepção inovadora de educação, “a ênfase é a *expressão* como um dado subjetivo e individual que os alunos manifestam em todas as atividades, as quais passam de aspectos intelectuais para afetivos”, salientam Fusari e Ferraz (2009, p. 41). Acrescentam ainda que “a preocupação com o método, com o aluno, seus interesses, sua espontaneidade e o *processo de trabalho* caracterizam uma pedagogia essencialmente experimental, fundamentada em novos estudos pedagógicos, filosóficos e psicológicos [...]” (FUSARI; FERRAZ, 2009, p. 41). Tal entendimento de educação advém da Escola Nova.

Em síntese, na Pedagogia Nova, o ensino e a aprendizagem de arte referem-se às experimentações artísticas, inventividade e ao conhecimento de si próprio, concentrando-se na figura do aluno e na aquisição de saberes vinculados à sua realidade e diversidade individual. Essa mudança de foco foi muito importante, pois colocou ênfase no educando – ou ser que aprende

– e não no conhecimento (FUSARI; FERRAZ, 2009, p. 47-51).

A partir da teoria da Escola-Nova no final do século XIX, também conhecida como Escolanovismo, tendo se originado na Europa e Estados Unidos, ao contrário da teoria tradicional, passou a enfatizar o como aprender, como argumenta Fusari e Ferraz (1999, p. 31), “[...] A preocupação com o método, com o aluno, seus interesses, sua espontaneidade e o *processo de trabalho* caracterizam uma pedagogia essencialmente experimental”.

A teoria da Escola-Nova rompe com as cópias de modelos propostas pelo professor, além de proporcionar um ensino de Artes capaz de explorar a criatividade e a livre expressão do aluno com o aprender fazendo (WROBLESVSKI, 2009).

Segue mais um depoimento que traz indícios de novas práticas na disciplina de Artes que buscam romper com a concepção tradicional de educação.

Tenho ótimas lembranças sobre o ensino da arte na minha escola. Posso dizer que minha professora sempre se preocupou com o “futuro” dos alunos e procurou ensinar conteúdos ligados a arte. Nesse tempo ela nos mostrou filmes, documentários, trabalhamos músicas, dança e teatro (Estudante 19, 2013 – Disciplina de Serigrafia e Pesquisa – Licenciatura).

Nota-se nestes depoimentos que a linguagem da gravura não era valorizada no ensino de Artes, temos um depoimento que comenta que conheceu a gravura em madeira (xilogravura) na escola, mas a serigrafia (gravura por permeação) o estudante só conheceu quando cursou a graduação em Artes Visuais.

O ensino mais inovador foi vivenciado por alguns/algumas acadêmicos/as na educação básica, conforme os depoimentos dos/as que cursaram a disciplina de Gravura e Pesquisa – Licenciatura entre os anos de 2014, 2015 e 2016.

Foi lá que tive o meu primeiro contato com as linguagens da arte, aprendi gravura através de carimbos, tanto com o corpo quando os feitos de forma alternativa, a mistura das cores primárias que davam origem as cores secundárias, desenho,

pintura, estórias e dança (Estudante 9, 2014 – Disciplina de Gravura e Pesquisa – Licenciatura).

Na educação infantil aprendi as cores, usava lápis e tintas para pintar, fazia dobraduras entre outras atividades. Na educação fundamental aprendi as cores primárias, secundárias e terciárias, quentes e frias, neutras, etc. Fazia releituras, exposição de obras, muitos desenhos, mosaico, pontilhismo... Enquanto fazíamos as atividades sempre eram colocadas músicas para nos inspirar. No ensino médio fui para a E.E.B. Jacinto Machado, as aulas eram bem produtivas, além dos assuntos de arte, foi introduzido, teatro, pintura em tela, dança e música (Estudante 4, 2015 – Disciplina de Serigrafia e Pesquisa - Licenciatura).

Até meu segundo ano do ensino médio as aulas de artes eram sempre a ‘mesma coisa’ produções em folhas A4, e estudamos sobre a história da arte. Isso veio a mudar no meu último ano, quando uma nova professora nos mostra a arte não mais fadada ao desenho, ela possibilitou que conhecêssemos mais sobre outras linguagens da arte e mostrando que a arte não se restringia apenas ao modelo acadêmico tão frisado por outros professores. Música, escultura, teatro, performance e a fotografia foram algumas das linguagens por ela passadas (Estudante 1, 2016 – Disciplina de Gravura e Pesquisa).

Por meio de uma reformulação pedagógica que incorpora criticamente aspectos positivos das pedagogias tradicional, nova, tecnicista e libertadora, a função da educação e da escola pode ser sintetizada nos seguintes aspectos:

[...] agir no interior da escola é contribuir para transformar a própria sociedade. Cabe à escola difundir os conteúdos vivos, concretos, indissolivelmente ligados à realidades sociais. Os métodos de ensino não partem de um saber espontâneo, mas de uma relação direta com a experiência do aluno confrontada com o saber trazido de fora. O professor é mediador da relação

pedagógica – um elemento insubstituível. É pela presença do professor que se torna possível uma “ruptura” entre a experiência pouco elaborada e dispersa dos alunos, rumo aos conteúdos culturais, permanentemente reavaliados face às realidades sociais (FUSARI; FERRAZ, 2009, p. 55).

Podemos indagar se, no caso do ensino de Artes, a escola deve favorecer a abrangência cultural nas diversas linguagens artísticas?

De acordo com os depoimentos dos/as acadêmicos/as, constatamos a quase inexistência da linguagem da gravura no ensino de Artes na escola básica, foi verificado que as linguagens mais citadas são o desenho e a pintura.

A linguagem da gravura em todas suas variações, como xilogravura, isogravura, gravura em metal, carimbos, frotage, monotipia (linguagem desenvolvida também na pintura) e cologravura, como um conhecimento que revolucionou a arte, poderia ser inserida na escola, pois essa linguagem, por sua característica múltipla, permite que várias reproduções sejam realizadas através da mesma matriz, que permite que um maior número de pessoas tenha acesso a obras de arte, pois isso não acontece com o desenho e a pintura, que são obras únicas.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por compreender o ensino de arte a partir da experiência é que procuro, em minhas práticas pedagógicas, a união do *artista-professor-propositor-pesquisador*. E para isso, como professora do curso de Artes Visuais, entendo que o docente deve estar aberto à pesquisa e à consequente criação de novos objetos e conceitos, pois aí reside sua atitude emancipatória na formação de professores/as, seu compromisso com a pesquisa, com a criação própria, com uma atitude de mudança. A pesquisa em arte propõe essa abertura, esse experimentar constante que se espera na formação de professores/as em Artes Visuais, para que este sujeito se torne um proponente, um pesquisador, um perguntador, um questionador sendo que esta experiência acontece na sua formação na universidade e nos ateliês de arte.

Uma questão que acompanha este estudo foi a ausência, nos relatos dos estudantes, da prática da linguagem da gravura no ensino básico.

Resolvi então, a partir de 2013 até 2016, nas disciplinas de Gravura e Pesquisa e Serigrafia e Pesquisa, aplicar um questionário a fim de obter respostas às seguintes questões: o que os discentes trazem em suas memórias sobre suas experiências escolares relacionadas ao ensino de arte na Educação Básica? Qual o lugar da gravura em relação às outras linguagens artísticas na escola?

Além das respostas textuais, também foram produzidas gravuras sobre as lembranças escolares. A partir das imagens trazidas pelos discentes, foram realizadas várias produções artísticas na linguagem da gravura em diferentes técnicas, como serigrafias, cologravuras e carimbos. No processo, os/as estudantes modificam estas imagens através da pintura, da colagem, de técnicas mistas, trazendo para as fachadas da escola uma visão mais colorida, lúdica e criativa de sua arquitetura tão tradicional.

Com o material coletado em mãos, foi realizada uma revisão bibliográfica dos conceitos de memória, experiência, ensino de Artes e formação docente, a fim de contextualizar o estudo do ponto de vista teórico.

Como método de investigação surgido nas Ciências Sociais utilizou-se das histórias de vida ou abordagem (auto)biográfica dos/as acadêmicos/as a partir das memórias trazidas pelos/as discentes de seu tempo de escola. Utilizou-se também da a/r/tografia ou pesquisa baseada em arte, que traz o artista, o pesquisador e o professor permeando todo o processo.

A partir do século XX as grandes narrativas são substituídas pelas histórias de vida ou relatos pessoais, em relação à pesquisa educativa relacionada com as artes encontramos a narrativa de si como pesquisa, nesta perspectiva encontram-se diferentes modalidades de investigação: história de vida, relatos autobiográficos, pesquisa autobiográfica, a artografia (HERNÁNDEZ, 2017).

Neste âmbito, a experiência particular das pessoas em sua dimensão temporal constitui o núcleo de tematização das narrações e que podem adotar diferentes formatos em função de suas finalidades e da ênfase que se ponha no processo de pesquisa (grafia), na cultura (etno) ou no sujeito (auto). O que sucede na prática é que os pesquisadores articulam esses três eixos em um contínuo que adquire formas de indagação diferenciadas, e que Larraín (2010) organizou em: biografias, autobiografias, relatos educativos, narrativas pessoais, documentos pessoais, documentos de vida, relatos de vida, histórias de vida, história oral, etno-história, autoetnografias, etnopsicologia, etnodrama, memória popular e testemunhos latinos-americanos (HERNÁNDEZ, 2017, p. 56).

Com base na análise dos dados e dos relatos pessoais da pesquisa, a partir do encontro entre sujeitos em torno de suas experiências e saberes (HERNÁNDEZ, 2017) observou-se que a gravura é pouco citada como linguagem artística desenvolvida na escola, sendo enfatizado mais o desenho e a pintura. Esta desvalorização não pode ser desvinculada ao seu surgimento na Europa, pois a gravura não surge como linguagem autônoma na história da arte, mas como suporte da linguagem da pintura.

O fato de não partir de uma visão preconcebida do problema estudado nos permite pensar, pensar-nos e repensar-nos como agentes e destinatários das mudanças, e, ao mesmo tempo, reconstruir a complexidade dos elementos que configuram a vida dos sujeitos dos quais nos aproximamos. Tudo isso com o objetivo de que a pesquisa em educação, também na educação das artes, contribua para que nós, sujeitos, possamos ser donos de nossas próprias histórias, ao poder gerar a experiência de narrar-nos em companhia (HERNÁNDEZ, 2017, p. 71).

Para identificar as representações que os sujeitos trazem sobre as escolas que frequentaram na Educação Básica observamos que os relatos trazem a escola como espaço de acolhimento, onde as boas lembranças são revividas no espaço da biblioteca, nos horários do recreio, no tempo utilizado nos jogos como xadrez, nas brincadeiras e festividades como o boi de mamão, nas aulas de teatro, na descoberta da leitura e da literatura, nas amizades.

Para entender como os/as acadêmicos/as percebem a disciplina de Artes em suas trajetórias escolares, notamos, por meio de suas memórias e narrativas que são relatadas como boas ou ótimas quando todas as linguagens artísticas são trabalhadas em sala de aula, não somente a linguagem visual, mas a dança, o teatro, a música, o cinema e a fotografia.

Alguns depoimentos relatam que os/as professores/as não tinham formação na área de Artes, o que não gerava um ensino propositivo, mas repleto de releituras, reprodução de obras, sempre o mesmo conteúdo, os mesmos artistas, não havia liberdade para criar e as linguagens artísticas se repetiam sempre no desenho e na pintura.

Compreendo que o curso de Artes Visuais precisa contemplar as diferentes linguagens e não privilegiar algumas e que no ensino de arte na educação básica os/as alunos/as devem ter acesso a todas estas linguagens.

Nos relatos, percebe-se que as experiências escolares são reativadas, pois não se retorna ao passado propriamente dito, mas ele modifica-nos constantemente, fazendo-se presente no agora. Pelas imagens e relatos das experiências escolares, os/as acadêmicos/as fazem uma reflexão sobre seu tempo de escola, propondo o movimento de um outro tempo visto no agora. Assim, certamente suas memórias refletirão em suas futuras atuações como professores/as/propositores/as no ensino de arte.

Conclui-se que as linguagens artísticas, incluindo a poética da gravura, necessitam ser mais desenvolvidas nas salas de aula e que cada vez mais o ensino de arte precisa ser valorizado com espaços adequados, como fonte de sensibilidade, empatia e formação na educação básica.



## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Ensino da Arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BELTRAN, Maria Helena Roxo. **A arte química da gravura**. Pequena história da química e da gravura. Artes dos séculos XVI e XVII. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. 1990. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/250832>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 114-119

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 20 out. 2017.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Ensino de primeira à quarta série. Ensino Fundamental. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>. Acesso em: 20 out. 2017.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/arte>. Acesso em: 15 jan. 2018.

CATAFAL, Jordi; OLIVA, Clara. **A gravura**. Lisboa: Estampa, 2003.

CATANI, Denise. A reconstrução da prática educativa a partir da narrativa autobiográfica do professor. *In*: INSTITUTO ARTE NA ESCOLA. **Arte, escola e cidadania**: um prêmio e seus premiados. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

p. 16-22.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2003.

COLI, Jorge. **O que é arte**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo. Ed. Brasiliense. 1985.

CONTRERAS, José Domingo; PÉREZ DE LARA, Nuria Ferré. **Investigar a experiência educativa**. Madrid: Ediciones Morata, 2010.

COSTELLA, Antônio. **Introdução à gravura e à sua história**. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 2006.

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez, 2001.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DIAS, Belidson (Org.); IRWIN, Rita. **Pesquisa educacional baseada em arte**: a/r/tografia. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2013.

Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

DOS SANTOS, Roberto Corrêa. Opus Dei: Arte Contemporânea e Experiência. In: REZENDE, Renato; KIFFER, Ana; BIDENT, Christophe (orgs). **Experiência e arte contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2012.

FERNÁNDEZ, Tatiana. Paisagens Híbridas. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Org.). **Pesquisa educacional baseada em arte**: a/r/tografia. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2013. p. 207- 220.

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e; FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

\_\_\_\_\_. **Metodologia do ensino de arte:** fundamentos e proposições. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine. **Educação e arte:** as linguagens artísticas na formação humana. Campinas, SP: Papirus, 2008.

FUCRI/UNESC. **Projeto pedagógico dos cursos de graduação de Artes Visuais licenciatura.** 2016. Disponível em: <[http://www.unesc.net/portal/resources/files/615/PPC-Final-artes%20Lic\\_01-12-16.pdf](http://www.unesc.net/portal/resources/files/615/PPC-Final-artes%20Lic_01-12-16.pdf)>. Acesso em: 18 out. 2017.

FUSINATO, Claudia Vanielle; KRAEMER, Celso. **A invenção histórica da escola e escolarização no Brasil.** Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7876\\_5302.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7876_5302.pdf)>. Acesso em: 08 set. 2018.

HERNÁNDEZ, Fernando. A pesquisa baseada nas artes: propostas para repensar a pesquisa educativa. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Org.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia.** Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2013. p. 39-62.

\_\_\_\_\_. Minha trajetória pela perspectiva narrativa da pesquisa em Educação. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.) **Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação.** Santa Maria: UFSM, 2017. p 49-74.

HUYGHE, René. **Sentido e Destino da Arte (I).** São Paulo, SP: Martins Fontes. 1986

INFOESCOLA. Navegando e aprendendo. **Concepção Pedagógica Tradicional.** 2018. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/pedagogia/concepcao-pedagogica-tradicional/>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2018.

LEITE, Maria Izabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Arte, infância e formação de professores**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

LINS, Daniel. **Mangue's school: por uma pedagogia rizomática**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1229-1256, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27277.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2018.

**LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira**. História da educação. **Rio de Janeiro: DP&A, 2001**.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. **Didática do ensino de Arte: poetizar, fruir e conhecer a arte**. São Paulo: FTD, 1998.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.

MARTINS, Mirian Celeste. **Entrevistas: a inquietude de professores-propositores**. Educação, Rio Grande do Sul, v.31, n. 2, [s.p.], 2006. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2006/02/a2.htm>>. Acesso em: 30 maio 2018.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.) **Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2017.

MORAES, Sumaya Mattar. **Memória e reflexão: a biografia como metodologia de investigação e instrumento de (auto) formação de professores de arte**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS – TRANSVERSALIDADES NAS ARTES VISUAIS, 18., 2009, Salvador. **Anais...** Salvador: ANPAP, 2009. p. 3897-3911. Disponível em: <[http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/sumaya\\_mattar\\_moraes.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/sumaya_mattar_moraes.pdf)>. Acesso em: 30 out. 2018.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves do. Formação Profissional do “Bom Silvícola” nas Artes e Ofícios. In: BARBOSA, Ana Mae (org). **Ensino da Arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 27- 48.

NÓVOA, Antônio. Formação de professores e preparação docente. In: \_\_\_\_\_ (Coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

OLIVEIRA, Claudio. Do mesmo modo como queima o fogo ou da experiência como um saber que não se sabe. In: REZENDE, Renato; KIFFER, Ana; BIDENT, Christophe (orgs). **Experiência e arte contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2012.

OTTO, Clarícia. **Nos rastros da memória**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC. 2012.

PAGATINI, Rafael. **Marcas e transposições da memória**: reflexões sobre Procedimentos utilizando a gravura. 2012. 147 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/62087>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

PENA, João Camillo. A experiência moderna. In: REZENDE, Renato; KIFFER, Ana; BIDENT, Christophe (orgs). **Experiência e Arte Contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ROSITO, Margaréte May Berkenbrok. Pedagogia imaginal: uma narrativa formativa autobiográfica entre os lugares da saúde e da educação. In: SILVA, Vera Lucia Gaspar da; CUNHA, Jorge Luiz da. **Práticas de formação, memória e pesquisa (auto) biográfica**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **IMAGEM**: cognição, semiótica e mídia. São Paulo: Iluminuras. 2005.

SOUSA, Dalila Maria Castelhana de. **A experiência do professor-artista. Narrativa, ensaio e autorreflexividade na Educação Artística**. 2017. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação Artística). Universidade de Lisboa. Disponível em: <[http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33693/2/ULFBA\\_TES1117\\_DALILA\\_Dissertacao%20Final.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33693/2/ULFBA_TES1117_DALILA_Dissertacao%20Final.pdf)>. Acesso em: 14 jul. 2018.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. **Fotobiografia e entrevista narrativa: modos de narrar a vida e a cultura escolar.** In: MARTINS, Raimundo, TOURINHO, Irene. SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). **Pesquisa narrativa.** Interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2017. p. 125-141.

TOLDO, Rafael. **O ensino da arte (re)significado no curso de Artes Visuais: reflexões a partir da produção artística dos alunos.** 2010. 47 f. TCC (Graduação em Artes Visuais – Licenciatura) – Universidade do Extremo Sul Catarinense. Disponível em: <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/00004B/00004B2A.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2018.

VIEIRA, Marcílio de Souza. **As reformas educacionais e o ensino de arte.** 2011. Disponível em: <<https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/197>>. Acesso em: 16 set. 2017.

WROBLESVSKI, Danieli. **As Tendências Pedagógicas no Ensino de Artes.** IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3057\\_1891.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3057_1891.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2018.

## **ANEXOS**



## ANEXO A – MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE ARTES VISUAIS DA UNESC

UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense  
FUCRI - Fundação Educacional de Criciúma (mantenedora)  
Grade Curricular

Página: 1 de 2  
Data: 20/11/2017  
(d\_ret\_grade\_habilitacao\_j)

Habilitação: 2 ARTES VISUAIS - LICENCIATURA (N)

Grade N°: 4 MATRIZ CURRICULAR 4

N° Mínimo Semestres: 8

N° Máximo Semestres: 15

Validade: 16/12/2008 a 16/12/2016

RES. 41/2008 E 72/2009/CÂMARA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Disciplinas													Hora/Aula		
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	Cred.	50 min.	60 min.
10455 HISTÓRIA DA ARTE DA PRÉ HISTÓRIA A IDADE MÉDIA	2												2	36	30
10456 INTRODUÇÃO ÀS DIFERENTES LINGUAGENS ARTÍSTICAS	2												2	36	30
10457 PERCEÇÃO E DESENHO	4												4	72	60
10458 FUNDAMENTOS DA COMPUTAÇÃO NAS ARTES	4												4	72	60
10459 FUNDAMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL	4												4	72	60
10460 METODOLOGIA CIENTÍFICA E DA PESQUISA	4												4	72	60
10461 HISTÓRIA DA ARTE DO RENASCIMENTO A MODERNIDADE	2												2	36	30
10462 ARTE EDUCAÇÃO		2											2	36	30
10463 PRODUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS	4												4	72	60
10464 FILOSOFIA	4												4	72	60
10465 FOTOGRAFIA E PESQUISA	4												4	72	60
10466 COMPOSIÇÃO	4												4	72	60
10467 GRAVURA E PESQUISA			4										4	72	60
10468 PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM			4										4	72	60
10469 LINGUAGEM TEATRAL E EDUCAÇÃO			4										4	72	60
10470 FUNDAMENTOS E METODOLOGIA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL			2										2	36	30
10471 ARTE BRASILEIRA			2										2	36	30
10472 METODOLOGIA DO ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL			4										4	72	60
10473 HISTÓRIA DA ARTE CONTEMPORÂNEA				4									4	72	60
10474 DIDÁTICA				4									4	72	60
10475 SERIGRAFIA E PESQUISA				4									4	72	60
10476 PINTURA E PESQUISA				4									4	72	60
10477 METODOLOGIA DO ENSINO DA ARTE NAS SÉRIES INICIAIS				4									4	72	60
10478 ESTÉTICA					4								4	72	60
10479 ESCULTURA E PESQUISA					4								4	72	60
10480 LINGUAGEM MUSICAL E EDUCAÇÃO					4								4	72	60
10481 POLÍTICAS, NORMAS E ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA					2								2	36	30
10482 METODOLOGIA DO ENSINO DA ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL					4								4	72	60
10483 ESTÁGIO I						6							6		108
10484 ESTÁGIO II							6						6		108
10487 LIBRAS						2							2	36	30
10488 APEREÇIAÇÃO ESTÉTICA						2							2	36	30
10489 DESENHO CONTEMPORÂNEO						4							4	72	60
10490 ANTROPOLOGIA CULTURAL						2							2	36	30
10491 METODOLOGIA DO ENSINO DA ARTE NO ENSINO MÉDIO						4							4	72	60
10492 OPTATIVA						4							4	72	60
10485 ESTÁGIO III							6						6		108
10493 PROJETO DE PESQUISA EM ARTE							4						4	72	60
10495 PERFORMANCE E INTERVENÇÃO							4						4	72	60
10496 CULTURA REGIONAL							4						4	72	60

UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense  
FUCRI - Fundação Educacional de Criciúma (mantenedora)

Página: 2 de 2

Data: 20/11/2017

Grade Curricular

(d\_rel\_grade\_habilitacao\_j)

Habilitação: 2 ARTES VISUAIS - LICENCIATURA (N)

Grade Nº: 4 MATRIZ CURRICULAR 4

Nº Mínimo Semestres: 8

Nº Máximo Semestres: 15

Validade: 16/12/2008 a 16/12/2016

RES. 41/2008 E 72/2009/CÂMARA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Disciplinas													Cred.	Hora/Aula		
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12		50 min.	60 min.	
10701 LINGUAGEM DO CINEMA E EDUCAÇÃO						4							4	72	60	
10486 ESTÁGIO IV								6					6		108	
10494 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II									12				12	216	180	
10497 CERÂMICA E PLSOUSA								4					4	72	60	
	20	20	20	20	24	24	22	22					172		2.652	
ATIVIDADES ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAIS AACC																200
													<b>Total:</b>	<b>172</b>	<b>2.852</b>	

Disciplinas Opativas

15192 PERSPECTIVA E SOMBRA	4	72	60
15193 SEMIOSES VISUAIS	4	72	60
15194 OFICINA DE VÍDEO E CENOGRRAFIA	4	72	60
15196 IMAGEM NA COMUNICAÇÃO	4	72	60
15198 OUTRAS DISCIPLINAS	4	72	60
15201 INTRODUÇÃO A PSICOPEDAGOGIA	4	72	60
15203 EXPRESSÃO MUSICAL	4	72	60
15206 EDUCAÇÃO, CULTURA E IDENTIDADE	4	72	60
16884 ESTAMPARIA ARTESANAL E ARTÍSTICA	4	72	60
16887 ARTE E EDUCAÇÃO INCLUSIVA	4	72	60
15195 TECNOLOGIA NO ENSINO DAARTE	4	72	60
15197 ACABAMENTOS E TIPOS DE QUEIMA	4	72	60
15199 PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO, PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO	4	72	60
15200 GESTÃO DE PROCESSOS EDUCACIONAIS	4	72	60
15202 EDUCAÇÃO AMBIENTAL	4	72	60
15204 EXPRESSÃO TEATRAL	4	72	60
15205 SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO	4	72	60
16883 LABORATÓRIO DE CRIAÇÃO COM LEITURA DE PORTFÓLIO	4	72	60
16885 MOSAICO CERÂMICO	4	72	60
16886 LINGUAGEM DA DANÇA E EDUCAÇÃO	4	72	60
15191 EMPREENDEDORISMO E MARKETING	4	72	60

## ANEXO B – QUESTIONÁRIO



**UNIVERSIDADE DO EXTREMO  
SUL CATARINENSE**

Curso de Artes Visuais - Licenciatura

<b>DISCIPLINA:</b>	Gravura e Pesquisa	<b>CÓDIGO:</b>	10467
<b>CRÉDITOS:</b>	04	<b>CARGA HORÁRIA:</b>	72 h/a
<b>PROFESSOR(A):</b>	Angélica Neumaier	<b>PERÍODO:</b>	2014/1

### **Proposta de pesquisa em gravura sobre as “Memórias da Escola”:**

1 - Realizar um texto sobre sua escola: nome da escola, cidade, em que ano cursou a escola.

2 - Como obteve a foto?

3 - Que memórias você traz sobre o ensino da arte? Em quais linguagens o ensino da arte era desenvolvido?

4 - Comente sobre as memórias que você possui de sua escola.



## ANEXO C – DEPOIMENTOS/RELATOS

<b>Quadro 1 – Depoimentos sobre a Disciplina de Artes – Disciplina de Serigrafia e Pesquisa – Licenciatura (2013)</b>	
<p>Quando penso nas lembranças que tenho da escola, me lembro primeiramente da recepção da direção quando lá chegamos, nos acolhendo, e como essa primeira impressão foi motivadora para os meus estudos. Um dos meus lugares preferidos na escola era a biblioteca, que, devido à atenção e amizade do professor responsável, se tornou um ponto de encontro entre meus amigos nos horários que não tinham aula. A escola era florida, com muitas árvores, e cada prédio tinha um nome inspirado na mitologia grega. O “auditório” onde acontecia as atividades acadêmicas e recreativas era um DTG (Departamento de Tradições Gaúchas), e como tal, era um galpão feito de madeira, onde acontecia também reuniões do centro tradicionalista nos finais de semana. Entre os professores, tive dois que me marcaram bastante. A primeira lecionava Português, e foi uma pessoa muito importante, que nos fazia gostar da disciplina e principalmente entendê-la. O outro era professor de Química, e sua aula era marcante não pela sua matéria, mas porque ele sempre trazia assuntos totalmente diferentes e nos fazia pensar além do que víamos, despertando nossa curiosidade. Uma característica que destacava essa escola das demais nessa época em que estudei, era o Grêmio Estudantil, que era muito atuante, e servia de referência para a região. Outra lembrança alegre eram os intervalos do recreio, que sempre tinham música, que os próprios alunos levavam todos os dias para tocar, e era comum ver gente cantando junto com o rádio. Foi um período muito importante, onde tive muitas experiências enriquecedoras e marcantes, que me motivaram a querer ir além nas minhas escolhas.</p>	
<p>Trago boas lembranças das aulas que tive com a prof<sup>a</sup> Daiane, onde estudávamos os movimentos artísticos, trabalhávamos com pintura, fazíamos esculturas, teatro, etc.</p>	2
<p>As memórias que tenho desta escola são boas não por questões somente da arte, mas da educação que obtive nela. Foi essa a escola que me inspirou ter tanta vontade de ser professora, pela questão do comprometimento que todos os</p>	3

professores tinham. Na minha época eram apenas 5 salas um bloco com a cozinha e os banheiros, e outro bloco contendo secretaria e sala dos professores, hoje pelo que sei ela já tem mais de 3 blocos de sala de aula com aproximadamente 15 salas.	
Gosto de lembrar só do ensino médio, pois nos outros anos só desenhava na folha branca. Teatro, pintura cinema são as que lembro. Encenamos um jornal, foi muito divertido.	4
Aprendi pontilhismo, pintura sobre as paredes da escola, frotage, releituras, senti falta de trabalhos corporais como a dança o teatro.	5
Minhas memórias sobre o ensino da arte nesta escola são ótimas, trabalhávamos diversas linguagens como teatro, desenho, pintura, etc.	6
Lembro-me de desenhar, e a professora não devolver meus desenhos, mas os desenhos dos meus colegas ela devolvia, até que não deixei levar os meus desenhos para casa, podia me dar a nota sem levar o desenho.	7
A maior parte das aulas de artes era feitas na sala de aula, não havia uma sala própria para artes, e a professora chamava-se Nadir. Lembro que eu tinha um caderno de desenho e que na 6ª série fui convocada com outros alunos para pintar o muro da escola, que foi dividido partes para que cada grupo fizesse uma pintura, e no meu grupo, eu fiz o desenho de um soldado do exército segurando uma estrela da bandeira do Brasil. Infelizmente não me lembro de muita coisa.	8
A maior parte das atividades feitas nas aulas de arte era de cunho visual – desenhos, colagens, pinturas. Porém, algumas vezes, lembro-me de participar de peças teatrais e grupos de dança, sendo que esse tipo de atividade não era dado somente nas aulas de arte.	9
Logo nas series iniciais, do 1º ano até o 4º ano, tive aulas de artes com professores não formados na área, então não tive muitas atividades diferentes de pintar desenhos sobre datas comemorativas e criar desenhos cegos. Do 5º ano até o 3º ano do Ensino Médio, tive aulas com uma professora formada na Unesc, dentro da área de artes, então a partir desse momento, passei a conhecer artistas, desenvolver meu lado criativo, com desenhos, teatro, música, dança, fotografia, até	10

chegamos a fazer gravura em madeira, mas a serigrafia só tive conhecimento mesmo na <u>graduação</u> .	
Com relação ao ensino da arte, as memórias que trago são apenas de desenhos cegos e massinhas de modelar.	11
Minhas memórias do ensino da arte são poucas, lembro-me dos desenhos feitos em sala, dos teatros que fizemos e das releituras de algumas obras. Lembro muito dos professores, das brincadeiras no intervalo quando eu era criança, das brigas no final das aulas e das amizades que fiz nesses anos.	12
Com relação ao ensino da arte não tenho muitas memórias, várias vezes trocávamos de professora e nenhuma delas apresentava muito conteúdo. Pouca delas eram realmente formadas em arte, havia apenas uma, que na grande maioria das vezes encaminhava-nos desenhos, livre, cego, com alguns temas, mas sempre em folha A-4.	13
Não tenho muitas lembranças sobre o ensino da arte na escola, lembro que tínhamos a disciplina e que na maioria das vezes apenas pintávamos e desenhávamos. Não lembro, por exemplo, de ter estudado algum artista em específico até a 6ª 7ª série, depois disso lembro vagamente que começamos ir um pouco mais a fundo na história da arte, mas não o bastante. Depois no Ensino Médio foi onde aprendi mais, talvez porque tinha um leve interesse, mas não pelo ensino em si, sempre achei muito fraco. O ensino era desenvolvido basicamente por métodos tradicionais como pesquisa, alguns poucos teatros, pintura, desenho, festas comemorativas e afins, não tínhamos muita mudança no que se diz respeito a isso, era meio que um pouco monótono e acomodado no sentido de não procurar pelo novo.	14
Quando estava no ensino fundamental I, nós tínhamos a matéria de Educação Artística, não tenho lembranças de produções artísticas onde envolvesse a criação do aluno, apenas de desenhos mais direcionados e alguns estereotipados. Já nos últimos anos de colégio nós não tínhamos a matéria de arte, mas a Arte se fazia presente em outras matérias, como por exemplo, em literatura, onde eram estudados os movimentos e as escolas literárias. Em algumas matérias com história e Espanhol também me lembro de ter estudado alguns artistas que se relacionavam com o conteúdo	15

principal. O colégio também realizava saraus, onde os alunos apresentavam atividades relacionadas com literatura, teatro e música.	
<p>Nas aulas de artes durante o ensino básico recordo-me de poucas coisas como, por exemplo: cartões para dias comemorativos, máscaras com balões, fazer massinha de modelar com trigo e pigmento e também teatro.</p> <p>No ensino fundamental não me recordo de muitas coisas porque não gostava e não tinha interesse nas aulas de artes, o que lembro são: os mosaicos, ponto de fuga, releitura de obras, impressão com tinta guache feita a partir de um molde vazado.</p>	16
Tive um bom ensino em algumas séries e nem tanto em outras. Era mais desenvolvida a parte de desenho e pintura.	17
Não me recordo sobre as aulas de artes, algumas coisas que recordo é da professora pedindo para nós alunos fazer uma pesquisa sobre a vida de Van Gogh, ler na frente da sala a história dele.	18
Tenho ótimas lembranças sobre o ensino da arte na minha escola. Posso dizer que minha professora sempre se preocupou com o “futuro” dos alunos e procurou ensinar conteúdos ligados a arte. Nesse tempo ela nos passou filmes, documentários, trabalhamos músicas, dança e teatro	19
Lembro-me muito bem as aulas de artes, onde a professora formada na disciplina trazia todas as novidades, onde poderíamos destacar nossas habilidades em desenhos, pinturas, teatro, música. Onde despertou em mim o gosto de desenhar, pintar. Quando tinha trabalho em grupo que tinha que desenhar, eu era escolhida para fazer o trabalho. As aulas de artes eram divertidas; tanto os alunos e a professora tornavam a aula divertida com as atividades.	20
Na realidade lembro-me pouco sobre as aulas de artes, faz algum tempo que estudei lá e nesta época as aulas de artes ainda eram chamadas “Educação Artística”. A recordação que mais lembro em relação as aulas de artes é que esperávamos eu e meus colegas ansiosos pelos dias comemorativos para a confecção das lembrancinhas. Onde usávamos muitos materiais decorativos nestes trabalhos, exemplo (lantejolas, missangas, linhas ,canutilhos e gliters coloridos, algodão etc...).	21

Também desenhávamos muito e fazíamos dobraduras, não me recordo se eram mencionados nomes de artistas ou movimentos artísticos acredito que não, pois não existe nenhum registro meu e nem de alguns colegas que me ajudaram no resgate desta memória.	
Lembro da minha professora de artes, o nome dela era Rosangela Coral. Aprendi cores, formas, geometria e desenho, as aulas dela eram muito interessantes aprendi também moral e cívica	22
Minhas memórias são poucas no ensino médio, tive história da arte e a linguagem usada era mais a visual mesmo.	23

Fonte: Dados da pesquisadora.

<b>Quadro 2 – Depoimentos sobre a Disciplina de Artes - na disciplina de Gravura e Pesquisa – Licenciatura (2014)</b>	
Não lembro de alguma professora falando em gravura ou xilogravura. As professoras falavam em gravura, mas as gravuras em que falavam, eram as figuras dos livros, revistas e jornais. Adorei ter a oportunidade de conhecer a gravura no curso de artes, e eu adorei a técnica da xilo.	1
Quanto ao ensino de Arte, não tenho muitas lembranças. A professora sempre dava desenhos já prontos para colorir, mas lembro que quando tínhamos que fazer o desenho eu sempre gostava e me saía muito bem. Sempre gostei de desenhar com bastante detalhes, o que tento fazer até hoje.	2
Tenho poucas memórias sobre o ensino de Arte na escola, algumas linguagens que eu lembro que era praticada, era o teatro e dança. Tínhamos algumas aulas de desenho, mas nada que fosse fora do normal.	3
Não lembro muito bem da fisionomia da minha professora, mas lembro um pouquinho das atividades que ela nos passava. Ela trabalhava sobre os artistas e nos pedia para desenhar a obra deles, usávamos tesoura e cola para fazer colagem de materiais e algumas vezes utilizávamos a tinta guache e o pincel sobre a folha ofício.	4
Memórias ruins, de professores que passavam sempre a mesma coisa, tanto que eu odiava as aulas de artes e pedia pros outros fazerem meu trabalho, até que conheci um professor que foi totalmente diferente, mostrou várias formas	5

de arte, como música, teatro, caricatura, história da arte e outros.	
Tive aulas de educação artística, mas não era muito valorizado, acredito que assim seja até os dias de hoje, as linguagens eram desenho, pintura e teatro.	6
Para falar a verdade não tenho lembranças sobre o ensino de Arte nessa escola. O que lembro vagamente é em fazer desenhos, nada de inusitado.	7
Os materiais que a professora de arte trazia para as aulas eram normalmente, guache, lápis, lixa, fazíamos pinturas em telas também, minha escola foi muito boa em relação as artes. Por ser uma escola pública, sempre atendeu bem as necessidades dos alunos, em relação às artes.	8
Foi lá que tive o meu primeiro contato com as linguagens da arte, aprendi gravura através de carimbos, tanto com o corpo quando os feitos de forma alternativa, a mistura das cores primárias que davam origem as cores secundárias, desenho, pintura, histórias e dança.	9
Sobre a arte nas escolas que frequentei, não foram muito boas, e essa também não foi tão diferente das outras, eu nunca gostei da aula de artes na educação básica, mais gostava das linguagens dentro da arte que mesmo sem ter na escola, eu tinha em casa com meu pai. Sempre foi desenho, as famosas “releituras”, sempre os mesmos artistas, e os alunos não tinham liberdade para criar. Uma única vez, e nessa escola, meu último ano para ser mais exata, teve uma peça, aonde tínhamos que gravar e apresentar, eram curtas metragens e foi bem legal, teve trabalhos muito bons.	10
Não tenho memórias boas do ensino de Arte na minha antiga escola. Desenvolvíamos somente a prática do desenho, sem nenhum fundamento. Não aprendemos sobre pintura, nem gravura, escultura, música ou teatro. Somente o desenho livre.	11
Nesta época fazíamos teatro para apresentar nas turmas, as vezes ensaiávamos danças e coreografias para apresentar. Em geral a arte era bem básica, com pinturas de desenhos ou criações, reprodução de obras de arte também eram feitas.	12
Os conteúdos das aulas geralmente se baseavam em desenhos no caderno de desenho, na qual devíamos fazer cópias de pinturas, desenhos de observação ou de memória, tenho poucas recordações das atividades desenvolvidas.	13

<p>A escola em que cursei o ensino fundamental I é a E.E.B José Contim Portella, está localizada no bairro São Sebastião em Criciúma ,no ano de 1992. Lembro bem pouco das minhas aulas de arte, mas quando pensei em uma memória da escola logo lembrei que eu gostava muito do boi de mamão que era apresentado nas festas juninas da escola, com músicas cantadas pelas crianças que eram ensaiadas na aula de educação física. As aulas de arte eram apenas para desenhar e pintar com guache.</p>	14
--	----

Fonte: Dados da pesquisadora.

<b>Quadro 3 – Depoimentos sobre a Disciplina de Artes - na disciplina de Serigrafia e Pesquisa – Licenciatura (2015)</b>	
<p>O ensino da arte que eu tinha na escola era chamado educação artística, as práticas que eu fazia eram só desenhos e pinturas no caderno de desenho que o professor solicitava de nós alunos, para levar para a sala de aula e era só uma vez por semana que tinha essa matéria.</p>	1
<p>Nas aulas de arte os alunos estudavam diferentes relações sobre a arte, sendo assim trabalhos eram feitos em grupo e às vezes individual, quando era feito individual os alunos pesquisavam sobre o artista e depois era apresentado em sala de aula, e os trabalhos em grupo eram elaborados de outras formas como pinturas, colagens, recortes e muitos outros.</p>	2
<p>Sobre o ensino da arte lembro de estudar sobre vários artistas e suas obras e sobre técnicas de pintura como o pontilhismo.</p>	3
<p>Na educação infantil aprendi as cores, usava lápis e tintas para pintar, fazia dobraduras entre outras atividades. Na educação fundamental aprendi as cores primárias, secundárias e terciárias, quentes e frias, neutras, etc. Fazia releituras, exposição de obras, muitos desenhos, mosaico, pontilhismo.... Enquanto fazíamos as atividades sempre eram colocadas músicas para nos inspirar. No ensino médio fui para a E.E.B. Jacinto Machado, as aulas eram bem produtivas, além dos assuntos de arte, foi introduzido, teatro, pintura em tela, dança e música.</p>	4
<p>No ensino da arte as linguagens usadas foram cores primárias, secundárias e o círculo cromático, desenhos de frutas fechadas e abertas, abstracionismo, geométrico, caricaturas, autorretrato,</p>	5

figura humana em perspectiva e proporção, cilindros, elipses, desenhos e escritas. Houve apresentações de teatro.	
Tive muitas linguagens no ensino da arte, como desenho técnico, fotografia, composição, serigrafia, toda a parte gráfica.	6
No segundo grau não fazíamos muita coisa, era mais desenho livre, releitura e leituras dos movimentos artísticos.	7
Para mim arte não tinha muito valor, nem importância. Arte para mim era desenhar, pintar, enfeitar a escola em comemorações, etc. A professora sempre dava as mesmas atividades, era só pegar o portfólio de uns anos e mostrar no outro, pois nunca tinha novos assuntos. Mudei de opinião sobre arte, no meu último ano do ensino médio, onde entrou uma professora que em pouco tempo mostrou muitas coisas para nós. Coisas que nem imaginava ser arte. Foi ela que me incentivou e é minha inspiração.	8
Foi a primeira vez que eu tive contato real com a arte, o meu professor trabalhou com um filme produzido por nós, nos ensinou a produzir pulseiras através de linhas e cordões bem coloridos.	9
Na escola obtive vários ensinamentos sobre a arte, pois os professores transmitiam todo o conhecimento, consegui passar de várias maneiras o que seria arte, através de pinturas, releituras, observações, pesquisas, teatros.	10
Não trago muitas memórias em relação ao ensino da arte na minha infância. Não me recordo de ter tido aula específica de arte, a lei ainda não obrigava as escolas a oferecerem essa disciplina. Quanto às linguagens artísticas tenho lembranças de desenho, pintura, gravura e dança.	11
Na maioria do tempo o ensino da arte era baseado em reprodução de obras, pelo 6 ° ano do ensino fundamental que a professora de arte resolver começar a ensinar a história da arte e entrar em outras linguagens que não fossem o desenho. Lembro que tive algumas aulas de teatro, dança e algumas que utilizavam música como inspiração para desenhos e coisas do tipo.	12
Nas aulas de artes tenho poucas recordações, mas lembro bem que eram sempre dentro da sala, eram aplicados métodos tradicionais como desenho, pintura, colagem, releituras, nada que fosse diferente, instigante!	13

Fonte: Dados da pesquisadora.

<b>Quadro 4 – Depoimentos sobre a Disciplina de Artes - na disciplina de Gravura e Pesquisa – Licenciatura (2016)</b>	
Até meu segundo ano do ensino médio as aulas de artes eram sempre a ‘mesma coisa’ produções em folhas A4, e estudarmos sobre a história da arte. Isso veio a mudar no meu último ano, quando uma nova professora nos mostra a arte não mais fadada ao desenho, ela possibilitou que conhecêssemos mais sobre outras linguagens da arte e mostrando que a arte não se restringia apenas ao modelo acadêmico tão frisado por outros professores. Música, escultura, teatro, performance e a fotografia foram algumas das linguagens por ela passadas.	1
Tenho boas memórias das aulas de Educação Artística e preparação para o trabalho -ppt, lá aprendi um pouco de serigrafia em ppt, desenho técnico, ponto de fuga.	2
Técnicas de desenho de observação e frotage.	3
Não trago muitas lembranças boas, pois a aula de artes era livre porem existia muita copia a gente não criava da nossa cabeça, apenas copiava dos artistas. As linguagens usadas eram apenas de desenho, obras de arte já prontas.	4
Em relação ao ensino do MGP (sigla usada por todos conhecedores) podemos falar um pouco da matéria de arte, bom, está era um pouco complicada, pois, todos os anos mudavam de professores e os alunos ficavam meio “perdidos” nos conteúdos. Entretanto, as linguagens mais usadas eram o desenho e pinturas com tinta guache, sobretudo por que não tinha muitos materiais e outra por que não se tinha interesse dos professores.	5
Eu me lembro que nós desenhávamos bastante e tínhamos uma pasta portfólio na qual guardávamos nossas produções. Nessa escola tive a mesma professora durante os quatro anos, e a atividade diferencial que ela nos propôs foi a pintura em um quadro que era razoavelmente pequeno. A linguagem predominante foi a visual, sendo nesta o desenho, a pintura e o mosaico.	6
Eu lembro não de ter muito interesse nas aulas de arte, mas em compensação eu já achava o ‘ser professor’ um máximo! Até hoje eu me pergunto de onde veio essa fascinação pela arte, mas eu acredito que a resposta não seja tão importante assim. É "só" algo que eu curto muito e me sinto muito bem explorando.	7

Como eu disse: o ensino da arte não foi algo que marcou minha vida escolar, eu definitivamente achava partidas de xadrez durante a aula de Educação Física, muito mais divertidas do que qualquer coisa naquele lugar. Foi uma fase tão marcante, tão feliz, que eu decidi fazer na minha gravura uma peça de xadrez.	
As aulas eram bem dinâmicas, envolviam práticas, mas com teoria também. O professor passava para a turma trabalhos em cima das 4 linguagens, porém em sua grande maioria eram focadas nas artes visuais e no teatro (arte cênica).	8
Não lembro muita coisa sobre o ensino da arte na minha escola, mas o que era mais feito era desenho ou reproduzir imagens.	9
Era mais artes visuais mesmo, tinha música mas era tudo simples.	10
O ensino da arte nesse colégio foi bem diferenciado, pois fazíamos pesquisas sobre os períodos artísticos e no final do 3º trimestre escolhíamos um período e uma base de arte para fazer pintura em telas.	11
Minhas aulas de artes sempre foram criativas, porém a falta de recursos ofuscava um pouco o empenho dos professores, mesmo assim, eu vivi experiências boas que me fizeram escolher Artes visuais para cursar. Eu lembro de ter tido algumas apresentações envolvendo teatro, trabalhávamos com material reciclado, construímos brinquedos. No ensino médio também tive aulas produtivas.	12
Durante os anos que estudei nesta escola as aulas eram repetitivas, com a grande maioria focada na pintura, leituras, história da arte. Poucas vezes foram propostas atividades diferentes como fazer máscaras africanas, dobraduras...	13
O ensino da arte que tive, em sua maioria priorizava o desenho e a história da arte.	14
O ensino da arte no colégio era mais voltado para a arte Visual, com vários desenhos de diversos temas, leituras e Sensibilização dos alunos através de leituras. Entretanto, As professoras tiveram pouco tempo para realizar trabalhos artísticos, pois tinham no PPC o ensino da geometria e História da arte como obrigatórios no ensino da arte.	15

Fonte: Dados da pesquisadora.